

MONSTER HIGH 3



UMA LOBA
CHEIA DE
ESTILO



Monster

High

3



No terceiro volume da série, Clawdeen espera ser o foco dos holofotes na sua Festa Animal de 16 anos, mas a fama do documentário *O monstro mora ao lado* se espalha rapidamente e a família Wolf tem que se esconder no meio do mato — o que pode por tudo a perder. Enquanto isso, Frankie e Melody também passam por novos apuros: Frankie tenta superar a traição de Brett e dar uma chance para Billy, que realmente resolveu aparecer; Melody, por sua vez, quer acabar com o “Tour das Casas dos Monstros” de Bekka, ao mesmo tempo em que tenta a todo custo arrancar a verdade de seus pais e impedir que a Sr^a J. vá se esconder junto com Jackson



CAPÍTULO 1

BOTAS DE CARNEIRO

A lua — um delicado arco crescente — ainda demoraria semanas para ficar cheia. Não era hora de se esconder. Ela não estava se transformando. Sua batalha mensal contra os pelos que cresciam tão rápido, sua fome insaciável e sua irritação extrema não eram problemas. Mesmo assim, Clawdeen Wolf estava num barranco, correndo para salvar a vida.

— Esperem! — gritou ela para os cinco garotos dignos de aparecer num catálogo da J. Crew¹ que formavam uma barreira protetora ao redor dela enquanto avançavam, ofegantes, pelo mato.

¹ Rede de lojas dos EUA famosa por seus catálogos e anúncios com belos jovens. (N.T.)

Suas pesadas botas cobertas de lama amassavam a terra coberta de galhos com uma determinação incansável. Nem um minuto se passava sem que um deles jurasse manter Clawdeen segura, jurando que daria a própria vida por ela. Teria sido extremamente fofo, até mesmo romântico, se eles estivessem num programa tipo “namoro na TV”. Mas como eram irmãos, isso tudo acabava virando uma grande chatice.

— Meus pés estão me matando! — rosnou ela entre os dentes.

Howdon, mais conhecido como Don, o mais velho dos trigêmeos por sessenta e oito segundos, espiou por cima do ombro e olhou para baixo, fixando os olhos castanhos alaranjados nas botas curtas, douradas e pontudas de Clawdeen.

— Eu também ia querer te matar se você colocasse meu pé dentro de uma coisa dessas — disse, virando o rosto para encarar o mato fechado à frente. — Parece que o sapateiro só deixou espaço para um dedo.

Howie, o gêmeo do meio, escondeu o riso. Se Howleen, ou Lina, a irmã gêmea mais jovem, estivesse ali, teria percebido o insulto de Don e rebatido à altura. Lina, que tinha fama de malvada, também tinha problemas com botas graças ao Acampamento Militar. Enquanto Clawdeen tinha bolhas, a dor de Lina vinha da atitude de um sargento, do toque de despertar às cinco da manhã e de grupos de terapia sobre controle da raiva. *Ahhh...* pensar na sentença de um ano da irmã já fazia com que se sentisse aliviada.

— Essas botas não foram feitas por um *sapateiro*! — Clawdeen praticamente cuspiu. — Essas botas são de pele de carneiro!

— Por isso que você consegue correr tão *bééééém*? — brincou Clawnor, lá de trás. Seu apelido era Nino porque ele podia correr como o vento, como o *El Niño*.

Todos os irmãos Wolf caíram na risada.

“E qual é a *sua* desculpa?”, Clawdeen queria perguntar. Mas ela já sabia a resposta. Seus sensíveis ouvidos caninos ouviam os palavrões que Nino murmurava todas as vezes que se enroscava num arbusto.

Aos treze anos, o irmão mais novo estava ficando peludo rápido. As sobrancelhas fartas, as costeletas e mechas emaranhadas cobriam o rosto de Nino como uma cortina de algas marinhas. Nada que grampos ou produtos para cabelo não conseguissem resolver, mas Nino se recusava. A vida toda tinha esperado seu pelo maduro aparecer e não ia deixar que algumas chicotadas na cara o convencessem a ser careca de novo.

— Ai! — choramingou Clawdeen.

Uma pontada de dor causada pelo salto esfolando sua pele diminuiu sua velocidade, transformando a corrida em galope. *Será que é difícil tirar a mancha de sangue do couro? Se Lala estivesse aqui! Ela saberia.* Mas nenhuma de suas amigas estava por perto. E esse era o problema. Quer dizer, um dos problemas.

— Continue andando, Clawdeen — insistiu Rocks, agarrando seu punho e puxando-a com força. Folhas e longas sombras apareciam embaçadas na escuridão. — Estamos quase lá.

— Isso é ridículo! — Ela corria e mancava, segurando seu vestidinho roxo. — Nem sabemos se tem alguém atrás da gente e...

— Não, o que é ridículo é uma garota correndo com uma bota dessas — rebateu ele. — São feitas para quem tem cascos, não dedos.

Os garotos uivaram, rindo. Clawdeen também teria dado uma risadinha se seus pés não estivessem pulsando como uma batida *techno*. Em vez disso, o comentário maluco de Rocks foi uma desculpa para que ela parasse de correr e olhasse para ele.

Nascido Howlmilton, o irmão mais novo de Clawdeen tinha ganhado o apelido por fazer comentários tão toscos quanto uma pedra. Mas o que faltava em esperteza, sobrava em velocidade: recordes quebrados, queixos caídos, velocidade de 50 km por hora. Tudo que tinha que fazer para permanecer no time de atletismo da escola e manter seu status de astro era tirar nota D em tudo. E ele conseguia fazer isso, tornando-se ao mesmo tempo o membro mais veloz e mais lerdo da família.

— Continuem! — latiu Howie, enquanto os outros abriam caminho na frente.

Eles tinham sido muito zoados pelos outros IRADOs por causa de seus nomes. Mas, lá no fundo, eles também não gostaram muito. Porque, sinceramente, o que seus pais estavam pensando? Crianças *normies* não recebiam nomes como Norman, Norma, Normandy ou Normiena. Então, porque eles tinham que forçar os irmãos lobos a receber nomes como *Howl* e *Claw*? Ser uma garota com pescoço peludo já era suficientemente constrangedor. Será que seus pais não poderiam ao menos ter *tentado* tornar a vida menos penosa?

Rocks deu um tapinha de brincadeira no bumbum de Clawdeen.

— Força nos cascos, carneirinha!

Rosnando, ela voltou a mancar, amaldiçoando silenciosamente o dia que não saiu como planejado.

Não era para ter sido assim. O itinerário tinha sido muito bem planejado. Depois das aulas e de uma depilação rigorosa com cera, ela, Lala e Blue iam pegar uma *limo* até as dunas de areia do Oregon. Ali, iam se encontrar com Cleo e a editora de acessórios da *Teen Vogue*. Primeiro, um time de maquiadores e cabeleireiros iria transformar Clawdeen, Blue e Cleo em modelos glamorosas. Sob a direção de Lala, *stylists* iriam montar a produção com joias deslumbrantes exumadas da tumba da tia de Cleo. Depois, o famoso fotógrafo Kolin van Verbeentengarden iria fotografá-las sobre camelos para o editorial de moda sobre a alta-costura do Cairo. Depois de um brinde em homenagem ao seu futuro na moda, elas iam bebericar golinhos de champanhe, mais conhecida como “água de modelo”, e voltar na mesma *limo* para Salem. Iriam passar o dia seguinte inteiro contando todos os detalhes do invejado acontecimento para as colegas de classe. Meses mais tarde, aquela beleza exótica estaria disponível em bancas de jornal em todos os lugares, impressa em papel ultrabrilhante e encadernada por Condé Nast.

Mas o trio nem ao menos chegou perto das dunas. Nunca chegaram perto do glamour. Nunca tomaram “água de modelo”. E nunca estariam impressas em papel ultrabrilhante.

Maldito 14 de outubro!

Dentro da limousine, ela, Lala e Blue estavam procurando a TMZ nos canais da TV quando deram de cara com um programa especial chamado “O Monstro Mora ao Lado”. As três apareciam no programa, além do irmão de Clawdeen, Clawd e muitos outros amigos IRADOs. O inédito vislumbre da vida secreta dos monstros de Salem deveria ter ido ao ar com os rostos embaçados, casas em contraluz e nomes omitidos.

Mas estava lá, tudo claro como água cristalina. Em alta definição, só isso. Nem um pouquinho embaçado. Nenhuma imagem escura. Suas reais identidades, identidades que os IRADOs lutaram por gerações para manter em segredo, estavam sendo transmitidas para a cidade inteira. Agora, em vez de comemorar numa festa pós-show, ela estava correndo e mancando numa trilha até o esconderijo da família Wolf.

Quinta-feira 14 é a nova sexta-feira 13!

Seus rostos com certeza já estavam na internet e nos celulares nesse momento. E a pior parte de tudo? Cleo de Nile, a *ex* melhor amiga de Clawdeen, deve ter tido alguma coisa a ver com tudo aquilo. Era difícil correr com todas aquelas pedras no sapato:

Pedra 1: Frankie Stein tinha tido um papel importante na produção de “O Monstro Mora ao Lado”, conquistando muitos pontos de popularidade entre os IRADOs. O status de abelha-rainha de Cleo foi ameaçado, então ela estava determinada a acabar com Frankie.

Pedra 2: Cleo virou as costas para os IRADOs e, de uma hora para outra, tornou-se a melhor amiga de Bekka Madden, uma *normie* que queria acabar com Frankie Stein porque ela havia roubado seu homem.

Pedra 3: Cleo tinha se recusado a participar de “O Monstro Mora ao Lado”, provando que ela sabia que os IRADOs seriam expostos.

Era difícil imaginar Cleo sabotando toda a comunidade dos IRADOs. Mas, como a mãe de Clawdeen sempre disse, “as pessoas fazem coisas inimagináveis quando estão inseguras. Veja Heidi Pratts”. Clawdeen tinha chilikues quando sua mãe queria dar uma de moderna fazendo referências à cultura *pop*. Especialmente quando

errava o nome das celebridades. Mas Harriet estava certa: a insegurança de Cleo, assim como a de Heidi, tinha produzido coisas inimagináveis.

Mesmo assim, como ela pôde fazer isso?

Clawdeen começou a pegar velocidade, tentando correr para esquecer a raiva. A dor das bolhas que estouravam era pequena comparada à dor da facada que tinha recebido pelas costas. Seus saltos altos mergulhavam na terra macia e os bojos generosos de seu sutiã estavam na maior turbulência. Tênis e sutiã adequado teriam feito a maior diferença, mas ela foi forçada a fugir assim que colocou o pé para fora da limousine. Naquele momento, o filme já tinha sido transmitido e os IRADOs estavam em fuga.

— A gente não podia ter pego uma mala ou duas, pelo menos?

— perguntou Clawdeen, arriscando engolir um mosquito.

— Você podia não ter aparecido na TV? — rebateu Don.

O estudante estrelado tinha razão, como sempre.

— Eu não sabia que estavam enganando a gente!

— Devia ter percebido! — rosnou ele.

— Clawd também está no filme! — acrescentou Clawdeen, sem nenhuma culpa.

Don nunca ficaria bravo com Clawd. Ele era o mais velho.

— Eu fiz para ficar de olho em *você*! — disse ele, perdendo o fôlego. Estrela do futebol, ele era melhor em curta distância do que em provas longas. — Para me certificar de que não era uma armadilha.

— E funcionou? — provocou Howie.

Clawd deu um tapa de brincadeira no ombro dele. Howie devolveu o tapa.

Ela já sentia falta das amigas. *Nada de fofocas, risadas de doer o estômago, troca de roupas, passar a noite tingindo cabelo, competição de pintura de unha ou depilação com cera no spa.*

Ela cerrou os punhos e correu ainda mais rápido. Cada galho amassado pelas botas de Clawdeen era um *normie* preconceituoso. *Expulsos de casa. Sem internet. Sem televisão. Nada de correr às margens do rio escutando a trilha brega com músicas de surfe de Blue. Forçada a se esconder. Vivendo com medo.* Clawdeen correu mais rápido. *Esmague! Esmague! Esmague!*

Bandos de pássaros levantavam voo, em pânico. Roedores corriam de volta para seus buracos. Folhas crepitavam.

A clareira já podia ser vista. Sua mãe, Harriet, estaria ali, ansiosa para colocá-los em segurança.

— Talvez devêssemos pegar a mamãe e correr para casa — tentou Clawdeen. — Talvez seja hora de assumir quem somos em vez de ficarmos com medo de...

— Nós não estamos com *medo* — insistiu Howie. — O papai nos fez garantir a sua segurança e a segurança da mamãe enquanto ele estiver fora, só isso.

Clawdeen revirou os olhos. Era a mesma história, todos os dias. Os garotos tinham que proteger as garotas. Mas esta garota não queria proteção. Ela queria voltar para casa e confrontar Cleo. Ele queria ver a correspondência e checar se alguém tinha confirmado presença na sua Festa Animal de 16 anos (animal, sim, afinal quem queria ser princesa?). Ela queria tomar um banho quente e demorado.

— Vocês ficam com a mamãe e eu vou voltar — pressionou ela.

— Não. Somos uma matilha — disse Clawd. — E...

— Matilhas ficam unidas! — Todos terminaram a frase juntos.

— Continuem! Estamos quase lá! — Clawd os orientou.

Clawdeen mordeu os lábios e fez o que tinha que fazer. Mas sua tolerância em obedecer estava tão fina quanto suas meias. Esqueça a proteção dela... E a casa da família? Seus direitos individuais? A *liberdade* de todos? Tudo aquilo precisava de muito mais proteção do que ela.

A silhueta atlética de Harriet pôde ser vista à distância. Como sempre, ela acenava para que seus filhos viessem, apressando-os silenciosamente. Sendo levada pela “matilha”, Clawdeen acompanhava o passo, mas seu instinto de fuga estava prestes a vencê-la. Em vez de seguir, queria afundar seus saltos e fugir. E porque não poderia? Faltavam apenas algumas semanas para seu aniversário de 16 anos, estava velha demais para seguir a matilha. Tinha chegado a hora de controlar sua vida e mostrar à sua família que ela era mais do que um casaco brilhante.

Tinha chegado a hora dessa loba com suas botas de carneiro escapar.



CAPÍTULO 2

PELA TERRA OU PELO AR

Esgotada e dolorida do que parecia ter sido horas de correria tentando se esconder atrás de árvores, carros e postes, Frankie mergulhou num sofá de pedra no esconderijo subterrâneo dos IRADOS e se rendeu ao peso de suas pálpebras. Como sempre, a toca cheirava a pipoca e terra úmida. O carrossel acima tinha parado de funcionar no final do dia, mas as vozes familiares ainda circulavam ao redor de sua cabeça. Ela não tinha sido a primeira a chegar.

Seus pais estavam ali? Tinham conseguido chegar em segurança? Será que Brett era mesmo o culpado por tudo?

Frankie tentava não pensar nele senão poderia soltar faíscas. E ela não podia faiscar. Tinha que preservar até a última gota de energia caso precisasse correr de novo.

Seus dedos passaram pela barra de sua saia comprida e larga. Estava puída e lamacenta, definitivamente não servia mais para uso. Ela deu um sorrisinho fraco. Pelo menos alguma coisa boa disso tudo.

— Tudo bem com você?

Frankie ouviu uma voz masculina familiar e cheirinho de bala. Ela fez força para abrir os olhos. Não havia ninguém ali.

— Billy?

Ele afastou uma mecha dos cabelos negros enroscada nos cílios de Frankie e gentilmente colocou-a atrás da orelha dela.

— Sim — disse ele, suavemente.

Ela se esforçou para se sentar. Seu amigo invisível segurou-a pelo ombro e amparou-a de volta.

— Descanse.

Sirenes de polícia podiam ser ouvidas lá em cima. O lugar ficou claramente mais silencioso até elas se afastarem.

— Eu preciso pedir desculpas — ela conseguiu murmurar.

— Ninguém está te culpando.

Frankie deu um suspiro que inspirava dúvida.

— É verdade. Você fez tudo que podia para nos proteger. Todo mundo sabe disso. Brett enganou todos nós. Não foi só você...

Billy continuou falando. Falando e falando sobre como Brett era o cara errado para ela. Em como ele tinha usado Frankie para alavancar sua carreira no cinema. Em como ela nunca poderia ter confiado num *normie* que usava camisetas de filmes de monstros.

Frankie balançava a cabeça, concordando com Billy, mostrando-se tão indignada quanto ele. Mas se ela tivesse que ser honesta, teria dito que quando Brett deu as entrevistas

desembaçadas para o Canal 2, ele não apenas destruiu o elo de confiança entre eles. Ele também quebrou seu coração.

O esconderijo começou a ficar cheio com os apavorados IRADOS de sempre. Nervosos demais para se sentarem nos assentos de pedra, eles caminhavam. Os movimentos agitados bloqueavam e desbloqueavam a luz das lanternas penduradas nos ganchos do teto, criando um efeito estroboscópico vertiginoso. Jackson mordia os lábios enquanto seu ventiladorzinho afastava a franja descabelada da testa. Ao lado dele, Blue tirou suas luvas sem dedos e começou a hidratar as mãos com o creme do Burt Bees². Deuce tirou seu gorro verde para que as cobras em sua cabeça pudessem se desenrolar e se esticar. Lala, ainda mais pálida que de costume, fechou sua sombrinha vermelha e rapidamente se juntou ao grupinho fechado. Julia cumprimentou-as com seu olhar carinhoso de zumbi através dos óculos de gatinho.

Normalmente, as conversas começariam a borbulhar a partir daquele círculo e tomariam todo o lugar como gás de refrigerante sacudido. Mas, nesta noite, a conversa estava sem gás. Em vez da fofquinha cheia de risadinhas, todos trocavam olhares de “o que vamos fazer agora?”, acompanhado de uma sinfonia de unhas sendo roídas, pés batendo no chão e soluços abafados.

Billy deu um puxão no dedo de Frankie.

— Vamos falar oi.

— Vai você — disse ela, envergonhada demais para encarar os amigos.

² Burt Bees é uma marca de hidratantes naturais muito popular nos EUA.
(N.T.)

Não era apenas porque a sua missão de libertar os IRADOs tinha falhado, mas porque ela gostava mesmo de Brett e fez todo mundo acreditar que ele também gostava dela.

Billy apertou a mão dela antes de sair de perto.

— Tá bom, eu já volto.

Permitindo que seus olhos se fechassem novamente, Frankie ouviu vozes familiares passarem por ela como ondas de eletricidade.

— Quem poderia imaginar que Brett fosse um traidor? — disse Blue, com seu sotaque australiano mais pronunciado que nunca. — Eu sempre achei que ele era um cara legal!

— Bem, graças a esse traidor, eu vou ter que voltar para a Grécia — murmurou Deuce.

— Por quanto tempo? — perguntou Billy.

— Nem sei. Tempo suficiente para que o treinador me expulse do time de basquete.

— Cleo já sabe disso? — perguntou Lala.

O repentino *toc-toc-toc* dos saltos de madeira e uma brisa de perfume de âmbar impediram que Deuce respondesse a pergunta.

— Oooooii! — trinou Cleo, tão casual quanto se estivesse tomando um cafezinho.

— Queeee cabeeelo leeeegal — zumbiu Julia, percebendo o penteado *top model* de Cleo.

A zumbizinha nem percebeu a tensão do momento.

Frankie queria espiar, mas abrir os olhos tinha se tornado impossível. Ela sentia como se uma dúzia de brincos pesados estivesse balançando sobre suas pálpebras.

— Obrigada! Eu acabo de vir do ensaio da *Teen Vogue* — anunciou Cleo. Ela fez uma pequena pausa e depois perguntou. — O que há de errado com a Frankie?

— Ela só precisa dormir um pouco — insistiu Billy. — Ela vai ficar bem.

— Sério? Porque eu acho que ela está um pouco verde — Cleo deu uma risadinha.

As pontas dos dedos de Frankie ficaram aquecidas, mas não soltaram faíscas. Se ela tivesse um único watt de energia sobrando, iria enrolar aquela múmia real com tanta força que os cílios postiços dela iriam pular longe. *Mas o que é que ela está fazendo aqui? Ela nem estava no vídeo!*

— O que *você* quer? — perguntou Lala.

— Eu vim limpar o meu nome — disse Cleo, colocando um tom sério na voz. — Onde está Clawdeen?

— Ninguém sabe — suspirou Billy. — Ela não está respondendo ligações.

— Você não quer dizer que veio se *desculpar*? — Jackson colocou lenha na fogueira.

— Cleo se *desculpando*? — zombou Deuce. — Isso nunca vai acontecer.

— Exatamente, Deuce, porque eu *não* fiz nada.

— Mentira! — Blue atacou. — Você arruinou nossas vidas para impressionar sua nova melhor...

— Ka! — Cleo bateu seu salto de madeira. — Bekka Madden *não* é a minha melhor amiga!

— Bem, ela deveria ser, porque nós não somos mais — replicou Blue.

— Vocês vão me deixar terminar? — perguntou Cleo, apoiando as mãos no quadril.

Todos ficaram em silêncio.

— Eu admito que fiquei sentida porque vocês escolheram fazer o filme em vez do ensaio da *Teen Vogue* — Cleo começou a falar. — Eu me aliei à Bekka para apagar o vídeo do computador de Brett para que não fosse ao ar. Isso não é legal, eu sei. Tudo que eu queria era modelar com minhas melhores amigas, só isso. Então, tecnicamente, minhas intenções eram as melhores.

Julia zumbiu, concordando.

— Mas porque se aliar a Bekka? — perguntou Lala.

— Ela sabia as senhas de Brett.

— Por que *ela* não queria que o filme fosse para a TV? — perguntou Jackson.

— Quem liga? Ela tinha as razões dela, mas essas são as minhas, certo?

Os dedos de Frankie queimavam como bochechas vermelhas. *Ela* era a razão de Bekka.

— Mesmo assim, quando eu ouvi que o Canal 2 não ia mostrar o vídeo porque estava embaçado, pensei que estava tudo resolvido — continuou Cleo. — Vocês podiam modelar, eu podia parar de andar com a Bekka e aquela chata pra camelo, a Haylee. Eu não fazia ideia que eles iriam transmitir o filme sem censura. Eu não tive nada a ver com isso! Juro por Ra! Eu estava nas dunas do Oregon lutando pela minha vida no meio de um estouro de camelos quando tudo isso estava indo pelos ares. Se Melody não tivesse me falado, eu nunca...

— Como *está* a Melody? Alguém falou com ela? — interrompeu Jackson. — Minha mãe paranoica pegou meu telefone.

— Ei, quer ouvir uma coisa estranha? — Cleo se aproximou, pronta para revelar tudo sobre a nova *normie*. — Sabe que, quando ela canta...

Blue cortou-a.

— Oh, pare de enrolar e fale de uma vez. Você nos enganou ou não?

Frankie desejou ter visto a cara de Cleo. Ninguém *nunca* falava com Sua Majestade daquele jeito.

— Bekka fez tudo sozinha — insistiu Cleo. — A única coisa que eu fiz de errado foi escolher uma sessão fotográfica em vez de escolher nossa causa. Foi isso. Eu nunca colocaria vocês em perigo. Nem mesmo pela *Teen Vogue*. Juro por minha coroa que apodrecerei numa tumba se estiver mentindo. — Ela fez uma pausa. — Alguma pergunta?

Ninguém disse nada. Em vez disso, Frankie ouviu sons de beijos de perdão e murmúrios abafados pelos abraços de “está tudo perdoado”.

— Queeee cabeeelo leeeegal — zumbiu Julia, pela segunda vez. Cleo deu uma risadinha.

— Obrigada, zumbizinha!

“Esperem! Eu tenho uma pergunta!”, pensou Frankie. “Quando você disse que Bekka tinha feito tudo sozinha, você quis dizer sozinha com você ou sozinha com Brett? Brett é inocente? Ele... Ai! Espere! Cãimbra de energia! Aaaaaaahhh...”

O corpo de Frankie começou a zunir. Correntes quentes e brilhantes percorriam sua espinha e energizavam seus órgãos. Suas mãos contorciam-se. Seus pés sacudiam. Seus olhos se abriram, arregalados. *É assim que os normies se sentem quando comem açúcar?*

Seu pai estava agachado perto dela, encarando-a intensivamente, como se quisesse ler seus pensamentos.

— Como está a menininha perfeita do papai?

Frankie balançou a cabeça e sentou-se. As mãos quentes de sua mãe apoiaram suas costas.

— Estávamos tão preocupados com você — disse Viktor. — Se Billy não tivesse dito onde você estava...

— Frankie, mais cinco minutos e você apagaria — explicou Viveka. — Perda de memória, coma... — Ela balançou a cabeça, afastando esses pensamentos horríveis.

— Aqui — disse Viktor, orgulhoso. Uma bolsa matelassê preta com alças vermelhas como sangue balançava na ponta de seu dedo indicador. — É para você.

Confusa, Frankie olhou para a mãe. A bolsa era *eletrizante*, mas era uma hora esquisita para receber presentes.

— Vamos — Viveka sorriu. — Pegue!

O esconderijo estava repleto de pais correndo para abraçar os filhos.

— É um carregador portátil — explicou Viktor. — Deixe-o perto de seu corpo e você ficará carregada.

— Nós fizemos algo parecido com uma bolsa Chanel — sussurrou Viveka, triunfante.

Frankie revirou a bolsa nas mãos. Zumbia como se estivesse viva. As alças estavam decoradas com pequenos parafusos de pescoço e lá dentro havia mais bolsos do que na sua calça cargo. Ele imediatamente colocou lá dentro seu iPhone4, a carteira preta e verde da Harajuku Lovers, o pó compacto com capinha de cristal, a caixa de maquiagem Fierce & Flawless, o chaveiro da Lady Gaga e um pacote

de caramelos, descartando sua antiga mochila prateada. Coube tudo direitinho e ficou lindo.

— Eu adorei com todo o meu buraco do coração! — Frankie ficou radiante, puxando os pais num gigantesco abraço de agradecimento.

Eles tinham cheiro de produtos químicos e gardênia, um aroma que ela aprendera a associar com amor.

— Uma hora um pouco estranha para abraços e expressões adolescentes fofinhas, vocês não concordam?

Uma voz masculina, grave e melódica encheu de repente o lugar.

Os Stein se afastaram para ver um monitor gigantesco que descia do teto. Parou bem no centro do esconderijo lotado e pairou a 3 metros do chão. Os IRADOs rapidamente pararam de se lamentar e encararam a tela, que mostrava um senhor distinto sentado embaixo de um gigantesco guarda-sol. Usando óculos escuros Carrera e um roupão de cetim dourado, ele tinha uma pele profundamente bronzeada e cabelos negros que estavam puxados para trás com marcas de pente. O enquadramento revelava muito pouco sobre sua localização, apenas o parapeito de madeira polida de um iate. Jay-Z retumbava no fundo. Mulheres davam risadinhas. Taças de champanhe faziam *tim-tim*.

— Por favor, nos perdoe, Sr D. — disse Viktor, aproximando-se da tela. — Nós ficamos tão contentes em ver que Frankie estava a salvo e...

Cruzando os braços sobre o peito macio, o homem na tela balançou a cabeça, desaprovando.

— Perdão — afirmou Viktor, humildemente.

Três mulheres passaram pela tela batendo os saltos altos com marcas de sol pelo corpo que mais pareciam quadros de Mondrian³<E:\REVISÕES JULHO\Text\notas.xhtml> - [footnote-210-3](#). Enquanto caminhavam, suas longas unhas pintadas de pink raspavam a nuca do Sr D.

Envergonhada, Lala escondeu o rosto com as mãos.

Frankie despreendeu-se da mãe e se aproximou dos amigos.

— Como ele consegue esse bronzado? — Cleo perguntou para Lala.

— Trinta horas consecutivas numa cama de bronzear — sussurrou ela, respondendo.

— Eu odeio essas coisas — exclamou Frankie, lembrando-se de seu terrível surto elétrico no spa. — Parecia até que eu estava num caixão.

Cleo e Lala deram uma risadinha.

— Hum, parece que ele não se importa com isso — acrescentou Cleo.

Elas riram de novo.

Não entendendo a piada, Frankie virou-se e sussurrou dentro dos cachos loiro-oxigenados de Blue:

— Quem é esse cara?

— O pai da Lala — Blue sussurrou. — Ele é o capeta.

— *Quem?*

— O macho alfa — disse Blue.

³ Pieter Cornelis Mondrian, ou Piet Mondrian, foi um pintor holandês modernista que ficou conhecido pelos seus quadros de blocos de cores primárias (amarelo, azul e vermelho). Sua obra, muitas vezes copiada, continua a inspirar a arte, o design, a moda e a publicidade. (N.T. e N.E.)

Frankie franziu as sobrancelhas.

— O chefão!

— Oh!

— Esperto como um rato de esgoto, esse aí — continuou Blue.

— E um terror com as mulheres, se você entende o que eu quero dizer...

Frankie balançou a cabeça, fingindo que entendia.

O Sr D. limpou a garganta.

— Vou deixar a bronca pra outra vez. Acho que ser expulsos de casa já é punição suficiente para vocês. Estou certo?

Vários pais baixaram as cabeças, envergonhados. Alguns seguraram as lágrimas. Frankie recuou e se escondeu atrás de Deuce, só para se prevenir no caso do Sr D. querer escolher um bode expiatório. Mas ele não parecia estar preocupado em encontrar um culpado. Ainda bem que ninguém estava. Culpa era um luxo que não podiam mais ter.

— Eu fiz todos os arranjos necessários — afirmou ele. — Meu irmão Vlad vai recolher seus telefones e documentos. Eu providenciei novos celulares, novos números e documentos para que vocês não possam mais ser encontrados.

O tio de Lala, Vlad, apareceu na frente de Frankie segurando um gigantesco saco preto aberto. Ele não tinha mais de 1 metro e meio, com um chumaço de cabelo grisalho, óculos tartaruga redondos e uma camiseta justa listada de preto e branco. Ele parecia um bonequinho do Andy Warhol⁴ que viria dentro de um Mc Lanche Feliz.

⁴ Andy Warhol foi um empresário, pintor e cineasta norte-americano. Um dos ícones do movimento da pop art, era conhecido por sua aparência exótica.

(N.T.)

— Gostosuras ou travessuras — disse ele, as pontinhas de seus caninos clareados com Crest Whitestrippe acomodando-se entre seus grossos lábios.

Com os dedos faiscando, Frankie procurou sinais da presença de Billy pela multidão. O telefone dela tinha sido um presente dele. Ela não podia simplesmente...

— Tudo bem — disse Billy, como se lesse seus pensamentos. — Eu não me importo.

Tio Vlad esticou a cabeça e levantou a sobrancelha direita como se dissesse “vamos logo!”.

Frankie colocou a mão dentro da sua nova bolsa e pegou o telefone. Como um cachorrinho feliz fazendo festinha para o dono, o telefone ficou carregado com um toque. Oh, como eles sentiriam falta um do outro!

— *Vite, vite*⁵! — apressou tio Vlad.

Frankie deixou o telefone cair dentro do saco escuro.

— A carteira também, faisquinha.

Frankie destestava ser vítima de *bullying* e considerou faiscar a ponto de transformar aqueles caninos branquinhos em torrões queimados. Mas agora não era hora de chamar a atenção para si mesma. Em vez disso, ela tirou sua identidade escolar da Merston High e jogou-a dentro do saco.

— A carteira fica comigo — insistiu ela.

— Miaaaaauu! — ronronou tio Vlad. — Frankie feroz falou!

⁵ Em francês, “Rápido, rápido!”. (N.T.)

Frankie sorriu ao ouvir o apelido, que ela considerou um elogio. Ele deu uma piscadinha como se fosse mesmo e depois entregou a ela um envelope preto.

— O que é isso?

— Dinheiro para emergências, nova identidade, itinerário de viagem e um cartão-presente para resgatar um novo iPhone em qualquer loja Apple no mundo todo.

— Itinerário de viagem? — perguntou Frankie. — Para onde estamos indo?

— Meia volta, volver, Frankie feroz! — Tio Vlad gesticulou apontando o lugar cheio de gente esperando pelos seus envelopes. — Você não é minha única cliente.

Ele e seu sinistro saco preto foram até Cleo.

— Esqueça, cara! — Ela agarrou a bolsa, apertando-a junto ao peito. — Eu não fiz nada! Eu nem apareci na TV!

Frankie revirou os olhos enquanto abria caminho até a frente da multidão.

— Uma frota de jatos está a caminho — continuou o Sr D. — Eles estarão nos locais de costume em três horas. Um de meus contatos no FAA garantiu passagem segura para todos. Fiquem aqui até a hora certa. Ninguém deverá voltar para casa. Não é seguro.

Os sussurros aumentaram.

— O que vai acontecer com Salem depois que formos embora? — perguntou um dos adultos. — Quem vai cuidar do meu restaurante?

— E do meu escritório de advocacia?

— E dos bombeiros?

— E os meus alunos?

— E os meus pacientes?

O pânico começou a dar lugar aos questionamentos. Essas pessoas eram muito poderosas, reconhecidas não só entre si, mas por toda a comunidade. Será que o Sr D. realmente esperava que eles deixassem tudo para trás e fossem embora? Quem iria ficar em seus lugares? Como a sociedade poderia funcionar sem eles? E o que seria daqueles que seriam deixados para trás?

Esquecendo a regra de seus pais para não se aproximar muito da TV, Frankie aproximou-se da tela e disparou:

— Tem certeza que ir embora é a melhor opção?

O Sr D. inclinou-se para se aproximar da câmera, seus olhos redondos refletidos em seus óculos escuros.

— Senhorita Stein?

Frankie confirmou.

Ele voltou a se reclinar em sua cadeira de capitão, alisando a ponta dos dedos.

— Sim, eu ouvi falar de você.

Frankie ficou radiante.

— Obrigada.

Alguns adultos seguraram o riso.

— Desculpe-me, senhor — disse Viktor, colocando a mão no ombro de Frankie, puxando-a para longe da tela. — Ela acabou de nascer. O que ela está tentando dizer é que alguns já estão cansados de ser intimidados. E nós queremos ficar.

— É fácil para você falar isso — rebateu Maddy Gorgon, a mãe de Deuce. — Frankie não estava no filme.

— Sim, ela *estava* — insistiu Viveka.

— Só a voz dela estava — argumentou a tia de Blue, Coral. — Engraçado como ela conduziu as entrevistas *atrás* das câmeras. É como se ela *soubesse* que isso ia acabar em confusão.

Frankie sentiu como se uma mangueira a vácuo estivesse sugando seu corpo através do umbigo, obrigando-a a assumir uma postura contida.

— A gente só tinha uma câmera! — ela gritou. — Acho que eu poderia ter me sentado no colo do entrevistado ou a gente podia pendurar a câmera num pêndulo, mas...

Viktor tocou o ombro da filha para alertá-la.

— Já chega — murmurou ele.

— Isso foi demais! — sussurrou Billy no outro ouvido.

Frankie estava tensa demais para sorrir.

— Você está acusando minha filha do quê, exatamente? — perguntou Viveka.

Na tela, o Sr D. murmurava o que queria de almoço para uma garçonete.

— Acho que você sabe — disse Coral. — Ela só causou problemas desde o dia em que nasceu.

Frankie soltou faíscas.

— Espere um pouco, Carol — disse Rami de Nile, sentado confortavelmente numa poltrona de pedra.

— É *Coral*.

— Minha Cleo também não estava no filme — continuou ele. — Você está sugerindo que ela também tinha algum motivo oculto para não estar?

— Talvez — pressionou Coral.

— Então *eu* tenho uma sugestão para *você* — disse Rami, no momento em que Cleo apareceu ao seu lado. — Talvez você precise controlar sua sobrinha.

— Sai pra lá! — berrou Blue. — Eu estou controlada!

Lala deu uma risadinha e o Sr D. virou-se para olhar o grupo.

— Realmente, parece muito controlada — zombou Rami.

— Bem, eu não quero arriscar — Maddy interrompeu a briga. — Deuce e eu vamos voltar para a Grécia.

— O quê? — gritou Cleo. — Por que você não me disse? — perguntou para o namorado.

— Eu descobri faz uma hora — choramingou ele.

— Por quanto tempo vocês vão ficar lá? — Cleo perguntou para a Sr^a Gorgon.

— O tempo que for necessário — afirmou Maddy, resoluta. — *Normies* do mundo todo agora sabem quem nós somos. Precisamos estar com nossa família. São os únicos em quem podemos confiar.

— Isso não é verdade! Tem muitos *normies* por aí que nos apoiam — disse Jackson, obviamente pensando em Melody.

— E o basquete? — perguntou Cleo. — O treinador vai expulsar Deuce do time se ele perder... — Ela começou a chorar. — E *eu*?

— Graças às suas escolhas *sensatas*, você vai ficar bem aqui — declarou Rami, mesmo sabendo que não era isso que Cleo queria dizer.

Coral abanou seu envelope preto no ar.

— Bem, Blue está voltando para seus pais, em Bells Beach.

Ouvindo isso, a criatura marinha banhou-se em lágrimas salgadas. As escamas secas em suas bochechas brilharam quando ficaram molhadas. As promessas apressadas da tia, de temporadas

diárias de surfe e mergulhos no entardecer perto da grande barreira de corais acalmaram Blue momentaneamente, mas a ideia de deixar suas amigas e perder a Festa Animal de 16 anos de Clawdeen acabou de vez com ela.

— Nós mandamos um vídeo da festa — disse Jackson, tentando consolá-la.

— Como é? — perguntou a mãe dele. — Nós não vamos ficar.

— *O quê?* Eu não posso simplesmente ir embora! E a escola? Minhas aulas de arte? E *Melody*?

— Ela é uma garota boazinha, Jackson, mas a menor das minhas preocupações no momento.

Brigas estavam acontecendo ao redor de Frankie. Pais e filhos discutiam sobre seus futuros enquanto o tio Vlad arrancava os telefones de suas mãos.

Lala era a única que ainda olhava fixamente para a tela.

— Isso significa que vou encontrar com você no iate, papai? — Sua voz estava adocicada pela esperança.

— La, estou comandando um império internacional deste barco. Não é um cruzeiro da Disney — explicou o Sr D., num tom que dava a entender que não era a primeira vez que ele falava aquilo.

Lala baixou os olhos, encarando os cadarços roxos de seus coturnos. Depois de um momento, ela levantou os olhos mareados.

— Então eu vou ficar aqui? Com o tio Vlad?

O Sr D. balançou a cabeça.

— Por que não? — perguntou ela, escondendo as mãos pálidas nas mangas de sua blusa *boyfriend*. — Eu não sou como você. Eu não apareço nas câmeras. Ninguém viu o meu rosto.

— Eles sabem onde você vive.

— Mas...

— Você vai se distrair na Transilvânia — insistiu ele.

— Não! — Lala afastou-se da tela. — Não os velhinhos sorridentes, *por favor!*

— Pare de chamá-los assim. Você estará segura lá. Se você tiver sorte, eles podem até ensinar a você algumas coisinhas sobre responsabilidade e comando.

Vlad revirou os olhos, vestindo a carapuça da indireta.

— Eles tomam *milkshakes* de carne e ficam o dia inteiro dentro de casa!

— Bem, eles são um pouco tradicionais — admitiu o Sr D.

— Papai, quando eu contei para o vovô que eu queria ser veterinária, ele disse que eu já era porque não comia carne. Ele nem sabe a diferença entre veterinária e vegetariana!

— Eles acertaram comigo, não acertaram?

Lala não respondeu.

— Aguenta aí — instou o Sr D.

— Tem que aguentar mesmo — Blue sussurrou, dando risadinhas.

— O vovô está só provocando você. Dê uma chance a eles.

— Mas, papai...

Na tela, a garçonete voltou com um filé fumegante numa bandeja de prata.

— Sinto muito, mas tenho outra reunião — anunciou ele. — Maddy, os telefones.

Tio Vlad esvaziou o saco no chão. A mãe elegante de Deuce deu um passo à frente.

— Fechem os olhos — disse ela, pegando as hastes de seu Dior preto.

Todos fecharam os olhos e ela levantou os óculos. O lugar rapidamente esquentou e depois esfriou assim que ela baixou novamente os óculos sobre os olhos.

— Pronto — anunciou ela.

Diante deles estava uma escultura feita de celulares descartados, carteiras e identidades — outra obra de arte esquisita que ocuparia espaço no esconderijo subterrâneo. O último tributo para a luta que se desenrolava.

— Boa sorte para todos vocês — disse o Sr D. mais alto que o som dos soluços. — E lembrem-se: reclusão não é humilhação.

— Reclusão não é humilhação! — todos murmuravam de volta. Todos, menos os Stein.

A tela ficou escura e o monitor subiu de volta para o teto.

Do outro lado do espaço, a tia Coral, que ainda estava consolando Blue, disparou olhares de ódio contra os Stein.

— Acho que devemos ir agora — disse Viktor, colocando um braço ao redor de Frankie para protegê-la.

Frankie achou difícil acreditar que seus pais estavam considerando seriamente ficar ali.

— Então, é isso? Estamos voltando para Radcliffe?

Viveka ajoelhou-se e pegou a mão da filha.

— É isso — Seus olhos violeta eram firmes e convictos. — Nós estamos fazendo a mesma coisa há séculos e não fomos muito longe. Então, agora vamos tentar fazer do seu jeito.

— *Meu* jeito? — Frankie soltou faíscas e puxou a mão.

Imaginar-se a líder de uma revolução vitoriosa a levantava mais do que sutiã com bojo. Mas ouvir essas palavras em voz alta parecia uma responsabilidade pesada e cheia de consequências. E depois de todas as suas tentativas frustradas lutando pela liberdade, ela se perguntava sobre sua capacidade de carregar esse fardo sozinha.

— Eu não tenho um plano ou coisa assim.

— Tudo bem — Viktor segurou o riso, pensando no que a filha já tinha feito. — Porque agora tudo que precisamos é ficar parados e seguros. Nosso objetivo é continuar vivendo nossas vidas. Fazer nossos negócios como sempre. Só isso. Nada mais. Ainda não. Sem estratégias, sem planos, sem esquemas. Pelo menos não até sabermos contra o quê ou contra quem estamos lutando. Certo?

— Certo! — concordou Frankie, mesmo sem entender muito bem.

Pelo menos não completamente. Mas ela entenderia. Assim que ela encontrasse Brett na escola na segunda-feira e perguntasse, ou melhor, *exigisse*, que ele explicasse o papel dele nessa história toda. Daí, depois que ela tivesse lidado com ele apropriadamente, concordaria com as regras do pai.

Entre despedidas lacrimejantes e alguns olhares de vingança, Viktor conduziu a família até a velha porta de madeira. Pelo caminho, Frankie e Viveka se desgrudaram dele para abraçar amigos e desejar boa sorte.

— Vocês vão mesmo ficar? — perguntou a Sr^a J., colocando um lençinho amassado no canto do olho, por baixo de seus grossos óculos escuros.

— Vamos — disse Viveka, sorrindo para Frankie.

Frankie sorriu para a mãe.

— Gostaria que eu e Jackson pudéssemos ficar, mas...

— Com todo o respeito, Viv — disse Maddy Gorgon, cortando a Sr^a J. — Você realmente acha que ficar é a melhor opção para a sua filha?

— Com certeza — respondeu Viveka, com uma convicção refletida nas lentes Dior de Maddy.

— Foi ideia minha — disse Frankie, apressando-se para sair em defesa da mãe.

— Nós aprendemos muito com ela nos últimos meses — Viveka olhou radiante para a filha.

— Nossos filhos são espertos. Não podemos discordar disso — disse Maddy, arrumando o lenço verde e amarelo sobre a cabeça. — Mas em momentos como esse, acho que é mais sábio deixar que os adultos ensinem os mais jovens.

— Estamos ensinando a ela o que é a vida — disse Viveka. E virando-se para Frankie, acrescentou: — E ela está nos ensinando a viver.

— Bem, então — disse Maddy com um sorriso cáustico. — Só podemos esperar que ela saiba o que está fazendo.

— Vocês se cuidem muito bem — fungou a Sr^a J. — Queremos vocês inteiros aqui se voltarmos um dia.

Se voltarmos? Nunca tinha passado pela cabeça de Frankie que toda essa gente poderia estar indo embora para sempre. Ela estava concentrada demais em sua própria dor. Muito preocupada em confrontar Brett. Tomada pela decisão eletrizante de seus pais em ficar.

Envergonhada pelo seu egoísmo, Frankie ajustou seu botão interno da empatia e sintonizou-o com a frequência do lugar. O pesar

era tão denso quanto a cinzenta e opressiva névoa que baixava sobre Salem.

Pais formavam grupinhos, discutindo seus planos recém-inventados em conversas apressadas. Jackson tinha se sentado numa poltrona, inclinado para frente como se estivesse tentando não vomitar. Lala e Blue davam risadinhas entre choros gravando vídeos uma no celular da outra. Os braços dourados de Cleo enlaçavam Deuce. Cílios postiços encharcados balançavam de seus olhos como galhos à beira de uma queda de água. Se lágrimas salgadas pudessem calcificar, seus olhos ficariam cobertos de estalictites. Será que isso era mesmo um adeus para nunca mais?

Frankie não conseguia imaginar ir para a escola sem essas pessoas. E não conseguia imaginar um sem o outro. Agora, mais do que nunca, ela estava determinada a fazer o que era certo. Ser aquela que seria lembrada por unir e não desmanchar. Trazer sentido para sua vida e sentir que merecia ser chamada de “a garotinha perfeita do papai”. Ela devia isso aos seus amigos, aos seus pais, ao seu futuro.

Assim como Martin Luther King Jr., Frankie sonhava em viver numa nação onde as pessoas não seriam julgadas pela cor de sua pele, mas pelo seu caráter. Quanto mais cedo realizasse esse sonho, mais cedo poderia começar a sonhar como Kate Perry o sonho adolescente.



CAPÍTULO 3

PERSUADIDO

A porta da frente da casa dos Carver foi aberta com tudo. Melody ergueu a cabeça latejante que estava apoiada na mesa da cozinha e se preparou para uma batida forte da porta que não aconteceu.

— O-oi? — gritou sua irmã mais velha, Candace, cuspidando uma casca de pistache na direção de Melody.

Ninguém respondeu.

As garotas trocaram um olhar apavorado que parecia perguntar: *Será que vamos ser presas? Questionadas sobre nosso envolvimento em “O Monstro Mora ao Lado”? Raptadas e torturadas até revelarmos os esconderijos dos IRADOs?*

Se elas soubessem...

— Nós temos atiradores carregados, viu? — acrescentou Candace.

Melody revirou os olhos.

— Quem fica carregada é a arma, não o atirador — sussurrou ela.

Candace deu de ombros no seu gesto típico de “eu devia receber crédito só por saber falar isso porque loiras perfeitamente simétricas não precisam saber disso e eu sei”.

— Onde está ela? — gritou o intruso.

O barulho familiar dos saltos das botas de caminhada Tory Burch estalando no chão as acalmou.

— Oi, mãe — murmurou Candace, mastigando outro pistache.

Melody apertou a rediscagem no celular pelo que parecia ser a milionésima vez naquela noite. Mais uma vez, foi direto para a caixa postal. Ela desligou.

— Estou dizendo, tem alguma coisa errada com Jackson.

Glory Carver apareceu na porta da cozinha de madeira. Sua forma pequena estava envolvida por um *trench coat* despretensioso, permitindo que seus cachos ruivos assumissem o papel principal.

— Onde está o seu pai? Ele já devia estar em casa há horas.

— Sei lá — Melody sacudiu os ombros.

— Oh, bem, eu não posso esperar nem mais um minuto. Vamos lá, contem-me tudo! — insistiu Glory, esfregando as mãos ansiosamente.

Melody sentiu o estômago revirar. Não havia nada a respeito desse pesadelo que ela queria compartilhar, especialmente com *ela*.

— Vamos lá! Eu não saí correndo do clube do livro só para vocês ficarem olhando para a minha cara. Falem!

— Você não vai fechar a porta da frente? — perguntou Melody, incapaz de olhar nos olhos da mãe.

— Sêrio? A *porta*? — Glory desamarrou o casaco e sentou-se com as filhas na mesa de vidro oval que zombava da casa rústica com aquele brilho Beverly Hills. — Só isso?

— Só — Melody se levantou e abriu violentamente a porta de madeira da geladeira. O ar gelado era confortante.

— Você não devia estar tão apagada... — disse Glory.

Melody revirou os olhos encarando o leite desnatado orgânico.

— Mãe, acho que você devia dizer que ela devia “dar umas pegadas” — disse Candace, pronunciando cuidadosamente. — E eu concordo. Ela está totalmente obcecada por Jackson. Ela precisa namorar.

— Na verdade — disse Glory, dando uma risadinha. — Eu quis dizer “apagada” mesmo. — Ela fixou os olhos verdes em Melody. — Eu não estou entendendo.

— Tenho muitas razões para ficar assim — Melody fechou a geladeira e saiu pisando duro até bater a porta da frente.

“Será que estou assim porque meus amigos se tornaram o alvo de uma maciça caçada aos monstros?”, ela queria gritar. “Ou porque meu namorado não atende ao telefone há três horas? Oh, não, espere! Eu sei por que estou apagada. É porque o mordomo de Cleo, Manu, me deu motivos para acreditar que você não é minha verdadeira mãe!”. Mas a genealogia não era a prioridade agora. A prioridade era encontrar Jackson. Então Melody voltou para a cozinha sem falar nada.

— Eu só achei que vocês estariam comemorando, só isso — explicou Glory, com uma atitude de autocomiseração.

— Comemorando? — perguntou Melody, confusa.

— Sua irmã me mandou uma mensagem com a grande notícia do editorial da *Teen Vogue*.

— Grande notícia?

— Quando eu fiquei sabendo que sua voz tinha voltado, eu quase caí dos meus saltos!

Candace mordeu outro pistache.

— Espere! — Melody se apoiou no balcão e enfiou as mãos nos bolsos do moletom. — Você está falando da minha voz?

Glory confirmou.

— Claro! Eu quero ouvi-la!

Ela colocou as palmas das mãos juntas como se estivesse rezando e mexeu os lábios falando *porfavorporfavorporfavor*.

— Cante *Defying Gravity*, de *Wicked*. Como você sempre cantava. Essa sempre foi a minha favorita.

Candace caiu na gargalhada.

— Mamãe, eu não estou muito a fim ago...

— Baby! — chamou Beau assim que entrou em casa. — Você não vai acreditar!

— Eu sei! Ela voltou a cantar! — Glory correu até o hall para cumprimentá-lo. — São oito e meia, onde você estava?

— Os telefones estavam tocando loucamente no escritório.

Permanentemente bronzeado num terno Armani, o cirurgião plástico que desafiava o tempo e a idade entrou na cozinha. Desafrouxando a gravata, ele beijou as filhas na testa e depois se acomodou em uma das cadeiras pretas em forma de mão aberta ao

redor da mesa. Glory pegou o prato favorito dele do *fast-food* natureba, *quesadilla* à lá *Baja*, colocou-o dentro do micro-ondas e ajustou o cronômetro.

— Por que você não deixou a secretária responder?

— Curiosidade mórbida — disse ele. — As ligações eram de adolescentes perguntando se eu podia implantar presas, chifres, rabos... O que você imaginar. Eles queriam ser como... — Ele estalou os dedos, tentando se lembrar da palavra, mas desistiu e continuou. — Enfim, primeiro o dr. Kramer e eu pensamos que eram brincadeiras sem graça, assim como a que os garotos do Merston fizeram com Brett. Mas depois ouvimos falar do filme no Canal 2 e...

— Poder NECIP! — gritou Candace, erguendo o punho cerrado no ar.

— O que é NECIP? — perguntou Glory enquanto o micro-ondas apitava.

— *Normies Engajados Contra Idiotices Preconceituosas* — explicou Candace. — Melly, está funcionando! *Normies* querem ser IRADOS! Nossa mensagem está sendo ouvida! — Ela começou a escrever uma mensagem para Billy. — Cara, isso vai ficar ótimo no meu currículo universitário.

— É isso! Assim que eles são chamados! IRADOS! — disse Bean, abanando sua *quesadilla* fumegante. — E pelo que eu entendi, alguns deles vivem na nossa rua! — Ele deu um gole no vinho que tinha aparecido diante dele graças à Glory. — O dr. Kramer está morrendo de vontade de ver um, então convidei a família toda dele para jantar no domingo à noite. Ele tem dois filhos da idade de vocês, então...

— Então *o quê?* Você está começando outro tipo de negócio agora? — rebateu Melody. — Venha ver os esquisitos da Radcliffe Way? Jantar incluso no preço do ingresso! Redes de caça grátis enquanto os estoques durarem!

— Qual é o *seu* problema? — perguntou ele.

— Apagada... — explicou Candace. — Mas ela está certa, papai. Eles não são atração de circo.

Melody balançou a cabeça, concordando.

— Eu nunca disse isso...

— Aliás, os filhos do Kramer são meninos ou meninas?

— Meninas.

— Tô fora! — exclamou Candace.

— Nem pensar! — insistiu Beau. — A presença é compulsória.

— Beau, porque você convida as pessoas para jantar às vésperas das nossas férias? — perguntou Glory, enchendo a taça dele de vinho. — Temos que sair na manhã seguinte.

— Era a única noite que eles podiam.

— Patético — murmurou Melody, suspirando.

Será que seus pais estavam sendo tão casuais diante de uma coisa tão séria? Será que as coisas ruins tinham que acontecer com *eles* para que eles ligassem? Não era suficiente que estivesse acontecendo com os vizinhos?

— Mas a gente vai ter que fazer as malas e...

— Não se preocupe — disse Beau, levantando a taça sobre a fumaça. — Eu pego alguma coisa no Hideout Inn, você coloca numa louça bonita e eles vão pensar que foi você que fez.

Glory sorriu e fez um *high five* com o marido.

— Eu sabia que tinha me casado com você por algum motivo.

Vocês estão ouvindo o que vocês estão falando? Melody estava quase gritando. Mas seu iPhone começou a tocar.

Jackson!

Correndo para atender, ela se perguntava se estaria envolvida nessa “causa” se seu namorado não fosse uma das vítimas. Ou se Candace estaria preocupada com tudo se ela não achasse que “Líder dos NECIP” ficaria ótimo em seu currículo. Mas Melody afastou esses pensamentos, querendo acreditar que ela se importava mais do que seus pais. Muito mais.

— Oi? — ela engasgou, mesmo vendo que a ligação vinha de um número bloqueado.

Uma voz sussurrou do outro lado.

— Melody, aqui é Sydney Jekyll. Digo, Sr^a J. Sua professora de Biologia. A mãe de Jackson.

Melody sentia a boca seca.

— Ele está bem?

— Está — suspirou a Sr^a J. — Ele apenas se recusa a ir embora sem dizer adeus.

— *Ir embora?* Para onde ele está indo?

Um furacão de náusea invadiu seu corpo.

“Quem é?”, perguntou Glory sem emitir som.

Melody a afastou com um aceno e correu para a privacidade de seu quarto.

— Você pode estar no Café Crystal do outro lado do Aeroporto McNary Field em quarenta minutos?

— Uh-hu — Melody conseguiu confirmar.

— Bom. Vejo você daqui a pouco. E certifique-se que ninguém está seguindo você.

A ligação caiu.



Melody checou o espelho lateral uma última vez. Não havia nada além da escuridão e das luzes dos postes atrás delas.

— É aqui — sussurrou ela, avistando as únicas três letras iluminadas na marquise da cafeteria. — À esquerda do C.

— Ha! — exclamou Candace observando o letreiro decrépito. — Você acha que Frankie poderia acender todas as letras com as mãos?

Melody não sabia. Mas também não estava a fim de adivinhar.

Candace deu seta.

— Vamos lá!

Quando ela fez a curva fechada, o BMW derrapou no estacionamento do Café Crystal.

Ela estacionou ao lado de uma perua Toyota com uma janela coberta com papelão colado com fita adesiva. Melody afundou no banco.

— Pelo menos apague as luzes.

— OK! Você precisa relaxar! — rebateu Candace, obviamente cansada com toda a paranoia de Melody.

— Diga isso pra sua roupa.

Candace olhou para si mesma e deu uma risadinha. Vestida com o colete de camuflagem que Glory usava para observar pássaros, boné, binóculos pendurados no pescoço e um apito para atrair pássaros escapando do bolso, era difícil de ser levada a sério. Mas sua

irmã estava certa. Candace precisava relaxar. Pelo menos quanto a ser seguida.

— Eu não estou vendo o carro deles. Você acha que nos desencontramos? Ou será que...

Melody não suportava acabar a frase. Uma coisa era Jackson ter ido embora. Outra bem diferente era ele ter sido levado embora.

— Você nunca teve que despistar alguém que estava te seguindo?

Melody sacudiu a cabeça.

— Pessoas que estão se escondendo não estacionam o carro na frente de todo mundo.

— Verdade — admitiu Melody, olhando o delapidado restaurante de beira de estrada. As janelas estavam fechadas. — O que você faria? Quero dizer, se seu namorado estivesse indo embora?

Dizer essas palavras em voz alta fez seu estômago encolher como se estivesse fechando uma jaqueta bem menor que seu tamanho.

— E eu ainda não estaria entediada com ele?

— Obviamente!

— Hummm — Candace cutucou o queixo. — Isso nunca aconteceu. Mas acho que eu o faria ficar.

— Como?

— Isso é problema seu — Candace chegou perto e deu uns tapinhas no ombro da irmã. — O meu problema é montar guarda.

Ela tirou o apito para passarinho do bolso e apitou. Soava como um pica-pau que tinha engolido um brinquedo barulhento.

— Quando você ouvir isso, significa “saia o mais rápido que puder”. Agora, vá antes que ele vá embora.

Vá embora? Melody sentiu um aperto ainda maior no peito.

Enfeitada com sininhos, a porta tilintou quando ela entrou. Agora, nem mesmo o cheiro doce do café com *donuts* conseguia abrir seu apetite. O balcão de fórmica, os banquinhos prateados e pretos e as cinco mesas vermelhas eram previsíveis. A trilha de *La Bohème* tocando no jukebox, nem tanto. Será que era mesmo neste lugar que ela e Jackson iriam se beijar pela última vez? Ao entrar, Melody colocou o capuz de seu moletom sobre a cabeça. Era a coisa mais próxima que tinha de um abraço.

Havia apenas dois fregueses: um homem careca com um blazer de veludo abaixado sobre um prato de espaguete e um garoto de cabelos negros concentrado numa revista de carros. Ele tinha uma cicatriz na bochecha e usava uma camiseta que dizia “Oi, meu nome é Rick”. Em pânico, Melody sentiu a testa começar a suar. Jackson já tinha ido embora.

— Mesa para um? — perguntou a garçonete de cabelos loiros excessivamente clareados com uma mastigada em seu chiclete de menta.

Suas mãos com pintas de idade pairavam sobre uma pilha de cardápios.

— Hummm — Melody ficou paralisada.

E agora? Voltar para o carro? Esperar? Mostrar uma foto do Jackson para a garçonete? Ou talvez uma foto de D.J.? Perguntar se ela viu um deles? Melody sentiu-se bombardeada por opções, mas nenhuma delas era boa o suficiente para ser considerada. *Ele devia estar aqui!*

— Na verdade, eu...

Ping!

Melody checou rapidamente o telefone.

PARA: MC

out 14, 9:44 PM

BLOQUEADO: SENTE COM RICK.

Ela ergueu os olhos. Rick baixou a revista e tentou sorrir, mas um beicinho trêmulo foi o melhor que conseguiu fazer.

Yes!

— Eu vou me sentar com aquele cara.

A garçonete deu uma piscada como se dissesse “eu também faria isso se fosse vinte anos mais jovem”.

De perto, não havia dúvida de que aqueles eram os amendoados olhos vibrantes de Jackson. Mas e o cabelo preto? A cicatriz? A revista de carros? E onde estavam os óculos?

— Espere — disse Melody, sentando-se ao lado dele.

Havia dois pratos na mesa: um *cheesecake* com biscoitos Oreo e uma saladinha.

— D.J.?

— Não, sou *eu!* — disse Jackson, conseguindo esconder tudo menos sua voz doce. — Estou disfarçado. Eu pareço um *bad boy*?

— A garçonete te achou bonitinho — Melody tentou soar animada.

Ela pegou a mão dele e colocou-a no rosto querendo, ou melhor, precisando, sentir o cheiro familiar de giz de cera de seus dedos sujos. Mas as cores tinham sido substituídas por manchas pretas irregulares. Tinta de cabelo. E agora os dedos dele cheiravam a sabonete de banheiro público e toalhas ásperas de papel.

— Como foi o editorial da *Teen Vogue*? — perguntou ele, como se fosse um dia qualquer.

Melody tentou fingir que era mesmo.

— Cleo e eu fizemos as pazes, então foi bom. Eu recuperei a minha voz e cantei para os três camelos, Niles, Humphrey e Luxor. E um cara chamado Manu me deu uma boa razão para acreditar que uma mulher chamada Marina é minha verdadeira mãe.

Jackson empurrou o prato com o *cheesecake*.

— Não acredito nisso.

— Nisso o quê?

— Tudo isso.

— Acredite — disse Melody, antes de contar os detalhes.

— Você perguntou isso para sua mãe? — perguntou Jackson.

Melody balançou a cabeça.

— Por que não?

— Porque eu estava ocupada demais pensando se você estava vivo.

O que era verdade, pelo menos na maior parte. Mas havia uma parte de Melody que não estava pronta para aquela conversa. A parte que não sabia como reagir se Manu estivesse certo. Lágrimas encheram seus olhos.

— Você não está indo embora *de verdade*, está?

Confirmando, Jackson puxou-a pelo capuz do moletom para perto dele. Suas testas se tocaram.

— Hoje à noite. Num jatinho. Não sei por quanto tempo. — Ele fez uma pausa. — Eu odeio isso.

As lágrimas começaram a cair. Quentes e rápidas, elas deslizaram sobre as bochechas de Melody e pingaram de seu queixo.

Ela se afastou e olhou Jackson nos olhos.

— Você não pode dizer para a sua mãe que você quer ficar? Você pode usar esse disfarce. Mudar de escola. Ninguém vai saber.

— Eu tentei. Pelo menos umas cem vezes. Ela me disse para não falar mais nisso. Eu prometi que não falaria mais se ela conseguisse trazer você para cá.

— Bem, tente *de novo!* — insistiu Melody, pensando se era isso que Candace queria dizer quando falou em “fazer com que ele ficasse”.

— Tudo bem — concordou ele, com uma facilidade surpreendente. Ele ergueu os olhos para olhar nos dela. — Uma condição: você tem que ficar por perto enquanto eu falo com ela.

— Por que?

Jackson deu um meio sorriso.

— Porque se ela for como eu, que não consegue falar não para você, já podemos contar que o voo foi cancelado.

Apegando-se à centelha de possibilidade, Melody se inclinou para beijá-lo.

— Que negócio é esse de voo cancelado?

Ela rapidamente se afastou.

A Sr^a J. estava perto deles, seus negros cachos balançando na altura do queixo. O batom vermelho, sua marca registrada, estava recém-aplicado.

— Nada — Jackson assegurou-a. — Tudo ainda está como combinado.

— Muito bom. — Ela ocupou o assento vago e encarou a vasilha de madeira com a alface congelada como se fosse um insulto. — Eu

sei que eu prometi um tempo para vocês ficarem sozinhos, mas um segundo a mais naquele banheiro e eu teria contraído um hantavírus.

Melody sorriu como se ela entendesse perfeitamente. Ela sempre fazia isso quando encontrava com a mãe do namorado/professora de Biologia extremamente intelectualizada.

— Vamos, pergunte para ela — sussurrou Jackson, cutucando Melody.

— Pergunte você! — sussurrou ela como resposta.

— Perguntar o quê? — perguntou a Sr^a J. enquanto sinalizava para a garçonete trazer a conta. — É melhor que não seja sobre ficar porque...

— Vocês não podem ir! — disparou Melody.

A Sr^a J. começou a piscar como se estivesse genuinamente interessada no que Melody tinha a dizer.

— Explique por quê.

— Hum, eu só acho que...

Melody gaguejou, do mesmo jeito que ela fazia na sala de aula quando era chamada para responder uma coisa que ela não sabia. Mas essa resposta, ela sabia. Foi a atitude da Sr^a J. de se dispor a ouvir que a pegou de surpresa.

— Você é uma professora... — começou ela, pensando que seria melhor não fazer disso um drama de amor adolescente. Essa mulher era uma cientista. Uma pensadora racional. Ela teria, então, que ter um argumento racional. — E um modelo de comportamento. Não apenas para os IRADOs, mas também para os *normies*.

A Sr^a J. balançou a cabeça, concordando. Melody sentiu que Jackson sorria ao seu lado.

— Se você for embora, é como se dissesse que quando as coisas ficam difíceis, os mais fortes também têm que desistir e...

A garçonete colocou a conta sobre a mesa, mas a Sr^a J. continuou focando Melody.

— E quanto à segurança do meu filho?

— Mãe, eu posso...

Melody apertou a coxa dele para que ele ficasse em silêncio.

— Mantenha Jackson disfarçado. Coloque-o em outra escola. Reclusão não é humilhação. Não é esse o seu lema? Mas você precisa ficar na Merston e ser uma defensora dos IRADOs que ainda estão aqui! — Melody inclinou-se sobre a mesa e sussurrou no ouvido da Sr^a J. — E mostrar para o Jackson que a mãe dele não tem medo de lutar.

A Sr^a J. tirou seus óculos estilo Woody Allen e esfregou os olhos.

Jackson e Melody deram-se as mãos sob a mesa, apertando cada vez mais a cada segundo que passava.

Recolocando os óculos, a Sr^a J. virou para o filho e disse:

— Você vai ter que se esconder.

— Tudo bem.

— Isso significa que ninguém, repito, *ninguém* — Ela parou para olhar para Melody — pode saber onde você está.

— Tudo bem — responderam os dois juntos.

Pelo menos estariam no mesmo fuso horário.

A Sr^a J. jogou um cartão American Express preto no nome de Rebecca Rose, tirou a proteção plástica de um novo iPhone e começou a digitar uma mensagem.

Jackson soltou a mão de Melody.

— O que você está fazendo?

— Avisando a tripulação sobre minha refeição vegana.

Melody sentiu seu coração apertado.

— Mas eu pensei...

A Sr^a J. colocou o telefone sobre o jogo americano de papel e olhou para os dois.

— Você pensou *o quê?* Que eu deixaria uma perfeita lasanha de tofu ser desperdiçada?

— Hã? — perguntou Melody.

— Eu pedi que pusessem numa embalagem para viagem. Temos que passar na pista para pegar. — Ela empurrou a salada para o lado. — Estou morrendo de fome. E vai ser uma longa noite.

Melody e Jackson se envolveram num abraço vitorioso enquanto a Sr^a J. assinava a conta. *Namorar por horas* era o primeiro item da lista de coisas a fazer de Melody. Mas ela manteve a palavra, desejou boa sorte aos dois e correu para encontrar Candace.

Nada havia mudado no estacionamento, mas mesmo assim tudo parecia diferente. A luminária meio apagada do restaurante pareceu subitamente charmosa. O carro com a janela de papelão não era mais tão patético: era um sobrevivente. E Candace não estava mais zombando da paranoia de Melody com sua fantasia de observadora de pássaros: estava apenas tentando ajudar. Tudo porque Jackson ia ficar. E mesmo com a promessa feita à Sr^a J., ele encontraria um jeito de manter contato.

Ele sempre encontrava.



CAPÍTULO 4

A MATILHA

Como ela suspeitava, o ninho de espuma formado por fios de cabelo e restos de sabonete ainda entupia o ralo do banheiro. A água quente não conseguiu encolher o monte como Clawdeen esperava. Agora, coberta até os tornozelos com a sujeira dos garotos, ela teria que enfiar a mão naquele atoleiro morno para tentar desentupir o ralo, coisa que ela se recusaria a fazer sem uma roupa especial para detritos nucleares. Situações como essa faziam com que sentisse saudades de casa, e ainda mais de seu banheiro de menina.

Duas noites no Hideout Inn, o restaurante/albergue da família que incentivava os hóspedes a se “desconectarem” com uma rígida política sem TV nem internet, já era o recorde. Até agora, os Wolf tinham passado apenas uma noite ali, durante sua transição de lua cheia. Eles colocavam um cartaz “LOTADOS — DESCULPE-NOS

PELO INCÔMODO”, trancavam as portas, passavam as cortinas e faziam a festa. A permanência máxima eram 24 horas. No instante que voltavam ao “normal”, a matilha retornava à Radcliffe Way e o lugar era aberto ao público. Fechar por mais tempo seria um golpe nas finanças já que o restaurante especializado em carnes estava na lista dos dez melhores restaurantes de Salem dos últimos 6 anos.

Mas desta vez o golpe tinha sido na sanidade mental de Clawdeen. Se ela tivesse que passar mais um dia dividindo um banheiro com os irmãos, ela estaria...

— Aaahhh!

Um galão de água gelada caiu sobre a sua cabeça.

— O jantar está pronto! — anunciou Don, deixando cair uma jarra plástica no chão de azulejos, que caiu fazendo um barulho oco.

Howie caiu na risada e os outros gêmeos também, batendo a porta quando saíram.

Tremendo e morrendo de nojo, Clawdeen fechou a torneira.

— Você vai me pagar por isso, Cleo — murmurou ela, responsabilizando a ex-amiga enquanto tentava não pisar em montinhos de pelos de barba, unhas cortadas e cuecas usadas. Seu cabelo estava com um cheiro que quase a fazia vomitar e a tampa da privada sempre aberta só piorava tudo. Se suas amigas pudessem vê-la agora... Do que iriam rir primeiro? Seus cachos emaranhados? Suas unhas lascadas? A camiseta marrom da loja de souvenirs do Hideout Inn que não vestia bem? Talvez da blusa. Mas o que ela podia fazer? Suas roupas tinham ficado em casa... Junto com sua maquiagem, sua privacidade e sua vida.

No restaurante no andar de baixo, todos estavam confirmados e presentes, menos a lua cheia. As cortinas de veludo vermelho, que

Clawdeen tinha ajudado a mãe a fazer quando elas abriram o lugar, escondiam a vista do estacionamento, dando aos visitantes a ilusão de que estavam abrigados numa aconchegante sala de jantar nos Alpes, e não perto da estrada a apenas alguns quilômetros ao norte de Salem. Velas cintilavam dentro de copos vermelhos como sangue. Um amontoado de lenha queimava na lareira de pedra. Dezoito mesas estavam postas, mas desocupadas. Mamãe estava na cozinha esquentando outra fornada de pão. Os rapazes já estavam comendo, sentados numa mesa redonda central, entretidos com a conversa e se servindo de mais comida.

— Oi, Deenie! — A expressão séria do pai logo se derreteu numa doçura melada. — Como está a filhotinha do papai?

— Oi, pai! — disse ela, beijando a cabeça dele antes de se sentar. O cabelo preto e lustroso e as sobrancelhas grossas de Clawrk Wolf sempre a faziam pensar no pai de Seth, do O.C. — Você acha que eu posso fazer lições de direção esta semana? Só faltam duas semanas para eu fazer 16 anos.

— Quando eu voltar — disse ele. — Estou indo para Beaverton amanhã para assumir um trabalho de construção. Fico lá até quinta-feira.

— Alguma coisa interessante? — perguntou ela, esperando mais pregos industriais, portões de metal ou pedaços de mármore. Ou alguma coisa inesperada, como os manequins da velha loja de departamentos que ele demoliu.

Não que isso fosse muito importante. Tudo que ela queria era transformar lixo em luxo para que seu videoblog, *O estilo da loba*, continuasse ganhando seguidores. O primeiro episódio, chamado “Lábios de Vidro”, onde ela montava painéis de vidro na parede do

quarto cobertos pelos batons coloridos das suas amigas, já tinha conseguido conquistar sete seguidores. Em pouco tempo, ela estaria atendendo telefonemas no seu próprio show na Customização Network. Depois, ela se mudaria para um grande *loft* estilo New York City, customizaria o lugar para ser digno de uma diva e convidaria todas as suas amigas (incluindo Anya, a depiladora) para morar ali. Daquele momento em diante, o único pelo na casa seria um fabuloso tapete sintético.

— Vou construir uma casa na árvore e um trepa-trepa para crianças num quintal de um casal esnobe — explicou ele, colocando uma colherada de cogumelos salteados no prato. — Então, provavelmente terei uma tonelada de lascas de madeira.

— Perfeito — sorriu Clawdeen, pensando em como poderia usar desenhos para unha na madeira e depois colar na tampa do seu laptop. Ia ficar super blogável!

— Garotos — disse Clawrk, mastigando. — Estou contando com vocês para manter a mamãe e a Deenie seguras enquanto eu estiver fora. — Ele suspirou. — Pelo menos a Leena está segura no acampamento em Arrowhead.

— Quem dera dizer o mesmo de suas colegas de quarto — brincou Don.

Os outros garotos riram.

— Se vocês realmente se importassem com segurança, teriam tirado os pelos do sabonete e desentupido o ralo — disse Clawdeen, mesmo sabendo que não era isso que seu pai queria dizer. Ela estava cansada de ser superprotegida e subestimada, especialmente por um bando de garotos que não sabia apertar o tubo de pasta de dentes até sair mais do que deveria. — Eu não entendo porque temos que

compartilhar o mesmo banheiro quando temos o albergue inteiro para nós — completou.

Envolvida pelo rico aroma da manteiga derretida e da carne, ela rapidamente deu uma garfada no último pedaço de carne e colocou-o no prato, ganhando de Clawd por um milésimo de segundo.

— Porque quero manter esse lugar limpo — gritou Harriet da cozinha.

— Ela está certa — disse Clawrk. — Nós temos que estar prontos para receber os hóspedes no mesmo instante que o cartaz de “lotado” sair dali.

— Burrrrrp! — arrotou Nino. Os garotos uivaram. — Eu não estou “lotado” porque adoro o bife da mamãe — acrescentou ele, tirando o cabelo dos olhos.

— Você não é o único, filho. *Normies* ficam loucos quando não conseguem uma reserva. Eles ficam viciados na comida da sua mãe — Clawrk olhou para o restaurante vazio. — Aquele filme foi mal para os negócios. Muito mal.

— Por quê? — Rocks mastigou com a boca aberta. — O Hideout nem apareceu no filme!

Clawdeen revirou os olhos.

— Ele quer dizer que foi ruim porque temos que nos esconder aqui e agora o lugar está vazio.

Rocks olhou para ela sem entender.

— Nada de dinheiro!

— É — zombou Howie. — De *quem* será que é a culpa?

Clawdeen rapidamente abriu a boca cheia de carne meio mastigada para o irmão.

— Se você não quer terminar isso, pode deixar que eu termino — ofereceu-se Nino.

— Eca! — Clawdeen deu uma risadinha.

— Então, pai — disse Clawd. — Você se lembra que eu disse que olheiros de futebol estavam vindo para o Merston? Então, o técnico Donnelly passou uma mensagem de texto. Eles vão chegar na segunda-feira.

Clawrk abriu uma cerveja e deu um longo gole.

— O técnico viu o vídeo e sabe que eu sou um IRADO e tal, mas ele não liga para isso — continuou Clawd. — Ele até disse que ele vai me levar pra casa depois do jogo. E se eu quiser aquela bolsa de estudos...

Clawrk bateu a cerveja na mesa.

— Você não contou para ele onde estamos, contou?

— Claro que não. Mas mesmo se eu tivesse contado, estaria tudo bem. Ele é legal.

— Ele sabe que o albergue é nosso? Ou que Charlie e Joanne Stewart são donos “de mentirinha”?

— Não, eu juro — insistiu Clawd. — Eu nunca disse isso pra ninguém. E nunca direi.

— Eu li que as pessoas estão nos caçando para receber uma recompensa — anunciou Howie.

— Você *leu*? — provocou Clawdeen.

— Quanto estarão pedindo por você? — ele se perguntou.

— Você não poderia pagar, mano.

— É o que você pensa — Howie enfiou a mão nos bolsos da calça jeans e atirou uma moeda de cinco centavos na direção de Don. — Fique com o troco.

Todos riram menos o pai — que estava pensando no pedido de Clawd — e Clawd, que queria saber qual seria seu destino.

— Preciso falar com o técnico.

— Claro — respondeu Clawd, oferecendo seu telefone.

— E você vai pegar o carro. Não quero que ele saiba que estamos aqui.

Clawd concordou.

Clawrk olhou para a cozinha, como se quisesse consultar a esposa. Arregaçando as mangas de seu moletom branco manchado, ele apoiou as costas na cadeira e anunciou:

— Você tem que continuar acabando com a vida desses moleques! E tire esse brinquinho de menina da orelha.

— Sim, senhor! — Clawd se inclinou sobre a mesa para fazer um *high five* com o pai.

Todos os seus irmãos uivaram, comemorando.

— Acho que eu vou com vocês — disse Clawdeen, tranquila. — Assim posso checar o correio para ver se confirmaram presença na minha festa, pegar umas roupas limpas, ver umas amigas, sabe?

— Você não acha que ainda vai fazer sua festa de aniversário, acha? — perguntou Howie, com seu jeito sabichão.

— É a Festa Animal de aniversário! E por que não? — Ela tentou amenizar o problema. — É daqui a duas semanas. Vai estar tudo bem até lá.

— Ah, sim, claro! — Howie sacudiu a cabeça, incrédulo. — Quem disse isso? As outras minorias do planeta?

— Talvez — respondeu Clawdeen.

— Você quer dizer aqueles que estão lutando por direitos iguais por, sei lá, cinco mil anos?

Os irmãos esconderam o riso.

— É, aposto que eles estão trabalhando dia e noite para acabar com esse negócio de racismo até o dia da sua festa de aniversário, ou melhor, da sua festa *animal* de aniversário.

— Já chega! — Clawrk os interrompeu, indo ao resgate da filha.

— Obrigada, papai — ronronou Clawdeen. — Eu só queria ver a casa e pegar algumas coisas. Não quero ir pra escola ou coisa assim.

— Nem pensar — respondeu o pai. — Você vai ficar aqui com seus irmãos, onde é mais seguro.

O quê? Por que? Clawdeen sentiu seu estômago se contorcer pela frustração. Juntando forças, sentiu o mal-estar subir até seu coração e parar na sua garganta. Se ela deixasse sair, ia ser alguma coisa do tipo: “Cada um tem um tratamento diferente! Isso é tão injusto! Vou fugir de casa para viver com os Kardashians!”

Mas os círculos escuros ao redor dos olhos do pai, seus ombros redondos e suas unhas lascadas tinham deixado claro que esse era um péssimo momento para brigar por direitos iguais. Sabendo que ele teria que ficar ausente por causa de um trabalho e que não conseguiria proteger a família era um estresse que obviamente estava acabando com ele. Por que deixar as coisas ainda piores? Em vez de brigar, Clawdeen limpou a boca com um guardanapo como uma boa garotinha. Assim como todos esperavam que ela fizesse.



Mais tarde naquela noite, ela acordou com o som de rodas raspando o asfalto. Confusa por estar ainda meio adormecida, tentou

se localizar. Escuridão. Cobertores que cheiravam a cachorro molhado em vez de amaciante suave. Esse, definitivamente, não era seu quarto em Radcliffe Way.

Alguma coisa começou a ranger, como um corpo se esfregando num assento de couro. Era uma respiração. O coração de Clawdeen disparou. Adrenalina a fez acordar.

Uuf! Um sapato acertou nas costelas. Outro golpe veio em seguida. Daí, algo mais leve. Ela mordeu os lábios e ficou imóvel.

— Eu sei que você está aí — disse Clawd.

Oops.

Clawdeen afastou o cobertor fedido com um chute.

— Como? — perguntou ela, subindo do chão para o assento do carro.

— Você começou a roncar no mesmo instante que chegamos à estrada.

— E você me deixou ficar? — perguntou ela, ficando sempre surpresa com seu irmão mais velho. — E se o papai descobrir?

— Eu direi que não sabia que você estava aí.

— E se acontecer alguma coisa comigo? — provocou ela.

Ele se virou para encará-la.

— Eu não vou deixar.

— Por que você está fazendo isso?

— Porque eu sei que às vezes eles são injustos com você — admitiu Clawd.

Clawdeen sorriu. *Finalmente, alguém entendeu.*

— O que a mamãe e o papai vão dizer quando eles acordarem e você tiver ido embora? — Clawd testou-a.

— O papai está indo para Beaverton às quatro da manhã e a mamãe está indo para Seattle comprar um monte de comida para estocar. Ela vai sair antes da gente acordar e não vai voltar até a hora do jantar de segunda. Se a gente conseguir voltar logo depois do seu jogo, conseguiremos chegar antes dela.

— E os irmãos?

— Você deixou uma nota embaixo da porta deles prometendo um Wii no Natal se eles ficassem quietos.

— *Eu deixei?*

Clawdeen deu uma risadinha.

— Não se preocupe. Eu te pago assim que meu show de customização começar a render. Agora, será que dá pra gente sair desse carro e ir pra casa? Eu vou começar a dar chique se eu não tirar logo essas roupas de lojinha de souvenir!

— Espere! Temos que ser cuidadosos — insistiu Clawdeen, abrindo a porta. — Eu estacionei três quadras longe de casa para evitar suspeitas. Vamos pelo barranco.

— A rua é melhor. As pessoas estarão atrás de nós no barranco. Mas se andarmos normalmente, ninguém vai suspeitar de nada.

— Isso é ridículo! Estamos pedindo para sermos pegos! — Clawd fechou a porta gentilmente.

Clawdeen abriu a porta do passageiro.

— Não. Se formos pelo barranco é que estamos pedindo para sermos pegos.

— Eu dirijo, eu comando! — insistiu Clawd.

— Esqueça. Você vai pelo seu caminho e eu vou pelo meu.

Clawdeen não sabia mais pelo que estava lutando, mas ela se recusou a ceder.

— Eu não vou simplesmente deixar você sozinha — bufou ele.

— Então venha comigo pela rua — disse Clawdeen, tomando o caminho pela curva.

Ela começou a descer a rua Gladys sentindo-se nua e exposta. Viva e no comando. Com medo, mas cheia de energia. Indiscutivelmente independente. Ela gostava disso tudo.

— Espere! — sussurrou Clawd, tentando alcançá-la.

Eles andaram metade da quadra em silêncio, com os sentidos apurados e os pelos eriçados.

— Por que você está sempre querendo ser o Alpha? — disse ele, finalmente quebrando o silêncio.

— Eu não estou *tentando* — sussurrou Clawdeen. — Eu sou.

— Muito engraçado — Clawd deu uma risadinha.

Mas de algum jeito, naquele dia, Clawdeen encontraria um jeito de provar isso. E quando ela conseguisse, ia rir por último.

Se eles pudessem me ver agora...

Billy tentava imaginar os graus de inveja na escala Richter se os caras da escola soubessem que ele estava passando o domingo pelado na cama de Candace Carver. E cheirava à gardênia, baunilha e a uma super gata. Não que ele fosse se vangloriar. Seria muita falta de classe. Além disso, não era bem assim. Ele e Candace teriam preferido ficar no Café Whole Latte Love, mas sempre que iam lá (14 vezes, por enquanto) passavam tempo demais rindo do velho truque do garoto-invisível-roubando-mordidas-dos-bolinhas-das-pessoas antes de começar uma conversa de verdade. E Candace disse que ela

não queria que as pessoas pensassem que ela estava falando sozinha. Mesmo assim, ela estava fazendo exatamente isso nos últimos 20 minutos, então, qual era o problema? Mas, ei, se Billy entendesse o sexo oposto, não tinha passado a noite toda falando do...

— ... você está ouvindo? — explodiu Candace, andando pra cima e pra baixo diante de sua cama *pink* cheia de babados. — Espere, você não foi embora, foi? — Ela estendeu os braços e tateou como se estivesse num quarto escuro. — Billy?

Era a oportunidade perfeita para amarrar o cadarço de suas botas de caminhada, mas brincadeirinhas eram para os despreocupados, e ele não era um deles.

— Eu ainda estou aqui — disse ele, andando ao lado dela.

Enrolar-se na cama com dossel seria muito melhor, mas não seria educado, considerando que seu bumbum estava de fora.

— Ah, que bom — disse Candace, depois continuou sua história. — Então, Ali pensa que eu devia dar minha entrada para ela para que ela e Vanessa façam as pazes, porque ela acha que foi comprada para ela e ela só me deu para fazer ciúmes... o que, por sinal, Danice diz que é uma mentira grossa, já que ela estava lá quando a Vanessa estava fazendo a lista virtual. Então Ali está me tratando mal, mas isso é com ela e Vanessa... Eu acho. Nate Garret diz que ela está com ciúmes porque eu sou uma garota quente, *cool* e animada e ela é frígida. O que, por sinal, eu já tinha dito a ela. E agora ela está morrendo de raiva de mim. Mas eu não ligo. Foi ela que disse que os IRADOs tinham que estudar numa escola especial. Eu te contei isso, não contei? Quer dizer, não dá pra ser mais antiNECIP do que isso! Então eu disse, “dá o fora aqui, Ali!”...

— Que bom pra você — disse Billy, distraído.

Não é que ele não se importava com o mais recente drama de Candace. Ou que ele não apreciava seu senso de humor apurado, seu estilo inovador ou sua maldade disfarçada de cabelos loiros e olhos azuis. Porque ele apreciava. Ele adorava aquela amizade sem benefícios extras. Não queria nada além disso. É que sua mente estava em outro lugar. O que fazia com que se concentrar naquilo fosse como domar um cavalo chucro. E depois de um segundo ou dois, ele caiu.

— Sua vez — disse Candace, sentando-se na beira da cama e cruzando suas pernas esculpidas numa leggings cinza cobertas por um vestidinho branco. — Estou ouvindo — disse ela, esticando o pescoço.

— O quê? — perguntou Billy, num tom defensivo.

— Você realmente acha que eu inventei toda essa história da Ali só para ouvir minha própria voz?

— Hã?

— Você está obviamente chateado com alguma coisa. Você não fez nada engraçado desde que chegou aqui. — Ela sorriu, satisfeita com sua dedução detetivesca. Qualquer outra pessoa teria parecido presunçosa. Mas Candace irradiava um charme de 18 quilates. — Estou me abrindo numa crise emocional. Agora é a sua vez.

— Não é justo! Você estava fingindo!

Ele finalmente sorriu.

Ela suspirou, balançando a cabeça como um frustrado orientador vocacional.

— É a Frankie, não é?

A menção do nome dela revirou o estômago de Billy.

— Agora que Brett não está mais no jogo, pensei que eu tivesse uma chance.

— Eeeeeehh! — Candace chutou o ar. — Hora do ataque!

— Não — disse Billy, batendo a cabeça num dos postes de metal do dossel. — Esse é o problema. Ela não vai me querer pelo mesmo motivo que você não quer me encontrar no Whole Latte Love.

Candace abriu a boca para protestar, mas se segurou. Ele estava certo. Nem mesmo ela conseguia discutir com aquele argumento.

— Eu nem mesmo estou matriculado no Merston — admitiu ele pela primeira vez. — A Sr^a J. é a única professora que sabe que eu existo. Eu só vou para ficar com vocês e aprender.

— Mas Frankie sabe que você existe — arriscou Candace. — Você é um dos mais próxi...

— Não fale isso — insistiu ele, temendo que ela falasse “amigo”. Ser seu “amigo” era como usar uma colher para cortar um bife. Arranharia a superfície, mas nunca faria o corte. — De qualquer jeito, não importa. Ela merece mais do que um cara que não pode usar roupas.

— Por quê? — perguntou Candace.

— Porque ela é uma garota respeitável que...

— Não — Candace deu uma risadinha. — Por que você não pode usar roupas?

A questão assustou Billy. Já fazia seis anos desde que alguém tinha perguntado isso. E ainda mais tempo desde que ele mesmo tinha se perguntado isso.

Quando ele começou a desaparecer, peças de roupas estrategicamente colocadas eram suficientes para cobrir as partes que faltavam. Uma luva sobre a mão invisível. Um band-aid cobria uma sobrancelha que faltava. Um cachecol sobre um pescoço

transparente. Mas os buracos foram se espalhando, aumentando e se conectando como poças, até que cobriram tudo. Nesse ponto, desaparecer de vez parecia ser a única opção.

Mas isso foi antes de seus pais o apresentarem à aliança. Antes que ele conhecesse os outros. Antes de conhecer Frankie. Antes de Candace lembrá-lo que ela tinha uma opção.

— Acho que eu posso usar roupas se eu quiser — refletiu ele. — Mas o que farei com meu rosto, meu cabelo, meu...

— Meo déos, Billy! Essa cidade depressiva só tem uma estação: nublado! E mesmo assim, olhe para os meus braços! — Ela estendeu os braços: eram marronzinhos como manteiga de amendoim. — Não parece que eu acabei de tomar sol?

Ele concordou.

— Isso se chama spray bronzeador. O cabelo do meu pai é preto, não grisalho, por causa de uma coisa que se chama tinta de cabelo. E meus cílios são visíveis e com espaço por causa de uma coisa chamada máscara para cílios. Repita comigo: más-ca-raaaah!

— O que você quer dizer?

Ele se encheu de esperança.

— Vamos redescobrir o Billy e colocar uma cor nessas bochechas! E cobrir essa bunda...

Ela pulou da cama e ficou em pé, decidida.

— Eu sugiro uma transformação total! E depois, a dominação total! Quem está comigo?

Billy parou para pensar. Se não desse certo, pelo menos ele ia se divertir. E ele estaria mentindo se dissesse que não estava curioso para ver como ele estaria depois de todos esses anos.

— Você está certa. É hora de mostrar para Frankie o que ela está perdendo.

— Não podia ter dito melhor! — disse Candace, colocando uma bolsa prateada nos ombros. — Vamos fazer compras!

Ela fez uma curva em direção à porta do quarto e caiu de cara no tapete fofo de pelo de carneiro. *Uuf!*

Billy caiu na risada.

— Meus cadarços! — gargalhou ela, descobrindo os nós.

— Não consegui evitar — disse ele. — Uma última brincadeira, pelos velhos tempos.



CAPÍTULO 5

O BURACO DO CORAÇÃO QUER O QUE O BURACO DO CORAÇÃO QUER

A viagem de 45 minutos até Bridgeport Village tinha valido a pena. Comprar um novo telefone pela internet nunca poderia ser comparado à experiência de entrar numa loja da Apple pela primeira vez. Tecnologia de primeira ansiosa pelo primeiro toque. Concebida por gênios. Carregadas de eletricidade. Trazidas à vida com um toque na ponta do dedo. Frankie pensou em alterar seu nome para iStein e mudar-se para lá.

Viveka fingiu estar interessada nos *laptops* com um sorriso sem mostrar os dentes e um aceno de cabeça que quase demonstrava curiosidade.

— É bom sair de Salem de vez em quando — disse ela, mantendo a filha por perto, por precaução.

— Eu concordo — disse Frankie, para deixar a mãe satisfeita, mesmo sabendo que o comentário de Viveka se referia a mais do que passar uma tarde de domingo comprando telefones em Portland.

Significava não se preocupar se o dono da loja não checaria suas identidades antes de deixá-los entrar. Não confundir o som do vento com o som de alguém chegando para levá-los embora. Não checar se havia mensagens de calúnias na internet. Não se esconder de olhares suspeitos do motorista do carro ao lado. Não se questionar sobre a decisão de ter ficado e lutar pelo que parecia ser uma batalha perdida.

— Você está com o cartão-presente? — perguntou Viveka, seus olhos violeta esvaziados do brilho que sempre tiveram.

Frankie abriu sua bolsa/carregador portátil, sentindo um repentino senso de superioridade diante dos eletrônicos expostos. Diferentemente deles, ela podia ficar dias sem seu cabo de força, algo que eles, naquele extravagante mundo minimalista, não podiam nem em sonhos.

— Posso dar uma olhada? — pediu ela, entregando o envelope de Vlad.

Viveka examinou os arredores com a sutileza de um agente do Serviço Secreto. Crianças jogavam jogos interativos numa mesa circular baixa e um casal mais velho tinha feito um vendedor refém com questões sobre Macs *versus* PCs, lançadores de tendências se esbarravam e três loiras de farmácia com roupas futurísticas pairavam sobre o iPad recém-lançado.

— Tudo bem. Mas não vá longe. Não quero demorar muito.

Normalmente, Frankie teria tirado sarro da mãe por ser superprotetora, mas, considerando as circunstâncias, ela prometeu ficar por perto, e depois correu pela loja antes que ela mudasse de ideia.

Intrigada pela fascinação das loiras sobre o que quer que fosse que estivessem observando, Frankie chegou perto delas.

O som era inconfundível. Destemido. Poderoso. Revolucionário. *A estreia mundial do novo vídeo de Lady Gaga!* Para evitar soltar faíscas, ela enfiou as mãos nos bolsos da calça *skinny cargo* e perguntou se ela podia assistir junto com elas.

Elas nem ousaram desviar os olhos de Gaga para responder, mas uma garota usando uma echarpe que parecia aquele plástico para embrulho cheio de bolhas abriu espaço. Assim que Frankie conseguiu se projetar para conseguir ver um pouquinho, o vídeo acabou.

— O melhor de todos os tempos! — declarou a loira usando óculos escuros cobertos de pingos de sorvete no topo da cabeça.

— Você sempre diz isso! — disse a garota com fita policial de “cena do crime” enrolada nas pernas.

— Espere até ver o show — disse a garota do plástico de bolinhas.

Frankie prendeu a respiração.

— Você vai ao show dela?

— Só mais 13 dias! — disse a dos óculos com sorvete, radiante.

— Você? — perguntou a da fita policial, sem perceber que o batom vermelho tinha manchado seus dentes da frente.

— Quem me dera! — suspirou Frankie. — É impossível comprar ingressos sem um contato.

— Não é verdade! — declarou a Plástico de Bolinhas, abraçando a Cena do Crime e a Óculos de Sorvete. — Nós acampamos.

Frankie, sentindo uma identificação instantânea diante do amor de todas por Gaga, confessou:

— Eu fui um monstrinho desde o dia em que eu nasci. Há algumas semanas, coloquei umas mechas brancas no cabelo e...

De repente, Viveka agarrou Frankie pelo pescoço, puxando-a pela gola alta listada de *pink* e preto e a arrancou da loja.

— O quê? Mamãe, o que você está fazendo? Você comprou os telefones?

— Nenhuma palavra até entrarmos no carro! — insistiu Viveka.
— Nenhuma palavra!

Alguma coisa tinha acontecido com o cartão-presente. Alguma coisa constrangedora.

Viveka bateu a porta do carro, ligou o rádio — *será que alguém podia estar escutando?* — e disparou:

— O que você estava *pensando?*

— Eu? — faiscou Frankie. — O que foi que eu fiz?

Viveka enfiou a chave no contato.

— Não me venha dando uma de inocente. Como você pôde, Frankie? Depois de tudo que aconteceu? *Como?*

Frankie deu uma risadinha nervosa.

— Mamãe, o que foi que eu fiz?

— Falar para essas estranhas que você nasceu um monstrinho?
— Ela desligou o motor e cobriu o rosto com as mãos. — Uma coisa é se colocar numa situação de risco, *de novo*, mas usar esse termo? É tão depreciativo. O que aconteceu com você?

Frankie caiu na risada.

Viveka olhou-a sem acreditar. Seus cabelos presos estavam desgrenhados, como nunca tinham ficado.

— O que é tão engraçado assim?

— Mamãe, se eu quisesse me revelar, tinha começado tirando essa maquiagem que entope meus poros.

— Então o que...

— “Monstrinho” é uma coisa da Lady Gaga. É como ela chama seus fãs. Não tem nada a ver com os IRADOs.

— O quê?

— É, eu não estava me expondo.

— Sêrio?

Frankie levantou a sobrancelha como se dissesse, “ora, mamãe, me dá uma folga”.

Um sorriso gradual como o nascer do sol iluminou o rosto de Viveka. O brilho de seus olhos violeta reapareceu.

— Que alívio!

Ela puxou Frankie para lhe dar um abraço perfumado de gardênia e depois explodiu numa mistura de riso e lágrimas.

— Sêrio — Frankie deu uma risadinha. — Agora, você pegou os telefones?

— Peguei.

Assim que elas chegaram na estrada, Viveka disse:

— Parece que você está lidando com isso muito melhor do que eu.

Pingos de chuva atingiram o para-brisa.

— Nem tanto — admitiu Frankie.

Viveka olhou para a filha, preocupada.

— Eu deveria pensar em como fazer com que todos fiquem unidos, mas todas as vezes que eu tento, minha mente volta para Brett — suspirou Frankie. — Eu ainda não consigo acreditar que ele me usou desse jeito.

Ouvir essa frase em voz alta fez com que sentisse um vazio no peito.

— Eu só consigo imaginar a sua dor — Viveka colocou a mão sobre o ombro da filha.

A verdade era que não ter mais Brett em sua vida doía mais do que a traição. Mas sua mãe racional nunca veria lógica nisso. *Como você pode sentir falta de alguém que a faz sofrer?*, perguntaria Viveka. Frankie responderia com uma sacudida de ombros, um sei lá, e acabaria se sentindo mais patética do que já estava se sentindo.

— Talvez tenha uma lição aqui — ofereceu Viveka, sempre dando uma de professora.

Frankie olhou para os carros lá fora, passando a toda. Ela não queria uma lição. Queria Brett.

— Talvez, sabe, até que os *normies* se tornem mais tolerantes, você pode conhecer melhor alguns garotos IRADOs. Aqueles irmãos Wolf são bonitinhos.

Mamãe, você é tão ruim quanto os outros! Frankie queria gritar, mas não gritou. Havia um pouco de verdade no conselho da mãe. Por que procurar problemas? Aquilo era muito razoável. Mas ser razoável não tinha nada a ver com sentimentos.

O buraco do coração quer o que o buraco do coração quer.

Infelizmente, o espaço do coração de Frankie queria Brett.



CAPÍTULO 6

SENHORITA DRAMA

A crise de Jackson estava resolvida. Ele ia ficar. Com isso fora do caminho, Melody estava livre para focalizar outro assunto, aquele que ela estava tentando evitar desesperadamente.

Mas era impossível.

Sua conversa com Manu na sessão de fotos da *Teen Vogue* estava grudada em sua mente como uma saia de lã gruda numa meia-calça.

— Sua mãe está aqui? — perguntou ele.

— Não, eu vim com a minha irmã.

— Bem — ele suspirou, como alguém recordando alguma coisa boa. — Diga à Marina que Manu mandou um alô. Faz tanto tempo!

— Acho que você me confundiu com outra pessoa.

— Oh, não — negou ele, com um sorriso irônico. — Sua voz é inconfundível. Assim como a de sua mãe. Marina conseguia que qualquer um fizesse qualquer coisa. Era intoxicante.

— Desculpe, mas o nome da minha mãe é Glory. Glory Carver. Da Califórnia.

— Tem certeza?

— Manu, claro que ela tem certeza! — rebateu Cleo. — Acho que ela sabe quem é a própria mãe!

Ele estava encarando Melody de um jeito que teria assustado Cleo majestosamente se ela não o conhecesse.

— Manu!

Ele balançou a cabeça.

— Você tem razão. Estou mesmo pensando em outra pessoa. Eu me lembrei que ouvi falar que a filha de Marina tinha um nariz inesquecível. Parecia até uma corcova de camelo — Ele deu uma risadinha. — E o seu é perfeito. Erro meu. Sinto muito.

Agora, fotos antigas de Melody flutuavam perto de seus pés descalços como se fossem folhas caídas de outono. Elas caíam quando o ventilador rodava para o lado esquerdo e depois flutuavam novamente quando o ventilador ia para o lado direito. Era difícil dizer há quanto tempo ela estava enfiada embaixo de sua beliche, hipnotizada pelas fotografias bailarinas e pelas pás que rodopiavam. Dez minutos? Uma hora? A tarde toda? Não importava. O voo das fotos e o redomoinho estavam no mesmo ritmo estável. Algo que ela podia prever. Algo em que podia confiar.

Então tinha passado toda a manhã de domingo revirando velhos álbuns, procurando uma prova para desacreditar a afirmação de Manu, e depois passou a tarde estudando cada foto. Será que seu nariz pré-operação era *realmente* parecido com uma corcova de camelo? Talvez ela se parecesse mais com sua mãe quando usava fraldas do que agora. Ou talvez pudesse existir pelo menos uma foto

dela no hospital, enrolada num cobertor *pink*, aconchegada no peito de Glory. Porque havia, mais ou menos, trinta mil fotos de Candace bebê.

Depois de uma análise cuidadosa, não havia nenhuma prova a favor da afirmação de Manu, mas também não havia nenhuma contra. A única conclusão real era: se Melody queria respostas, teria que fazer perguntas. Então, ela se sentou com seus pijamas listados, sem escovar os dentes, o cabelo cheirando fritura da visita ao Café Cristal, e considerou os benefícios de saber a verdade.

Claro, se Glory dissesse, “Eu sou sua verdadeira mãe, com certeza!” e oferecesse uma prova irrefutável, tudo seria perfeito. Mas qualquer outra resposta significaria que ela, de novo, não pertencia àquele lugar.

— Candace! — chamou Glory, andando pelo corredor. — Por favor, me diga que você está com minha túnica de seda branca e que ela está *limpa*.

Melody revirou os olhos, grata pelo trinco na porta. *Deve ser legal quando seu maior problema é uma blusa perdida.*

— Eu achei que o papai tinha feito suas malas — Melody ouviu Candace responder. — Isso não faz parte da sua tradição de aniversário?

— Tecnicamente sim, mas ano passado ele colocou uma toalha de mesa em vez de uma saída de praia dentro da mala e eu não quero arriscar. Estou levando uma bolsa extra com meus itens essenciais — Ela baixou a voz. — Vamos manter isso entre nós, certo?

Mais segredos. Típico.

— Num sei — hesitou Candace. Ela, obviamente, tinha perdido a túnica, ou manchado, ou vendido. — A surpresa do papai é esta

viagem e parte dela é fazer a sua mala. Acho que é romântico. Você devia colaborar, mamãe. Esqueça a túnica. Entregue-se.

— Candace, agora não é hora pra brincadeiras — sua mãe insistiu. — Ele vai chegar em casa a qualquer minuto e...

— Glo-riiii! — gritou Beau, abrindo a porta da frente. — Glo-riiii!

— Encontre a blusa! — sussurrou ela, antes de responder. — Estou aqui em cima! — gritou ela.

As botas dele raspavam a escada gasta de madeira enquanto ele subia.

— Você não vai acreditar — disse ele, suspirando. — O Hideout Inn está fechado para alguma festa privada!

— O quê? Você tem certeza? — Glory prendeu a respiração. — Os Kramers estarão aqui em menos de uma hora. O que eu vou servir a eles?

Melody sentiu suas entranhas revirarem. Ela tinha se esquecido totalmente que o cirurgião plástico e sua família estavam vindo para o jantar.

— Eu tentei o Egeu Azul e o Do Russo, mas estavam todos lotados. Então, eu peguei o Mandarin Palace.

— Eca! — resmungou Candace.

— Aposto que tem alguma coisa a ver com aquele programa de TV — afirmou Glory.

— O quê? Você acha que os restaurantes eram de IRADOs? — perguntou Beau.

A palavra soava estranha saindo da boca dele. Era como se dissesse “maneiro” ou “me manda um sms”.

— Eu não ficaria surpresa — disse Glory. — Eles podem ter ido embora.

— Você não está sendo dramática demais? — perguntou Beau.

Uma onda pinicante de ansiedade passou por Melody. Jackson tinha chegado muito perto de ir embora. *E se eu não tivesse sido capaz de impedi-lo?*

— Algumas garotas no salão estavam falando nisso hoje, e algumas mulheres mais velhas que estavam fazendo permanente disseram que os IRADOs deviam ser forçados a viver num barco ancorado no meio do Pacífico. Ela ainda está assustada com o filme *Frankenstein* e disse que até hoje pessoas com cabeça quadrada lhe provocam ataques de pânico. A coitada nem consegue olhar para Arnold Schwarzenegger sem ter um colapso. Palavras dela.

— Essa fugiu do hospício! — disse Candace.

Melody não conseguiu segurar uma risadinha. Mesmo em tempos tão sombrios, sua irmã sempre dava um jeito de aliviar a tensão.

— Pessoalmente, não vejo qual é o grande problema — acrescentou Glory. — Enquanto esses IRADOs não afetarem a minha vida, eu não ligo para o que eles fazem. A não ser que cortem suas unhas em público. Não aguento quando *qualquer* pessoa faz isso. Ok, melhor eu colocar essa comida nas tigelas antes que eu seja descoberta. Candace, fale pra Melly que é hora de parar de estudar. Vamos jantar em meia hora. Ela precisa tomar banho.

— Você ouviu isso? — perguntou Candace, batendo na porta de Melody. — A mamãe pensa que você está suja.

Melody relutantemente se levantou e destrancou a porta.

— Este quarto está com cheiro de depressão — disse Candace, entrando. — E aí?

O cabelo dela estava preso num rabo de cavalo alto e sua sombra branca e o gloss brilhante eram próprios para um domingo casual.

— Jackson não mudou de ideia e fugiu, né?

Melody balançou a cabeça.

— Penteou o cabelo?

Melody permaneceu ali, ignorando a patada. Os joelhos dela estavam doloridos e seu bumbum estava formigando. Há quanto tempo mesmo ela estava sentada ali no chão?

— Posso perguntar uma coisa?

Candace olhou para o peito.

— Sim, são naturais.

— Por favor, isso é importante.

As palavras, carregadas de emoção, quase não passaram pela garganta de Melody.

Candace apoiou-se na parede mais longe da irmã e cruzou os braços sobre o vestidinho marfim.

— Pergunte.

Engolindo sua trepidação, Melody soltou a bomba.

— Você se lembra se você já ouviu falar de alguém chamada Marina?

Candace balançou a cabeça com força. Ele adorava fazer seu rabo de cavalo balançar.

— Bem, eu perguntei por que quando a gente estava fazendo as fotos para a *Teen Vogue* e eu cantei para os camelos, Manu me disse que minha voz era exatamente como a da minha mãe, *Marina*. Quando eu disse que o nome da minha mãe era Glory, ele pareceu não acreditar em mim. Até que ele se lembrou que a filha da Marina

tinha um nariz que parecia a corcova de um camelo. — Melody pegou um monte de fotos do chão e segurou-as. — E olhe... *corcovas!*

— Então pergunte pra mamãe — sugeriu Candace, como se estivessem falando de pegar mais um pedaço de torta.

— Não posso.

— Por quê?

Melody tremeu. Como ela poderia explicar para sua destemida irmã que ela estava com medo da verdade? Que ela preferia viver na incerteza a saber que não fazia parte dessa família? Que...

— Maaaamããããeeee! — gritou Candace.

— O que você está *fazendo?*

Candace chamou-a novamente.

— Pare! Candace, por favor...

— O que foi? — Glory respondeu da cozinha.

— Você pode vir aqui um segundinho? Melly tem uma coisa importante para perguntar para você e o papai.

Melody ficou de boca aberta. O choque agarrou seu coração acelerado e o espremeu. Ela queria esmurrar a irmã. Bater nela até que virasse pudim. Enrolar o cabelo dela no ventilador e assistir o embrolho.

— Está tudo bem? — perguntou Glory, abrindo a porta.

Ela estava usando suas luvas de cozinha YSL (um presente de uma *chef* 5 estrelas que tinha sido sua cliente de estilo em Beverly Hills).

— O que foi? — perguntou Beau, espiando atrás dela. — Por que vocês não estão vestidas? Os Kramers estarão aqui a qualquer minuto!

— Pergunte para eles! — Candace apressou-a.

um bilhão de dólares ainda não tinha resposta e, de acordo com o filme *A Rede Social*, “bilhão era o novo milhão”. Então, a pergunta precisava ser feita.

Melody respirou fundo novamente e esperou que a dor forçasse a pergunta para fora novamente.

— Mãe, você é minha mãe biológica? — disparou ela.

Glory engasgou e cobriu a boca. Seus olhos verde-azulados se arregalaram e ela olhou de lado para Beau. Ele colocou a mão sobre as luvas YSL, lembrando a ela que ele estava ali.

Oh. Meu. Deus.

O sangue tapou os ouvidos de Melody. Martelou suas gengivas. Seu couro cabeludo. Ela ia vomitar. Todos os objetos no quarto pareciam flutuar. Todos os sons estavam ocos. Com o tempo, o momento iria endurecer. Iria permanecer em sua mente com a clareza de uma imagem HD como o momento que mudou sua vida.

— Vocês estão brincando comigo? — berrou Melody.

— Nós podemos explicar — Glory começou a falar. — Assim que acabar o jantar, nós vamos sentar e...

— Eu não estou com fome!

Melody precisava de ar. Enfiando os pés em sandálias de dedo e pegando o moletom que estava por perto, ela passou pelos pais e desceu correndo as escadas.

— Para onde você está indo? — perguntou Beau. — Os Krames estarão aqui em 10 minutos. Eles querem conhecer a família toda.

— Então acho que vocês não vão precisar mesmo de mim! — gritou Melody, batendo a porta de frente atrás dela.



CAPÍTULO 7

CORTAR, BANHAR, RASPAR

Esta loba estava ficando rouca.

“Se eu deixar mais uma mensagem, vou ficar com a voz da Demi”, pensou Clawdeen ao jogar seu Motorola Karma em cima da cama. “Onde está todo mundo? Porque eu só caio na caixa postal? E por que ninguém está me ligando de volta?”. Se não fosse pela pilha de RSVP da sua festa animal em cima da mesa (27 sim e nenhum não) ela estaria duvidando muito de seu poder fabuloso.

Ansiosa para visitar as amigas e obter respostas, Clawdeen espiou pela janela do banheiro pelo que parecia ser a enésima vez. Não demoraria muito agora...

Os *normies* espiões estavam finalmente arrumando suas câmeras e voltando para casa. Uma rua sem saída habitada por “monstros” não era um lugar onde iam querer estar agora que a noite começava a cair. E isso era bom para Clawdeen. Tinha passado o dia

todo escondida dentro do quarto, sujeita aos baques e barulhos dos pesos de Clawd do outro lado da parede. Proibida de pôr o nariz para fora e cheirar o fresco ar de outono. Impedida de ouvir música, acender as luzes ou andar perto das janelas: qualquer coisa que alertasse as pessoas para perceberem que estavam de volta. Se ela pudesse ao menos entrar na internet! Ela teria atualizado seu status no facebook para *Rapunzel*.

O confinamento, entretanto, não tinha sido um desperdício *total*. Depois de dormir até o meio-dia, Clawdeen passou cinquenta minutos tomando banho num banheiro sem pelos, usando seus produtos com cheiro de fruta e uma Gillette Venus novinha. Ela enfiou suas roupas malcortadas da lojinha do Hideout Inn dentro do guarda-roupa de Don e colocou um vestido preto com decote em V e babados e os sapatos de salto que faziam com que seu bumbum ficasse redondinho. Pintou as unhas de tons terrosos e encheu uma mala de rodinhas com itens de toalete e roupas essenciais para levar de volta para o albergue.

Clawdeen ligou para Lala, Blue, Frankie, Julia, Billy, Jackson e até mesmo para Deuce. E só recebeu caixa postal. *Que problema cabeludo!*

De repente, um pensamento mais alarmante do que uma sirene de polícia passou pela sua mente. *E se eles também foram forçados a ir embora?* O cabelo ruivo e sedoso atrás de seu pescoço se arrepiou. Eles não podiam ir embora! A festa seria em duas semanas! Tinham que discutir a *playlist*, escolher os enfeites de mesa, testar maquiagem, experimentar penteados, elaborar listas de desejos e desejar não ter convidado Cleo.

Uuuugggh!

Sua cabeceira, uma cerca de arame que ela tinha pintado com spray dourado, balançou quando Clawd deixou cair seus pesos, grunhindo.

— Já chega! — gritou ela, batendo na parede. — Está escuro lá fora. Os *normies* já foram. Vamooooooooo!

O barulho grudento de velcro sendo aberto significava que ele estava tirando as luvas. *Aaaauuuuh!* Cinco minutos no chuveiro e o seu *big bro* estaria pronto. Clawdeen calçou suas sapatilhas de camurça vermelha e pegou a mala, a filmadora, o kit de costura, a pistola de cola quente, as colas com glitter e o vestido da festa animal que ela estava fazendo, caso tivessem que mudar de lugar, fugindo de novo. Preparar-se para o pior não era uma coisa que ela costumava fazer, mas dois dias com lixo de lojinha de lembrancinhas tinham esse poder sobre uma garota.

— Vou sair primeiro — disse Clawd, segurando a irmã atrás com o antebraço malhado.

Pós-barba de sândalo e fios de cabelo castanhos impregnavam seu casaco. Ele pegou a maçaneta de metal com a apreensão de um ator num filme de terror.

Clawdeen deu uma risadinha.

— Um pouco dramático demais, você não acha?

— Assim fala a garota com a mala.

Clawdeen passou por ele e abriu ela mesma a porta. A brisa da noite, um beijo gelado em seu rosto, era refrescante comparada ao ar estagnado de uma casa abandonada.

Alguma coisa estava diferente na vizinhança, quase como um mistério no ar. Evitando as luzes dos postes, eles passaram de um

jardim para o outro. Espiando dentro das janelas e arranhando de leve os vidros.

Sinais de vida estavam por toda a parte: latas de lixo reciclável deixadas na esquina, luzes acesas na cozinha, mesas prontas para o jantar, comida nos pratos. As TVs estavam ligadas no Canal 2, tênis enlameados na porta da frente, bicicletas nas calçadas... A única coisa que estava faltando eram as pessoas.

— Onde está todo mundo? — Clawdeen perguntou, usando o batedor de porta em forma de sereia da porta lateral da casa de Blue.

A fonte com os golfinhos do quintal ainda estava ligada e os jatos nas piscinas de fundo preto estavam espirrando bolhas espumantes.

— É como se todo mundo tivesse... desaparecido.

— Você tentou ligar?

Clawdeen olhou para ele lançando um olhar de “será que você realmente me fez essa pergunta estúpida?”

Vermelhas como sangue, as folhas de uma grande árvore balançaram lá em cima. Clawd colocou o dedo sobre os lábios, pedindo silêncio, e segurou a irmã pela manga.

— Relaxa! — murmurou Clawdeen, com o coração aos pulos. — É só o vento.

— Não — insistiu ele, inclinando o ouvido em direção à rua. — Estou ouvindo passos.

Clawdeen sabia que não devia discutir com o irmão sobre seu senso aguçado de audição. Era até melhor do que o dela. Ela espiou sobre o ombro dele.

— É uma garota. Ela está correndo... Está de tênis... Está fungando... Está doente... Não, não está doente... Está chorando. Para trás!

Ele a forçou até encostá-la no frio exterior do vidro da casa da tia Coral.

Nesse momento, Melody Carver passou correndo pelo quintal. Clawdeen sentiu o peito inchar de alegria.

— Mel... — ela começou a gritar, antes que Clawd tapasse sua boca com a mão.

— Você está *louca*?

Clawdeen lambeu a mão salgada dele até que ficasse livre.

— Por que você acha que ela estava chorando? Talvez ela saiba de alguma coisa. Nós devíamos encontrá-la e...

— Ela é uma *normie*. Não podemos confiar nela. Além disso, o que ela pode saber?

Clawdeen pensou em lembrá-lo que Melody namorava Jackson. E que ela estava do lado deles. E que ser um *normie* não significava necessariamente ser um inimigo. Os 27 RSVP dizendo “sim” estavam aí para provar. Mas Clawd parecia abalado demais para ser racional. Isso era engraçado, já que ele era o responsável, segundo o pai.

— Bem, não podemos desistir ainda.

— Tudo bem. Mais uma casa. Que tal...

Ele fez uma pausa contemplativa e depois sugeriu a casa de Lala.

Ziguezagueando pelo quarteirão, eles chegaram ao que parecia ser um W infinito. Para cima na lateral de uma casa, pra baixo na próxima, pra cima uma, pra baixo, a próxima. Tudo isso com Clawdeen arrastando sua mala sobre a grama alta.

Finalmente, a antiga casa vitoriana era a próxima. Escondida sobre um dossel de galhos e folhas, a casa de Lala era a mais bem escondida do quarteirão. O lado de dentro estava sempre escuro, mas o brilho oscilante do candelabro do Tio Vlad sempre a enchia de vida. Hoje à noite não tinha nenhum brilho. Não havia sinal de vida.

Luzes de carro iluminaram o fim da rua.

— Siga-me — rosnou Clawd, desaparecendo entre as árvores.

Clawdeen tentou, mas as rodas de sua mala ficaram presas.

— Estou tentando! — disse ela, puxando a bagagem.

As luzes estavam chegando perto. Clawd deu a volta, levantou a mala com uma das mãos e arrastou a irmã atrás de uma árvore com a outra. Segundos depois, um sedan BMW com uma placa onde se lia “KRAMER” passou devagar, como se estivesse procurando alguma coisa... Ou alguém.

— Temos que sair daqui — insistiu Clawd.

— E a Lala?

— Ela obviamente não está em casa — disse ele, indicando a casa vazia com um aceno de cabeça.

— Vamos tentar o subterrâneo. Eles podem estar se escondendo ali.

— Podem mesmo — Clawd estapeou uma folha que caía. — Não podemos ir pra casa agora.

O caminho de oito quadras até o Riverfront era a visão do Apocalipse. Salem estava deserta e fantasmagórica.

— Estou feliz por estarmos aqui — disse Clawdeen, olhando para o perfil de Clawd enquanto ele agarrava a direção do carro.

Seu rosto era perfeitamente proporcional. Seus olhos não eram pulados como os de Rock. Seu nariz não era tão largo quanto o de

Howie. E seus lábios eram carnudos, mas não era tão beijudo quanto Nino. Até as bochechas de Clawd tinham a altura certa. Comparadas às de Don, eram como camas normais perto de uma super cama *king size*.

— Admita, você está feliz porque eu vim.

— Isso depende — disse ele, recusando-se a tirar os olhos da deserta rua adiante.

— De quê?

— Se eu vou conseguir voltar para casa.

— Clawd, eu sou só um ano mais nova que você. Você pode parar de se preocupar comigo — insistiu ela.

Mas ela sabia que a preocupação dele era mais profunda que isso. Preocupar-se com as mulheres era uma coisa instintiva nos lobos. Os machos eram mais fortes. A audição deles era melhor. Eles corriam mais rápido. Esses eram os fatos. Mesmo assim, coragem e inteligência contavam alguma coisa e Clawdeen tinha vindo com um suprimento bem carregado dessas coisas.

Dentro do quartel-general dos IRADOs, os irmãos foram tomados por um sentimento de desolação enquanto encaravam a pilha de pedra de cartões de crédito e telefones celulares.

— Isso explicaria os telefonemas não respondidos — murmurou Clawdeen.

Clawd estava muito chocado para responder. Eles andaram até o carro em silêncio.

Será que seus amigos realmente tinham ido embora da cidade? Uma comunidade inteira varrida por um programa de TV? Onde estava a coragem? O orgulho? A etiqueta? Será que eles não sabiam

que só podiam dar o fora depois de responder “sim” ao convite da sua festa?

— Minha festa animal não vai acontecer mesmo — Clawdeen soluçou no caminho de volta.

Clawd olhou para ela sem acreditar.

— É com isso que você está se preocupando? Sua *festa*?

— Não — fungou ela.

Não era só isso, mas a festa era o topo da lista. Pela primeira vez, teria uma coisa só para ela. Não para seus irmãos, seus amigos, para os negócios da família ou para os IRADOs. Só para ela. Clawdeen Lucia Wolf. Não que ela admitiria isso para alguém que ficou feliz com um pacote de doze meiões e uma caixa de rosquinhas açucaradas de presente de aniversário.

— Estou apenas dizendo que temos que encontrar alguém. Temos que trazê-los de volta e fazer com que as coisas voltem ao normal.

— Se “*nós*” quer dizer “*duas outras pessoas*”, então eu concordo. Porque *você* está voltando para casa hoje à noite. Estávamos certos seguindo nosso instinto de nos esconder. É óbvio que não é seguro ou todos ainda estariam aqui.

— E você?

— O técnico disse que eu posso ficar com ele hoje à noite.

Como de costume, Clawd virou na Radcliffe Way. Ele rapidamente fez a curva e foi para o lugar escolhido três quadras distante.

— Eu vou pegar meu uniforme e depois vou levar você de volta para o albergue.

— Bem, se você vai ficar, eu vou ficar.

— Só se passar por cima do meu cadáver peludo — disse Clawd, desligando o carro. — Não posso mais me responsabilizar por você. É muita pressão. Tenho que me concentrar no futebol e...

Num ato desesperado, Clawdeen tirou as chaves da ignição, pulou do carro e jogou as chaves no barranco.

— Acho que agora nós vamos ficar.

Clawd correu até a beira do precipício, mas sabia que estava escuro demais. Exasperado, ele agarrou e puxou os próprios cabelos.

— Você está *louca*?

Vibrando pela adrenalina, Clawdeen começou a andar para voltar para casa. *Louca* era provavelmente a palavra certa, mas ela preferia *determinada*.



CAPÍTULO 8

CAPITÃO GANCHO

Frankie e Cleo permaneciam imóveis, congeladas diante do caminho de concreto que levava até o prédio amarelo-mostarda. A grama estava lotada de cartazes. Se uma marcha política acontecesse no dia das bruxas, seria como a que estava acontecendo naquela manhã de segunda-feira no Merston High.

À esquerda, um grupinho pró-IRADO estava vestido com fantasias de monstro e cantando “Não odeie, aprenda a aceitar! É antiNECIP discriminar!”. Frankie reconheceu imediatamente a irmã de Melody, Candace. Ela cobria o rosto com uma máscara para dormir bordada com pedrinhas brilhantes recortada sobre os olhos, um macacão cor de pele *normie* com a palavra NECIP escrita com batom *pink* no lugar onde se usa a parte de cima do biquíni. Duas

amigas dela estavam erguendo no mastro uma bandeira mostrando uma caveira com ossos cruzados.

— O que piratas tem a ver com isso? — perguntou Cleo.

— Eu sei lá! — disse Frankie tentando imitar um pirata. — Mas é eletrizante! Elas estão do nosso lado. Queria que Blue, Lala e Clawdeen estivessem aqui para ver isso.

— É, todas as cinco estão do nosso lado. Precioso! — sibilou Cleo, começando a trilhar o caminho, tentando propositalmente ficar uns passos à frente de Frankie.

Mas o que Frankie esperava? Elas só foram juntas para a escola porque não havia mais ninguém por perto. Tudo que tinham em comum era o medo de serem expostas.

Frankie era a garota nova. Um produto da tecnologia moderna, um vislumbre do que estava por vir. Por outro lado, Cleo era uma majestade ancestral. Sua bolsa carregava pedras preciosas. A de Frankie, baterias. A princesa com perfume de âmbar estava usando salto alto dourado, *jeggings* verde-exército, uma blusinha camelo comprida, um colete branco e felpudo e milhares de pulseiras tilintantes misturadas. Sua roupa era digna de tapete vermelho, enquanto o vestido de gola alta de Frankie podia ficar embaixo dele. Mas ela não podia se dar ao luxo de se preocupar demais com o superficial. Não hoje.

À direita, um grupo de sessenta pais e alunos, liderados pela *normie* Bekka Madden, cantavam: “Queremos segurança! Monstro longe de criança!”. Os ativistas babacas até tentaram um slogan cômico: “O futebol dos Stein não se joga com bola! É uma cabeça que rola!”. Os seguidores dela aplaudiam, sacudindo cartazes “Monster High” pela fina névoa da manhã, parecendo muito

satisfeitos. Como se aquele trocadilho de nada, mudar o nome da escola de Merston High para Monster High, merecesse um prêmio Pulitzer. Frankie não conseguiu evitar imaginar que lado do gramado Brett escolheria. Hoje, ela ia descobrir. Ela conseguiu colocar os dedos dentro das mangas do vestido um pouquinho antes de soltar faíscas.

— Essa *normie* é de uma burrice cabeluda — disse Cleo, emprestando a expressão favorita de Clawdeen.

A cena fazia Frankie se lembrar da sua primeira aparição na escola. Ignorando o conselho dos pais, ela chegou sem maquiagem e assustou até os pompons de um grupo de *cheerleaders*. Ainda bem que era um domingo, a escola era em outra cidade e ela escapou sem nenhum arranhão. Mais ou menos. Psicologicamente, Frankie estava assustada: seu orgulho ficou ferido, sua confiança, abalada. Por que pessoas como Bekka Madden decidiam o que era e o que não era aceitável?

— Vocês não vão acreditar! — disse Billy, de repente juntando-se a elas.

— Aahhh! — gritou Frankie, assustada.

— Daryl Komen e Eli Shaw estão fazendo testes de monstro perto do armário dos alunos do segundo ano.

— Continue — murmurou Cleo, como uma espiã.

— É... o que é um teste de monstro? — acrescentou Frankie, dirigindo a pergunta pra Cleo em vez do ar com cheiro de bala, caso alguém estivesse olhando. Ela sabia que estavam seguras por enquanto, pois suas identidades não tinham aparecido na TV, mas não teria um dia pior do que esse para ser pega com seu amigo invisível.

— Eles estão checando os dentes para encontrar presas, tirando óculos escuros, esse tipo de coisa.

— Graças a Geb que eu não estava nesse filme — disse Cleo, enrolando uma mecha platinada entre os dedos.

— Falando nisso... — disse Billy, pegando o topo da cabeça de Frankie e girando-a na direção do estacionamento.

Heath Burns estava saindo do Prius azul da irmã. Brett, que sempre aparecia com eles, agora não estava.

— Olhe quem decidiu faltar hoje. Eu disse que ele tinha culpa.

O espaço do coração de Frankie ficou apertado. “Será que Billy tinha que parecer tão eletrizado com isso?”

— Heath! — chamou ela, saindo sem se despedir.

Ele se virou.

— Oh, oi! — Ele sorriu, aliviado. Seus olhos passaram rapidamente pelo gramado. — V-você está bem? — perguntou ele, discretamente.

— Bem, e você?

Ele balançou a cabeça, depois colocou uma pastilha digestiva na boca, obviamente tentando manter seus arrotos fumegantes sob controle.

— Isso é sinistro, não? — perguntou ele, balançando o polegar na direção dos manifestantes. — Acho que tive sorte por ter ficado atrás da câmera ou teria sido exposto também.

— Onde está Brett?

Heath a puxou para trás do carro, recusando-se a responder até que estivessem fora do alcance de alguém que pudesse ouvir.

— Você viu Brett? — insistiu Frankie.

Ele mordeu outra pastilha e depois balançou a cabeça.

— Não, desde...

— Você acha que ele armou essa cilada para nós?

— Minha irmã acha — respondeu ele, revirando os olhos. — Ela nunca gostou dele. Mas eu não acho.

— Você tentou ligar para ele?

— Caixa postal o tempo todo. E você?

— Eu não tenho o número dele. Estava no meu telefone velho e...

Frankie se refreou, imaginando se aquela desculpa parecia tão boba para ele quanto era para ela. Afinal, seu corpo era feito de partes sintéticas e movido à eletricidade. Mantido vivo por uma bolsa que era um luxo. Se a tecnologia era capaz de tudo isso, será que não conseguiria encontrar um número de celular?

Heath revirou seu celular e depois suspirou.

— Espero que ele esteja bem.

Bem?

Nenhuma vez Frankie considerou a possibilidade de Brett estar em perigo. Não que ela quisesse que ele estivesse machucado. Mas, se ele estivesse, isso significaria que ele não tinha sido um traidor. Ele e Bekka não estariam flertando com Hollywood. Sua mãe estaria errada sobre “associar-se com os de sua espécie”. E ela estaria livre para recomeçar o namoro, para salvá-lo da mesma forma que tinha sido salva por ele. Uma represa brotou dentro de Frankie. A esperança começou a encher seu buraco do coração.

Heath disparou o número de Brett assim que o primeiro sinal tocou. Os manifestantes colocaram seus cartazes embaixo do braço e começaram a subir a escadaria.

— Se você souber de algo, me avise — disse o cabecinha-vermelha, colocando o capuz de seu moletom verde e correndo até a entrada.

Frankie ficou perto do carro. Assim que seus dedos pararam de soltar faíscas, ela começou a escrever o texto.

VC TAH BEM?

(Apagar) Ela parecia preocupada demais. E se Brett a tivesse traído?

HEATH ESTAH PREOCUPADO COM VC. POR FAVOR, LIGUE.

(Apagar) Ele podia ligar para Heath e não para ela. EU

MEREÇO UMA SATISFAÇÃO, VC NAUM AXA? *(Apagar)*

Brava demais. E se ele estiver com problemas? BATA 1X

P/ PERIGO, 2X P/ TRAIÇÃO.

(Apagar) Muito direto.

ADORARIA OUVIR SEU LADO DA HISTÓRIA.

O último sinal tocou. Frankie passou o dedo pelo “enviar”. Era assim que seria? Ela leu pela última vez. O tom parecia livre de julgamento, curioso caso ele fosse inocente, mas firme se ele não fosse.

Ele apertou o “enviar” e esperou... Esperou... Esperou...

Checando seu telefone a cada 45 segundos não valeu a pena até o final da terceira aula, quando Brett finalmente respondeu. Faminta, Frankie devorou o pequeno balão de texto num único olhar.

BRETT: NAUM POSSO TE AJUDAR. NAUM ME CONTATE MAIS.

Paralisada pela frustração, Frankie não teve nem forças para responder. Não havia mais nada a ser dito. O balão dele estava no ar. O dela tinha explodido.



CAPÍTULO 9

SAQUE

Vruuum. Vruuum.

Melody acordou com o som de motor de moto. Olhos ardendo, o corpo pesado de mágoa. Alguma desgraça tinha acontecido na noite anterior. Seu corpo se lembrava, mas sua mente estava anuviada demais para rememorar os detalhes.

Vruuum. Vruuum. Aquele barulho irritante tinha que parar. Ela cobriu a cabeça com o travesseiro. E daí, num flash de consciência, reconheceu seu toque de celular. “Por favor, que seja o Jackson!”. Ela vasculhou entre os lençóis lilás e encontrou o iPhone.

— Alô?

— Onde você está?

Melody recostou-se novamente e fechou os olhos.

— Oi, Candace.

Ela olhou para fora, tentando adivinhar a hora. Sua visão estava escurecida pela tinta caramelo que cobria o vidro.

— Que horas são?

— Uma e meia. Oooii! Você não leu suas mensagens?

PARA: Melly

out 18, 7:06 AM

CANDACE: BEKKA ESTÁH PROTESTANDO NA ESCOLA!!!
NECIP PRECISAM ESTAR PRESENTES. CORRA!

PARA: Melly

out 18, 7:19 AM

CANDACE: BILLY ENTROU NA SALA DE ARTES. FAZENDO
CARTAZES AGORA. VENHA AKI!

PARA: Melly

out 18, 7:34 AM

CANDACE: BILLY ENTROU NA SALA DE TEATRO PARA
PEGAR MÁSCARAS PARA O PROTESTO. ISSO ATRAI MÍDIA.

PARA: Melly

out 18, 8:10 AM

CANDACE: PENDURAMOS UMA BANDEIRA.
ENCONTRAMOS NUMA LATA DE LIXO, TÁH ESCRITO
"PIRATAS DA PECHINCHA – ACESSÓRIOS". MAS FUNCIONA
SUPER! VC JÁH TÁH AKI?

PARA: Melly

out 18, 9:07 AM

CANDACE: DIRETOR WEEKS DISSE Q NAUM VAI
ESCOLHER LADO. MAS EM NOME DA LIBERDADE DE
DISCURSO OU OPINIÃO (EU ESQUEÇO) PODEMOS
PROTESTAR. CADE VC???? SE VC AINDA ESTIVER EM
CASA, TRAGA MEU APARELHO DE SOM.

PARA: Melly

out 18, 12:22 PM

CANDACE: NAUM VI JACKSON, CLAWDEEN, LALA, BLUE, DEUCE OU OS GATOS DOS IRMÃOS WOLF NA HORA DO ALMOÇO. ELES ESTÃO BEM? TB NAUM VI BILLY. HÁ!

PARA: Melly

out 18, 1:10 PM

CANDACE: BEKKA ESTÁ VENDENDO INGRESSOS P/ ALGUMA COISA MISTERIOSA DEPOIS DA AULA. BILLY ESTÁ ESPIONANDO P/ CONSEGUIR INFO. PODE SER ALGO P/ ANGARIAR FUNDOS, ALGO Q A GENTE PODIA FAZER PRO NECIP TB. PRECISAMOS DE \$\$ PARA ROUPAS E UM ESCRITOR DE CARTAZES.

PARA: Melly

out 18, 1:24 PM

CANDACE: CANSEI DE ESCREVER. VOU TE LIGAR. ATENDA!

— Melly — continuou Candace. — Preciso mandar você pro médico? Eu ligo pra um se você quiser. Só não morra enquanto o papai e a mamãe estiverem fora. Eles nunca mais me deixarão ficar como responsável de novo.

— Estou bem — resmungou Melody.

Uma pena azul esverdeada com a ponta dourada pousou sobre sua coxa. Ela ainda estava usando seu pijama J. Crew listado. O mesmo que tinha usado na noite anterior... Quando ela fugiu do jantar... De repente, os detalhes começaram a voltar.

O olhar cúmplice que seus pais trocaram quando ela perguntou se Glory era sua verdadeira mãe... A probabilidade de ter sido adotada... Fugir dos Kramers... Ver Clawdeen e seu irmão entrando num carro... Esconder-se num arbusto porque não queria que eles a vissem chorando (o que explicaria a pena de pássaro)... Esperar do lado de fora até que os Kramers fossem embora... Passar batendo o pé pelos pais e ir direto para o quarto... Insistir para que fossem embora, mesmo depois que eles se propuseram a cancelar a viagem... Fingir estar dormindo quando eles a beijaram para se despedir às 4 da manhã antes de ir para o aeroporto... Ignorar Candace quando ela apareceu para acordá-la para a aula...

O sinal da quinta aula soou nos fundos.

— Tenho que ir! — disse Candace, gritando no telefone. — Ah, a propósito, você me deve uma por me deixar sozinha com os Kramers. Ou eles não acham que a história da Mia Rosen caindo de cara na água não era engraçada ou eles mudaram o status do Botox para *NãoPossoSorrirMais*. Juro, foi como jantar no Museu de Cera Madame Tussaud. — O sinal tocou de novo. — Candace desligando!

Depois de um banho muito necessário, Melody ponderou sobre seu próximo passo sobre um prato de Cap'n Crunch — Frutas Crocantes.

O que Jackson faria? (*Crunch, crunch, crunch.*) O que Jackson faria? (*Crunch, crunch, crunch.*) O que Jackson faria? (*Crunch, crunch, crunch.*) Uma questão válida, já que a Sr^a J. tinha escondido a verdade dele também, simplesmente ignorando contar ao filho que ele era um IRADO compartilhando um corpo com D. J. Hyde. Mesmo assim, ele encarou a situação com bravura e graça. Ele procurou as respostas, aceitou-as e depois se adaptou. *Procurar, aceitar, adaptar...* Três princípios que Melody tinha rejeitado a vida toda. Normalmente, ela se sentaria e esperaria que as coisas mudassem porque eram injustas. Valentões, mentirosos, esnobes... O universo acertaria as contas no final. Se não, ela se tornaria cínica e brava. Depois, se afastaria. Nunca tinha considerado tomar as rédeas e mudar as coisas por ela mesma. Até agora.

Até Jackson.

Com a cabeça leve depois de um dia inteiro dormindo (ou seria de uma noite chorando?), Melody saiu na rua ensolarada à procura de respostas. Tinha trocado seus pijamas listados por uma jaquetinha militar (*obrigada, Candace!*), jeans Wranglers desbotado de brechó, All Star *pink* e um olhar determinado. Seus cabelos negros estavam presos num rabo de cavalo prático e descomplicado e seus estreitos olhos acinzentados estavam secos. Ela podia praticamente ouvir Jackson batendo palmas.

Régia e resignada, Radcliff Way, 32, parecia ainda mais intimidadora do que o comum. Parecia um cofre expandido, de três andares, abrigando zelosamente a pessoa que guardava os segredos

de seu passado. Com os dedos trêmulos, Melody pressionou a campainha e deu um passo para trás. Sininhos delicados tilintaram do outro lado da porta. Uma câmera de segurança foi a primeira a cumprimentá-la. O homem careca de pele escura foi o segundo. Com os lábios cerrados, ele sorriu. Será que ele estava esperando por ela?

— Melody, certo? — perguntou ele, com um leve sotaque do Oriente Médio.

Ela confirmou.

— Cleo está na escola — Ele fez uma pausa. — E é por isso que você está aqui, não é?

— Na verdade, estou aqui para ver você.

Ela entrou no saguão mal iluminado. Uma segunda porta, a que dava para a casa, estava fechada. Bancos estofados ofereciam uma folga aos que não eram convidados a entrar.

— Sente-se — disse ele, gesticulando na direção de um dos bancos.

Ele alisou a frente de sua túnica branca, sentou-se do outro lado, na frente dela, e esperou que ela falasse.

— Então, hum, eu andei pensando no que você disse e, sabe, no editorial da semana passada... — Melody sentiu a boca seca. — Você sabe, sobre Marina...

— Ah, sim! — Ele bateu nas coxas, descontraidamente. — Marina, a mulher que *não é* a sua mãe.

— Bem, o caso é esse. Ela pode ser...

A porta da frente foi aberta. Perfume de âmbar tomou o ar. Cleo surgiu logo em seguida.

— *Melody?*

Ela largou a bolsa metalizada dourada no tapete de junco. Seu colete marfim de pele falsa e suas pulseiras tilitantes eram a prova de que ela não estava se escondendo como os outros IRADOs.

— Ei, porque você não estava na escola hoje? — perguntou a princesa, jogando seu cabelo negro com mechas douradas.

— Eu não estava me sentindo bem.

— Talvez um pouco de ar fresco possa fazer bem — sugeriu Manu.

Cleo revirou seus olhos contornados de kaja, beijou a cabeça careca dele e deu uma risadinha.

— Juro, você parece o meu pai!

Manu ficou em pé e colocou o braço ao redor dos ombros de Cleo, dando-lhe um abraço carinhoso.

— Eu ajudo a cuidar de você desde que você era pequeninha — disse ele. Depois, virando para Melody, continuou: — Sabe, uma pessoa não precisa ser biologicamente ligada a uma criança para ser sua mãe ou pai. Do mesmo jeito, pais biológicos às vezes não são os melhores para cuidar de nós. As famílias podem ser muito diferentes. O que importa é que possamos nos sentir amados e...

— Tá bom, tá bom, chega! — brincou Cleo, como se já tivesse ouvido essa conversa muitas vezes.

— Mas, espere — disse Melody, aflita. — E se a pessoa que não está sendo criada por seus pais biológicos quiser saber mais? Sabe, sobre seu passado e porque mentiram para ela... ou ele?

— Ninguém está mentindo para mim — disse Cleo, erguendo a sobrancelha, confusa.

— Daí essa *pessoa* tem que ter coragem para falar com seus pais — respondeu Manu.

— Mas...

— Pelo amor de Geb, não há nada para falar! Meu pai viaja. Eu adoro ficar com Manu. É uma riqueza! Agora, podemos, *por favor*, falar do que é realmente importante? Minhas melhores amigas foram embora e Deuce já está na Grécia por... — Cleo checou o telefone — ... 11 horas e ainda não me ligou.

— Você está certa — disse Manu, girando o escaravelho-maçaneta da porta de entrada e caminhando pelo grande salão. — Vou deixar vocês duas cuidando de coisas mais importantes.

— Manu, espere! — disse Melody, insatisfeita com seu dicursinho clichê sobre famílias.

Mas ele fechou a porta e foi embora.

Cleo alisou a pele falsa do colete e fez um biquinho.

— Qual é a graça de colocar uma roupinha linda se não tem ninguém para admirá-la?

Melody suspirou, desapontada.

— Não se preocupe — Cleo encorajou-a. — Eu só estava sendo retórica. Eu vou continuar usando roupinhas bonitas.

De repente, uma voz feminina familiar ecoou pela vizinhança.

— AQUI NÓS TEMOS A CASA ONDE VIVEM OS PARENTES DO DRÁCULA...

Melody e Cleo correram para fora.

Bekka Madden estava no gramado úmido da casa de Lala, segurando um megafone e posando com seis garotas enquanto sua sócia, Haylee, tirava a foto. O cabelo castanho de Bekka tinha sido domado em duas trancinhas baixas e seu estilo *country chictinha* sido substituído por sisudas calças pretas e uma blusa branca. Ela parecia uma freira com roupa casual.

— Fiquem à vontade para pegar uma lembrança da propriedade — ofereceu ela. — Com mais 5 dólares, Haylee irá fotografar seu tesouro em frente à propriedade para provar a autenticidade. E vocês irão precisar disso se quiserem vender os itens no eBay.

As garotas vasculharam tudo pela “lembrancinha” perfeita.

— Isso é tão *ka!* — rosnou Cleo.

Melody não fazia ideia do que *ka* significava, mas ela estava tão ofendida quanto.

— Vocês estão invadindo! — gritou Cleo, batendo o pé pela rua. — Saiam da propriedade de Lala ou eu vou chamar a polícia.

As garotas ficaram paralisadas e olharam para seus panfletos em busca de explicações.

— Olhe só quem é — Bekka batia as unhas em seu megafone. — Ignorem essa aí — disse ela para as seis garotas. — Tirar fotos não é crime.

Cleo apoiou as mãos no quadril.

— Bem, assassinato é crime e eu vou te matar se você não sair daqui.

— Eu tenho uma licença — anunciou Bekka, estalando os dedos para Haylee. — Mostre para elas.

— Mostrar o quê?

— A *licença* — insistiu Bekka. — Eu coloquei ali quando saímos do tribunal. *Lem-bra?* — falou ela com os dentes cerrados.

— Ah, sim — disse Haylee, ajustando seus óculos gatinho beges.

A apagada sócia começou a vasculhar sua pasta de crocodilo. Enquanto isso, atrás delas, as garotas estavam a toda. Uma delas enrolou o capacho preto da porta de Lala embaixo do braço enquanto

outra começou a desenroscar os números da casa com uma lixa de unha de metal. Ela arrancou o 3 e rapidamente começou a trabalhar em cima do 7.

— Bekka, o que você está fazendo é cruel — Melody falou alto. — Mesmo se tratando de você.

— De jeito nenhum! — disse Bekka batendo na testa. — Eu não consigo acreditar que demorei tanto para me dar conta disso.

— Dar conta do quê? — perguntou Cleo, dando um passo nervoso para trás.

— Quando você acha que já viu tudo... — Bekka falou alto, gesticulando como um diretor de teatro. — Eu lhes apresento dois monstros de verdade!

Cleo prendeu a respiração. As garotas ficaram paralisadas novamente.

Fúria e acidez se misturaram dentro de Melody.

— Do que você está *falando*, Bekka? — gritou ela. E depois, dirigiu-se às garotas. — Vocês acreditam mesmo nela?

— Claro que elas acreditam — gritou Bekka pelo megafone. — Por que não acreditariam? Vocês duas vivem nesta rua. Vocês duas namoraram monstros. Portanto, ou vocês *são* monstros ou sabem onde eles estão se escondendo.

Cleo, mordendo o gloss que cobria o trêmulo lábio inferior, deu um passo na direção de Melody. Bekka tinha muitas qualidades desprezíveis, mas burrice não era uma delas.

— Estas pessoas que você está explorando são inofensivas — disse Melody, mais para Haylee e para as garotas do que para Bekka. — Eles se mostraram na TV para dizer que não vão machucar ninguém e é assim que vocês reagem?

A imagem de Jackson se escondendo em algum porão úmido e escuro, sozinho, sem sinal de celular, sem *ela*, fez seu estômago revirar.

— SAIAM DAQUI! — gritou ela.

Pássaros voaram da árvore da frente da casa de Lala. Estranhamente, Bekka, Haylee e as seis garotas correram, trotando como veados assustados pela rua.

— Como você *fez* isso? — perguntou Cleo.

— Não tenho ideia — admitiu Melody no instante que uma pena azul-esverdeada com pontas douradas caiu sobre seu ombro. Distraída, ela a derrubou no chão.

— O que você está fazendo? — perguntou Cleo, pegando a pena e examinando-a sob a luz do sol. — Isto é incrível.

— Tá — murmurou Melody, seus pensamentos voltando para o poder de sua voz e Manu.

— De que pássaro é esta pena?

Melody sacudiu os ombros.

Cleo segurou a pena perto do pescoço.

— Não ia dar um colar real?

Quando a segunda pena caiu sobre o braço de Melody, Cleo rapidamente a agarrou. Ela ergueu o par de penas perto da cabeça.

— Ou brincos?

Melody concordou.

— Posso ficar com elas? — perguntou Cleo, andando para trás, cruzando a rua na direção de sua casa.

Melody permaneceu ali. Ela queria ficar sozinha. Precisava processar. Precisava de maior clareza.

— Pode.

— MONSTROS! — gritou Bekka uma última vez no final da quadra. — Podem esperar! Eu vou provar!

— Quando conseguir, me avise! — gritou Melody de volta, sem ser retórica.

Talvez, assim, ela pudesse conseguir algumas respostas.



CAPÍTULO 10

O SENHOR DAS PULGAS

Enquanto as crianças *normies* estavam se deliciando com petiscos depois das aulas e atualizando suas páginas do Facebook ao mesmo tempo que sentiam o aroma do jantar sendo preparado, Clawdeen estava de quatro, procurando as chaves do Jetta no barranco. Chaves que ela mesma tinha jogado na noite anterior porque não queria que Clawd a levasse de volta para o albergue. O que, depois de cinco horas numa fossa cheia de galhos, e folhas, infestada de formigas e cocô de veado, não parecia ser uma ideia tão ruim. Comparado a isso, o albergue tinha subido muito em seu conceito. Ela esperava que Clawd voltasse do jogo de futebol com boas notícias. Senão, a possibilidade de ter que correr até o albergue e voltar com as chaves-reserva não seria muito bem aceita.

“Foco!”, pensou Clawdeen, tentando afastar sua negatividade. “Limpe sua mente e torne-se uma com a chave! Foco. Olhe. Sinta...” Um mosquito picou a parte de trás de sua orelha. (*Smack!*) Os insetos estavam adorando seu novo perfume com cheiro de fruta. Foi sua última compra para a festa animal, um perfume exclusivo que ajudaria a começar bem o ano e quem sabe atrair um garoto... Ou dez. Mas quem poderia saber se a festa aconteceria agora? Seus pais pareciam acreditar que não tinha mais jeito, mas ela se recusava a...

— Nós vamos voltar amanhã, de graça — disse uma garota longe dali. Clawdeen esticou as orelhas supersensíveis. — Tragam biquínis. Nós vamos para a casa de Blue nadar um pouquinho.

Casa de Blue? Quem é que vai para a casa de Blue? Ela voltou?

Depois de uma rodada de “oba!”, “valeu” e sons de abraços, o grupo, que parecia ser de no máximo oito pessoas, se separou. A maioria continuou subindo a rua; mas duas, usando sapatos que pareciam extremamente cafonas pelo barulho que faziam, viraram a esquina na direção de Clawdeen. Ela se abaixou atrás de uma árvore e espiou a calçada. Mas elas ainda estavam longe demais para ser identificadas.

— Marque a hora e o dia — insistiu a garota com uma voz apressada que ficava cada vez mais alta e mais próxima. — Estou oficialmente declarando que aquelas duas estão escondendo alguma coisa. Alguma coisa grande.

Clawdeen finalmente conseguiu visualizá-las. Era Bekka Madden, ditando seus pensamentos para Haylee, sua amiga extremamente devotada.

— Eu vou revelar o segredo delas — disse Bekka. — Elas pensam que podem nos assustar agora, mas elas que tem que se assustar.

— Ficar assustadas — disse Haylee.

— Sim, Cleo e Melody — rebateu Bekka.

“Cleo está aqui?”, pensou Clawdeen.

— Não, quero dizer que elas têm que ficar assustadas, não que elas têm que se assustar.

Clawdeen começou a rosnar. Ninguém podia ameaçar sua mais ou menos amiga e sua ex-amiga e sair ileso. Especialmente não aquela *normie* vingativa.

— Aposto que elas ainda estão no meio da rua dando risada. Mas eu vou rir por último quando...

Ainda estão no meio da rua? Ohmeudeus! Clawdeen lutou com todas as forças contra o impulso de sair do esconderijo, rasgar a blusa de Bekka com as garras e correr pela rua. Ela precisava avisar as amigas. Tinha que impedir Bekka. Tinha que achar as chaves. Tinha que...

— Olhe! — disse Haylee, apontando para a árvore.

Clawdeen prendeu a respiração, encolheu o estômago e apertou os olhos bem fechados. Ela não tinha medo de ser capturada. Correr delas seria fácil. Era a câmera que elas tinham em mãos que a amedrontava. Uma foto da “garota lobisomem” se escondendo no meio do mato iria tornar mais difícil provar que era inofensiva. O estrago para sua lista RSVP poderia ser irreparável. Seu perfume frutal seria desperdiçado com os mosquitos...

Passos vinham em sua direção. As garotas estavam se aproximando. Ela conseguia ouvir a batida de seus corações. Um

deles batia com genuína curiosidade, *babumbabumbabum*, o outro, vingança, *ba-bum ba-bum ba-bum*.

O par se aproximou da árvore. Inclinararam-se, chegando mais perto. Pausa. A ansiedade fez Clawdeen se contorcer. Alguma coisa estava andando em seu pescoço. Estava se preparando para picá-la. Ela deixou. Coçou. Ela imaginou que estava coçando. Ainda assim, coçava. Ela imaginou estar coçando com um garfo. Ela começou a imaginar a qual velocidade tinha que correr para se tornar invisível.

Bekka balançou um galho. Folhas secas choveram ao redor dela.

— Venha para a mamãe — arrulhou ela, claramente se divertindo com o poder de intimidar.

Elas me encontraram! E agora?

— Não tenha medo. Venha!

Sons de beijinhos saíram dos lábios finos de Bekka como se ela estivesse chamando um cachorro. Essa garota era mais amedrontadora do que qualquer monstro poderia ser.

Haylee bateu palmas.

— Peguei!

As orelhas de Clawdeen ficaram tensas. O som de dois objetos metálicos sendo manuseados a deixou apavorada. *São facas? Balas de prata?*

— Parece que são daquele Jetta.

As chaves!

— Aonde você vai? — perguntou Bekka.

— Vou colocar as chaves no teto do carro. Alguém obviamente as perdeu. Devemos deixar um bilhete?

— Me dá isso aqui! — insistiu Bekka.

Não!

— É o carro dos Wolf — Ela jogou as chaves, que aterrissaram aos pés de Clawdeen. — Há! Quero ver como eles vão escapar agora!

Assim que Bekka e Haylee foram embora, Clawdeen pegou as chaves e correu pelo barranco, para encontrar Cleo. Ela estava ansiosa para fazer contato e quase tinha esquecido sua raiva. Mas ela se lembrou rapidinho quando se deu conta que a rainha enrolada, por algum motivo obscuro, estava do lado de Bekka.

Aauuu aauuuuu Ioouuuu ioouuu Aauuu aauuuuu Ioouuuu ioouuu

Clawdeen se colocou entre as flores embaixo da janela do quarto de Cleo, fazendo o uivo secreto de “loba chamando gata”. Elas usavam esse uivo para se reunirem no primário, antes de terem telefones celulares. Aquela pilha de celulares de pedra descansando em paz fez com que deduzisse que seria uma boa fazer do velho jeito.

Aauuu aauuuuu Ioouuuu ioouuu Aauuu aauuuuu Ioouuuu ioouuu

De repente, alguém apareceu e a agarrou por trás. O meliante cheirava a âmbar.

— Pelo amor de Geb, onde você estava? — perguntou Cleo, radiante. — Você desapareceu completamente da face da terra! Espere! Não me diga que você ainda está se escondendo no Hideout!

Clawdeen deu um passo para trás, distanciando-se.

— Como você pôde fazer isso com a gente? — perguntou ela, os jeans manchados de lama. — Você e aquela *normie* Bekka...

— Ká! — Cleo caiu na risada, abanando a raiva de Clawdeen como se abana uma mosca. — Todo mundo sabe que eu sou inocente. Eu limpei meu nome antes de todo mundo desaparecer. Mas como você não estava lá, eu te conto tudo em 30 segundos. Eu queria que o filme desse errado para você modelar comigo. Culpada. Admito.

Bekka ia me ajudar a apagar o filme. Culpada. Admito. Depois ouvi que não iria mais pro ar. Problema resolvido. Então dei o fora na normie. Ela fez o resto. Eu não tinha ideia. Agora, podemos partir pra outra? — Cleo bateu palmas, abriu os braços e abraçou Clawdeen, que não teve nem chance para responder. Então, Cleo enroscou o braço da amiga e começou a andar pela grama como se nada tivesse acontecido.

E, em nome da amizade com a majestade, Clawdeen sabia que era melhor fingir que não tinha acontecido nada mesmo.

— Então todo mundo foi *embora*? Para onde eles foram?

— Deucezinho foi para a Grécia num dos jatinhos do Sr D. Dizer adeus na frente do meu pai foi duplamente frustrante e triplamente constrangedor.

— Jackson foi embora também? Foi por isso que a Melody estava correndo por aí de pijama e chorando numa noite dessas?

— Há! Verdade, ela se veste como se estivesse numa propaganda de roupa de cama, mas não deixe que o estilo “não dormi em casa” engane você. Aquela *normie* tem muito *sex appeal*. Você devia ter visto quando ela assustou Bekka. Foi até meio estranho — disse Cleo, suas pulseiras douradas tilintando. — Falando nisso, você acredita que o Deuce se foi?

— Minha festa também vai pro brejo se tudo isso não se resolver logo.

— Prometemos fidelidade, mesmo ele estando na Grécia. Mas não consigo tirar da minha cabeça que ele conheceu alguém. Se não, porque ele não liga?

Clawdeen coçou rapidamente as mordidas de inseto em seu pescoço.

— Para onde foram Lala e Blue? E Jackson? Você acha que eles vão voltar para o meu aniversário?

— Vou falar uma coisa — Cleo parou de andar para olhar nos olhos de Clawdeen.

O sol do final da tarde refletia suas mechas douradas e iluminava seus olhos de topázio. Podia custar caro manter tudo aquilo, mas não tinha como negar que ela era linda.

— Se eu não tiver notícias dele até o seu aniversário, vou passar o rodo. Com juras de fidelidade ou não — disse Cleo, suspirando e voltando a andar. — Isso tudo é um majestoso pé no s...arcófago.

Clawdeen também suspirou. Ter uma conversinha à toa com Cleo era ainda melhor do que um banho quente num banheiro livre de meninos. Não importava que elas não estivessem tendo uma conversa de verdade. Tudo que importava é que elas estavam juntas novamente.

— Temos que ir! — gritou Clawd, surgindo do gramado de Cleo.

Ele ainda estava vestido com o uniforme verde e amarelo de futebol e com o capacete embaixo do braço.

— Você achou as chaves?

Clawdeen jogou as chaves para ele.

— Que chaves? — perguntou Cleo, detestando não saber todos os detalhes.

— Vamos, mexa-se! — insistiu ele, puxando a irmã pelo braço. Suas palmas estavam suadas. Suas bochechas, vermelhas. Ele cheirava a fita adesiva e suor. — Temos que voltar para o albergue!

— Por quê? — choramingou ela.

Agora que Cleo estava com ela, era ainda mais difícil partir.

— O técnico Donnelly armou uma cilada para mim. Ele estava tentando me pegar. Alguns caras do time me avisaram antes do jogo então eu saí correndo. Ele está me procurando.

Clawdeen coçou o pescoço de novo.

— Mas nós ainda nem conversamos sobre centros de mesa e...

— Deenie, temos que ir!

Clawd levantou a irmã, colocou-a sobre o ombro e começou a correr.

— Esperem! — gritou Cleo.

Clawdeen começou a bater nas costas do irmão.

— Me coloque no chão! Eu quero ficar!

— Somos uma matilha — disse ele, ofegante. — Nós ficamos todos juntos.

— Não quero ser uma matilha. Quero ser uma loba solitária.

Ele a colocou ao lado do Jetta, abriu as portas e a empurrou para dentro.

— *Normies* estão invadindo a casa de Blue. A nossa pode ser a próxima! — arriscou Clawdeen.

— É só uma casa — disse ele, batendo a porta.

Ele correu até o lado do motorista, colocou a chave na ignição e cantou pneu na curva.

— E as minhas amigas? Minha vida está aqui!

— Se você quer *viver*, precisamos sair daqui. *Rápido!*

Clawd acelerou até o albergue, com Clawdeen amarrada ao assento ao lado dele.

Nunca se arriscando. Sempre seguro. Sempre assim.

Era uma terça-feira depois da escola, e Billy estava numa banheira de madeira usando nada além do shortinho Victoria's Secret listado de roxo e branco de Candace. Nele, aliás, o short parecia mais uma cuequinha. Era isso ou a parte de baixo do biquini pequenininho dela, porque a cueca Calvin Klein GG de Beau estava fora de cogitação. Billy estava malhado, mas nem tanto.

— Pare de olhar — disse Billy, com as bochechas queimando.

Candace deu uma risadinha.

— Eu sou profissional.

— Esqueça! — disse Billy, pisando na borda fria da banheira. — Não consigo fazer isso.

Nem mesmo Frankie Stein valia tanta humilhação.

— Ora, vamos! Até agora, tudo bem. Não quer ver como vai ficar o resto? — Candace gentilmente o empurrou para dentro novamente.

— Menos do que você — rebateu Billy.

Ele olhou para Candace por um momento. Mesmo no pijama largo do pai, usando óculos de neve e uma touca de banho, essa garota era perfeita. Não que perfeição o atraísse: ele era mais o tipo cheio de pontos e parafusos. Mas ele admirava a beleza de Candace e invejava sua autoconfiança, especialmente agora, momentos antes de descobrir seu próprio potencial. E se ficar invisível fosse a sua melhor opção?

— Lembre-se: abra os braços, feche a boca e os olhos. Só respire quando a máquina desligar.

Candace baixou os óculos sobre os olhos, enfiou alguns fios loiros soltos dentro da touca de plástico e levantou o que parecia ser um aspirador de pó portátil.

— Inspire, expire, e... — Ela apontou a mangueira para o peito dele, baixou o cabo prateado e disparou a loção bronzeadora. — Explosão de cor!

Um jato gelado tingiu seu peito. Billy queria gritar, mas ele não podia respirar. Ainda bem que os únicos espelhos no andar de cima da casa dos Craver eram dois pequenos retângulos logo acima da moldura de madeira. Não havia nenhum sobre a pia. A banheira estava fora do alcance do reflexo.

— O bronzeado demora seis horas para aparecer, mas tem loção o suficiente para vermos resultados imediatos — Ela desligou a mangueira. — Respire.

Billy expirou.

— Como está?

— Como alguém que andou trabalhando os abdominais — disse Candace, impressionada. — Boca fechada, olhos fechados, só respire quando a máquina estiver desligada e lá vamos nós de novo.

Em seguida, ela pintou as pernas dele, aplicando o jato em pinceladas delicadas, contornando e definindo com a precisão de uma verdadeira artista. Depois de um tempo, Billy se acostumou com os jatos gelados e até começou a gostar deles. Cada jato revigorante acordava uma parte diferente de seu corpo, arrancando-a de seu sono profundo e chamando-a para o jogo.

Candace fechou a mangueira, levantou os óculos e deu um passo para trás.

— Acabado!

A expressão não deu nenhuma pista.

— Então?

— Hummm.

— O quê? O que está errado?

— Shh! Fique quieto! Estou pensando. — Ela cutucava o queixo, pensativa. — Vamos tingir o seu cabelo agora, colocar lentes de contato e vestir você.

A hora seguinte foi uma mistura intoxicante de cheiros químicos, músicas de Rihanna e Katy Perry e *hummmms* contemplativos de Candace. Finalmente, ela terminou.

A mão quente dela cobriu os olhos dele. Ela guiou seus passos hesitantes até o quarto.

— Pronto? — perguntou ela, parando diante do espelho de corpo todo.

— Pronto — respondeu ele, mentindo.

No instante que ela tirasse a mão, a vida de Billy nunca mais seria a mesma. Ele nunca mais poderia culpar a invisibilidade pela falta de namoradas. Agora, era com ele. Nunca mais poderia fingir que era um deus de vidro amaldiçoado a levar uma vida de solidão. Nunca mais poderia escutar conversas ou ser a fonte das fofocas. Ele seria falível. Sem desculpas. Normal.

— Um... Dois... Três... — Candace tirou a mão. — Fora o invisível!

Billy olhou o reflexo de corpo todo e prendeu a respiração.

E pela primeira vez em muitos anos, viu que seu reflexo também tinha ficado sem ar.



CAPÍTULO 11

FICANDO GAGA

Frankie franziu as cortinas de musselina cinza ao redor das gaiolas de vidro. Costurou cinco bolsinhas em tecidos coloridos como joias e encheu todas com cuscuz cru. Alegrou a serralagem misturando pétalas de flores alaranjadas e roxas. E deu um ar de inverno ao pelo dos ratos trocando o glitter multicolorido de verão por flocos acinzentados. A redecoração completa do lar dos Gliterati estava completa.

E agora?

O dever de casa estava feito. Seu quarto estava limpo. A roupa de amanhã estava escolhida. Se ela não se distraísse com qualquer outra coisa, *e rápido*, seus pensamentos iriam até Brett. *Suas faltas na escola... Seu texto ofensivo... Sua traição impiedosa... Seus olhos*

azuis como jeans... PARE! Se ela tivesse alguém com quem conversar... Mas Cleo passava a maior parte do tempo com Julia e as amigas *normies* dela, Melody não tinha aparecido pelo segundo dia seguido e Billy não era uma opção... Pelo menos não em público. Também não era uma opção anunciar em público sentir saudades do cara que tinha esmagado seu coração. Mas Frankie assistiu *Gossip Girl*. Ela sabia que outras garotas, até mesmo *normies* ricas, também sentiam saudades de alguém que tinha despeçado seus corações.

Alguma coisa bateu levemente em sua janela. *Chovendo de novo?* Batidinhas leves novamente. *Brett?* Frankie aproximou-se devagar, esperando que fosse ele. Depois, se deu um beliscão por ter pensado nisso. O beliscão ardido era menos dolorido que a facada da decepção.

Alguma coisa... (um chiclete mascado?) estava grudada no vidro congelado da janela. Ela olhou e sentiu um arrepio. Seus dedos faiscaram. Estava escrito... *Gaga?*

Frankie arrastou a escadinha, subiu e abriu a janela. O misterioso objeto caiu no chão. Pendurando-se pela janela, ela observou com mais cuidado. *Era verdade?* Um ingresso para o show esgotado da Lady Gaga?

Ohmeudeus!

Ela esticou o braço, mas o ingresso se mexeu além do seu alcance. Frankie esgueirou-se pela janela e tentou de novo. E lá se foi o ingresso de novo. Ela olhou em volta, procurando uma explicação.

As folhas não se mexiam. O céu estava alaranjado, azulado e claro. Não podia ter sido o vento. Ela se agachou e o ingresso escorregou de novo para longe. *Isso é uma piada? Ou pior? Podia ser uma armadilha?* Naquele mesmo dia, Cleo tinha dito que o técnico

Donnelly tinha armado uma cilada pra Clawd. E se o técnico soubesse de seu disfarce?

Será que sou a próxima da lista?

Juntando até a última gota de sua força de vontade, Frankie virou-se, dando as costas para o ingresso e correu para casa.

— Espere! — chamou uma voz familiar. — Frankie, sou eu!

Billy?

Ela parou e se virou.

Mas o cara que andava em sua direção, arrastando o ingresso com um pedaço de linha de pesca, não era o Billy meesimo. Pra começar, ela podia vê-lo. Pra continuar, ele não estava pelado. E pra acabar, ele parecia um modelo ga-to da Abercrombie, aterrissando diretamente do planeta *Colírio*. Um passo mais perto e sua maquiagem cor de *normie* derreteria.

Dando um passo para trás, ela percebeu a habilidade que ele tinha para transformar uma camiseta verde-oliva, jeans Diesel escuros e Adidas *vintage* na melhor distração do dia sem Brett. Seu cabelo ondulado, sobrancelhas grossas, mas não tanto quanto as dos Jonas Brothers, seus olhos castanhos escuros como café. Seus braços tonalizados tinham cor de caramelo e seus dentes eram brancos como *chantily*. Tentador, fumegante, inatingível, ele podia ser colocado no menu do Starbucks. Mesmo assim, Frankie continuou a recuar.

— Dá pra parar de se afastar? — disse ele, em sua típica voz suave.

— Mas, como...

— Candace me ajudou — disse ele, se apoiando na parede exterior de concreto da casa dela.

O sol estava sumindo no horizonte, lançando um brilho alaranjado na vizinhança e iluminando-o como numa obra de arte. Ele cruzou os braços sobre o peito e sorriu timidamente.

— Então, o que você acha?

— Bom — Ela riu nervosamente.

— *Bom?*

Frankie faiscou.

— Quero dizer, eletrizante! — Frankie ficou corada, de repente tímida demais para fazer contato visual.

Porque ela estava vestindo um velho moletom *pink* e UGGs? E porque ela se importava? Era o Billy. Seu amigo. Mas ele se parecia mais com um ator que poderia fazer o papel de Billy se suas vidas virassem um filme. Mas ele ainda era o mesmo cara e *aquela* cara não se importava com o que ela vestia. Nunca tinha se importado. Então, porque ela deveria?

— Então, você vai se matricular na escola amanhã? — perguntou ela, tentando fazer as coisas voltarem ao normal.

— Hummm — fez ele, dando um meio sorriso *sexy*. — Nunca pensei nisso.

Ele tirou um tubo de bala do bolso e ofereceu uma. Era verde. Os dois riram.

— Então, como é ter bolsos para guardar coisas? — perguntou Frankie, mascarando a bala sabor limão.

— É ótimo! — disse ele, desembalando um quadradinho *pink*. — Tenho um monte de coisas aqui. — Ele colocou a mão no bolso de trás e tirou outro ingresso. — O que você vai fazer no dia 13 de outubro?

— São *reais*?

Ele confirmou.

— *Sério?*

Billy confirmou novamente.

— Que máximo! — gritou Frankie, puxando-o para um abraço. Ele a abraçou com todos os músculos do braço. — Eu adoro que você não está mais pelado.

— Eu também — disse ele suavemente.

O hálito dele tinha o aroma de morangos doces.

Ela apertou ainda mais forte e sorriu. Era fácil “ficar com os da sua espécie” quando eles eram assim.



CAPÍTULO 12

CAUSANDO

Melody abriu seu armário pela primeira vez naquela semana. Ela estava vivendo pela aula de biologia desde o dia que tinha dito adeus a Jackson na cafeteria. Talvez a mãe de Jackson pudesse lhe entregar uma nota secreta de amor dele. Ou convidar Melody para encontrá-lo em outro encontro clandestino, ou...

— Um atraso pode até ser elegante, mas você já está além da alta-costura — brincou Cleo, as penas azuladas penduradas em suas orelhas.

— Essas penas são mesmo bonitas — disse Melody, batendo a porta do armário.

— Nada de pegar de volta — respondeu Cleo, enquanto as duas se misturavam ao tráfego do corredor.

Parecia menos carregado que o costume. Havia um mal-estar geral entre os alunos. Geralmente, os corredores ficavam agitados durante os intervalos das aulas, mas hoje estavam amuados. Na semana passada, todos passavam com pressa. Agora, só passavam desorientados. Parecia que a energia tinha sido cortada, como se a vida tivesse sido tirada da tomada. Tudo parecia ser um acústico.

— Você está chegando *agora*? É a última aula da *quarta-feira*!

— Eu sei — suspirou Melody. — Meus pais estão viajando e esta semana foi muito estranha, então...

— Manu me disse.

— Ele *disse*?

— É, ele quis que eu visse se você estava bem e que eu pudesse passar sutilmente a mensagem de que as famílias são confusas mesmo e que o amor é mais importante que o sangue... A não ser, claro, que você seja você-sabe-quem — Ela gesticulou imitando caninos pontudos, brincando. — *Ka!* Como eu tenho saudades dessa garota!

Melody sentiu uma grande onda de náusea. *Porque Manu daria com a língua nos dentes e contaria meu segredo para essa fofoqueira?*

— Você tem que me prometer que não vai contar pra ninguém.

Cleo desenhou uma coroa imaginária sobre seu vestido verde e amarelo justinho.

— Juro pelo meu coração coroadado! Além disso... — Ela colocou um braço perfumado com âmbar ao redor de Melody e a puxou para perto. Pulseiras douradas atingiram o ombro de Melody. — Eu tenho problemas de múmias por 5842 anos. É a última coisa sobre a qual quero falar.

— O quê? — perguntou Frankie, aparecendo ao lado delas. — Vamos, contem-me! Eu tenho uma fofoca eletrizante sobre Billy! Vamos trocar!

Melody percebeu que a pele verde de Frankie estava escondida embaixo de uma gola alta, jeans *skinny* escuro e botas motoqueiras até o joelho. As curvas que pareciam perdidas foram muito bem encontradas. *Ela sempre pareceu manequim 38? Porque decidiu de repente mostrar as curvas? Talvez Brett tenha voltado.*

— A múmia não vai falar uma palavra! — disse Cleo, rindo da própria brincadeira. — Se a Melody quiser falar, ela pode. Eu jurei que não falaria.

— Cleo! — rebateu Melody.

Ela podia ficar brava, *devia* ficar brava, mas essas garotas tinham colocado a vida em suas mãos. Por que não retribuir a confiança?

— Por favor! — implorou Frankie.

Seu sorriso era elétrico e impossível de resistir.

A caminho da aula, Melody falou sobre Marina. Ela contou sobre seu velho nariz de corcova de camelo e o olhar desconfortável entre seus pseudopais. Quando acabou, a memória de um mergulho sem roupas com Candace no Four Seasons Maui passou pela sua mente. Assim como naquele momento arriscado, assumir o que sentia agora parecia excitante e revelador.

— Você não está chateada, está? — perguntou Frankie como se Melody estivesse falando de uma unha lascada.

— Claro que estou! — cortou Cleo. — Deuce é o meu *namorado*. Ele já devia ter ligado.

Frankie deu uma risadinha.

— Estava falando da senhorita dramática.

— Claro que estou chateada — respondeu Melody. — Meus pais mentiram para mim. E agora não faço a menor ideia de quem eu sou ou de onde eu vim. É assustador.

— Mais assustador que dormir num laboratório com cabos presos ao seu pescoço? — murmurou Frankie, com o canto da boca.

— Ou passar alguns milênios sozinha dentro de um sarcófago escuro?

— Hum... — Melody não fazia ideia de como responder sem ofendê-las.

— Todas nós temos pais esquisitos e viemos de lugares estranhos — disse Cleo, enquanto olhava para os estudantes que passavam por elas. — Supere isso.

— Acho que ela quis dizer que seus pais amam você e que isso é tudo que importa — tentou Frankie, disparando seu alegre sorriso contagiante.

Melody não conseguiu segurar o sorriso.

— Claro, tenho certeza que foi *exatamente* isso que ela quis dizer.

— Ok, prontas para a minha fofoca do Billy? — perguntou Frankie.

— *Ka!* — Cleo arrancou um poster que tinha sido colocado na parede de concreto, anunciando “novas vagas” nos times de futebol, basquete e natação da escola e incentivando alunos de todos os níveis de condicionamento físico para participarem. — Todas as pessoas legais foram embora.

— Excluindo as atuais companhias, certo? — perguntou Frankie.

Ignorando-a, Cleo pegou um pedaço de chiclete *pink* que estava mascando e grudou num armário.

— Estão acontecendo demonstrações anti-IRADOs todas as manhãs e tem piadas de monstros escritas em todos os banheiros. As salas estão metade vazias.

— Oh, você deveria ver a lanchonete — Frankie disse para Melody. — Sabe a seleção musical da hora do almoço? Tocaram “Imagine”. Você sabe, aquela música do John Legend.

— Você quis dizer John Lennon? — Melody deu uma risadinha.

— Cleo! — Frankie deu um tapinha no braço dela. — Você me disse que o sobrenome dele era Legend.

— Ops! — Cleo deu uma risadinha. — Foi mal.

— Enfim — continuou Frankie. — A lista era toda de músicas de paz.

— Então algumas pessoas estão do nosso lado? — perguntou Melody enquanto subiam a escada para o segundo andar.

— Sim, mas não o suficiente — disse Cleo, passando por dois alunos bombados do último ano, exibindo camisetas iguais, pintadas com spray preto, onde se lia IRADOs. Mas o “I” e o “R” tinham sido riscados e substituídos por “COIT”.

Frankie revirou os olhos azulados.

— Muito esperto.

— O que você esperava? — sussurrou Melody. — Um idiota esperto?

De repente, três garotas usando máscaras de pirata e empunhando espadas de brinquedo apareceram atrás delas, empurrando os alunos que passavam e derrubando seus livros. Melody reconheceu sua irmã.

— Agarrem eles! — gritou Candace.

Um dos alunos correu para pegar um dos caras, outros abriram caminho e deixaram que passassem. Difarçando, Cleo estendeu o pé. Os garotos tropeçaram nos dois últimos degraus, mas rapidamente se reergueram e se dirigiram para o saguão do primeiro andar.

— Parem! — ordenou Melody.

Os dois garotos pararam como uma imagem congelada.

Uau!

— Precioso! — exclamou Cleo.

— Eletrizante! — acrescentou Frankie.

Melody sentiu como se todos na escada estivessem olhando para ela.

— Ataquem! — gritou Candace.

Seus piratas saltaram sobre eles como macacos-aranha e começaram a rasgar as camisetas com suas espadas sem corte.

— O que está acontecendo? — Cleo sussurrou no ouvido de Melody. — Por que todo mundo está obedecendo você ultimamente?

Ainda bem que, nesse momento, o diretor Weeks separou a confusão antes que Melody pudesse responder. Não que ela não quisesse. Ela apenas não sabia a resposta.



A Sr^a J. estava atrasada para a aula. Sua cadeira era uma das cinco vazias no laboratório. Mesmo com a conversa que não parava e os ataques de riso, aqueles que não estavam presentes eram o que mais se destacavam.

— Você viu Billy? — Frankie se inclinou e sussurrou.

— Isso era para ser engraçado? — perguntou Cleo, sem se dar ao trabalho de olhar para Frankie.

Melody deu uma risadinha.

— Não, estou falando sério — disse Frankie. — Era isso que eu estava tentando falar para vocês. A irmã da Mel fez uma transformação nele. Ele está um gato megawatt.

— Eu estava mesmo curiosa para saber o que Candace e Billy ficaram fazendo tanto tempo no banheiro — disse Melody, olhando para a porta para ver se a Sr^a J. estava chegando.

— Ele vai me levar no show da Lady Gaga — disse Frankie, radiante.

— Isso significa que você esqueceu o Brett? — perguntou Melody.

— Quem?

— Brett.

— Quem? — sorriu Frankie. E logo em seguida deu um gritinho. — Ah!

Esfregando a nuca, ela se virou para olhar para Bekka. E o cano vermelho da pistola de água.

— Por que você fez isso? — perguntou Frankie.

— Experimento científico. Dizem que água e eletricidade não se misturam, mas parece que você está bem... *Frankie Stein*.

Suas amigas presunçosas deram risadinhas. Melody não conseguia imaginar como Frankie estava lidando com o insulto e estava apavorada demais para olhar. Em vez disso, começou a cutucar as cutículas e rezar para que a Sr^a J. chegasse logo.

Tump! Um dente de alho acertou a lateral da cabeça de Melody e caiu no chão. Risadinhas abafadas foram ouvidas logo em seguida.

— Parece que podemos riscar vampiro da lista — disse Bekka do fundo da sala.

Vestida com um vestido estampado de flores vermelhas e *pink*, ela parecia enganosamente fofa sentando na carteira e cruzando as pernas.

Haylee metodicamente riscou uma linha sobre alguma coisa no seu caderno de anotações.

Em seguida, Cleo recebeu um biscoito marrom direto na bochecha.

— Ai! — exclamou, pegando o biscoito e jogando-o de volta.

— Cachorro nenhum recusaria um bicoito canino — disse Bekka. — Risque lobisomem.

Haylee riscou.

— Lobisomens não são *cachorros* — Cleo levantou-se e começou a tirar os brincos.

— Ignore-a — murmurou Frankie.

Cleo colocou as penas sobre a carteira e virou-se para Melody.

— São suas se alguma coisa acontecer comigo.

Ela vai realmente brigar? Porque a última coisa que os IRADOs precisavam agora era de sangue *normie* nas mãos.

— Sente-se — insistiu Melody.

Cleo se sentou.

— Há! Bom truque! — Bekka aplaudiu. — Acho que ela é mesmo um cachorro!

Mais risos vieram do fundo da sala.

— Cachorra é você! — disse Cleo. — Por isso que Brett te deu o fora e ficou com a Frankie.

A sala ficou em silêncio. Bekka e Frankie estavam provavelmente à beira das lágrimas. Afinal, Brett tinha dado o fora nas duas.

— Por que você está do lado *delas*, agora? — Bekka perguntou Cleo.

— Agora? Por favor, eu estive do lado delas a vida toda! — disparou Cleo com convicção demais.

— *Sério?* — Bekka levantou uma sobrancelha.

— Quer dizer, estou do lado onde as pessoas podem fazer o que querem. O lado do bem.

— Interessante — Bekka começou a andar em direção à Cleo, as mãos enlaçadas nas costas como um advogado arrogante. — Então, por que... — perguntou ela, parando na carteira de Cleo. — ... você queria destruir o filminho deles?

Melody sentiu um aperto no coração. Bekka tinha a paixão de Michael Moore para expor as pessoas. Uma escorregada de Cleo era tudo que ela precisava.

Melody se levantou e se aproximou de Bekka. Elas estavam tão próximas que Melody podia sentir o cheiro de manga do *gloss* que Bekka estava usando.

— Por que você simplesmente não admite?

— Admitir o *quê?* — perguntou Bekka, piscando.

— Que *você* é um monstro.

— *Eu?* — zombou Bekka.

— É, um monstro verde de inveja! — Frankie deu uma risadinha, completando o pensamento de Melody.

— Há! Precioso! — Cleo ergueu a mão.

As outras garotas fizeram um *high five*. Uma pequena faísca passou entre elas. Frankie rapidamente enfiou as mãos dentro dos bolsos do jeans.

Bekka revirou os olhos.

— E eu estaria com inveja de quem, Melody? De *you*? Porque você está namorando um cara bipolar que tem alergia ao próprio suor?

— Não. Você tem inveja de Frankie e você está fazendo todo mundo sofrer por causa disso — respondeu Melody. — Toda essa caçada aos monstros é um jeito de vingar seu ego ferido.

— Como é que é? — Bekka replicou, com as mãos no quadril.

— Você precisa culpar alguém porque Brett não quer mais ficar com você. Então, você está caçando inocentes. — Melody balançou a cabeça com convicção. — Apenas admita.

Os olhos piscantes de Bekka escureceram até ficarem da cor do céu numa tempestade de verão.

— Tá, eu admito.

Cleo deu um tapa na carteira.

— Legal!

Olhares confusos foram trocados pela sala.

Hã?

— Eu sabia! — disse Frankie.

— Faça de novo! — Cleo pediu a Melody.

Melody engoliu em seco e depois perguntou:

— Bekka, você tem alguma prova que os IRADOs são perigosos? Você já viu alguém que foi ferido por eles?

Bekka piscou novamente.

— Sim, eu! Eu fui ferida quando a menina verde beijou Brett.

Suas bochechas sardentas ficaram vermelhas e seus olhos cheios de lágrimas.

— Quero dizer, *fisicamente* — exigiu Melody.

Bekka balançou a cabeça.

— Você está de *brincadeira*? — disse Haylee, arrancando e amassando uma página do caderno.

— Claro que estou — disse Bekka, tentando sorrir.

— Está? — pressionou Melody.

Bekka baixou a cabeça.

— Não.

Como é que estou fazendo isso?

— Você sabe onde está Brett? — tentou Frankie.

Bekka se apoiou numa carteira vazia e cruzou os braços.

— Claro que eu sei.

Frankie ficou em pé, as mãos ainda mais fundo nos bolsos.

— Fale onde foi.

— Ele não quer que você saiba. Ele só quer que eu saiba.

— Então você está falando com ele? — perguntou Frankie.

Bekka revirou seu pingente de *B*.

— Claro.

— Você sabe *mesmo* onde Brett está? — pressionou Melody.

Bekka suspirou.

— Não.

— Você está falando com ele?

— Não.

— Caso encerrado.

Os murmúrios se transformaram em conversas. Bekka correu para as amigas em socorro.

— Espere, eu tenho mais perguntas — anunciou Melody.

Todo mundo parou de falar.

— Essa é para Haylee.

A garota tímida recolocou os óculos beges sobre o nariz largo e depois sinalizou que estava pronta.

— Por que você deixa que Bekka fique mandando em você?

Os olhos castanhos da garota acuada reconheceram a nova mestra.

— Hay-leeeee — avisou Bekka. — Não responda.

— Você tem que responder — insistiu Melody.

Haylee começou a piscar.

— Pode me contar — disse Melody.

Bekka balançou a cabeça, dizendo não. Haylee balançou, dizendo sim. E depois...

— Eu assinei um dos contratos de serviço na oitava série. E só vai expirar no segundo ano do colegial.

Alguns dos alunos riram da situação, mas Melody voltou no tempo, quando assinou um contrato com Bekka, obrigada por ela, no primeiro dia de aula. O que dava nas pessoas no colegial para fazer com que pensassem baseadas em suas inseguranças, em vez de seus cérebros?

— Você já tentou quebrar esse contrato? — perguntou Melody.

— Onze vezes. É difícil. Foi o pai dela que escreveu.

Haylee colocou a mão dentro de sua pasta de pele de crocodilo e tirou de lá um documento legalizado. Ela o segurou na frente do corpo, oferecendo-o à Melody.

— Destrua-o — Melody ordenou Bekka, que rapidamente o apanhou e o rasgou violentamente em pedacinhos.

— Isso significa que estou livre? — perguntou Haylee.

Bekka jogou o papel na ex-amiga, cobrindo-a com uma chuva de confete como se fosse 4 de julho⁶.

— Nós também? — perguntou uma das amigas de Bekka.

— Todas vocês! — gritou Bekka, a face vermelha com a humilhação. — Foi por causa de vocês que Brett terminou comigo, mesmo!

— *Nós?* — perguntou Haylee.

— Sim. Ele tinha vergonha de ser visto com vocês! — Bekka agarrou os livros e colocou-os na frente do peito como um escudo.

— Por quê? — perguntou uma garota com bochechas de esquilo. — O que foi que *nós* fizemos?

— Britt, jeans justinhos são para pessoas magras! Deelya, feche a boca quando respirar! Rachel, ou você estoura essas espinhas que parecem montanhas ou construa um teleférico na sua cara e cobre ingressos! Morgan, você tem cheiro de queijo! E Haylee, você se veste como a minha avó! Por que você acha que o Heath nunca te chamou pra sair?

— Porque ele não suporta *você*!

Haylee levantou a pasta verde sobre a cabeça e virou-a para baixo. Contratos caíram como paraquedistas pulando para a liberdade. Britt, Deelya, Rachel e Morgan rasgaram o caminho para a felicidade.

— Vocês morreram para mim! — gritou Bekka.

⁶ “Independance day”, data comemorativa dos EUA em que acontecem desfiles nas ruas. (N.T.)

Ela recolheu o material e pisou forte até a porta, em meio ao caos que se formava. No caminho para fora, trombou com uma mulher redonda como uma uva usando um conjuntinho de blusas com estampa indiana.

— E onde você está indo? — perguntou a estranha, recolocando a sacola ecológica comprada em supermercado de volta no ombro.

— Para uma escola *normie*! — vociferou Bekka disparando pelo corredor.

Todos começaram a aplaudir. Frankie sacudia o encosto da cadeira de Melody como um *joystick* enquanto a uva tentava restaurar a ordem.

Cleo recostou-se perto da fileira e sussurrou:

— Conte tudo. Como você está fazendo isso?

Melody procurou por uma resposta, mas acabou saindo uma curtinha.

— Eu só faço uma pergunta e...

— Não — disse Cleo, arrancando uma pena azul esverdeada com pontas douradas dos cabelos de Melody. Ela revirou a pena entre os dedos, admirando o brilho cintilante. — De onde estão vindo estas coisas? Eu podia desenhar uma coleção inteira baseada nelas. — Ela segurou a pena perto do pescoço. — Perfeito com meus brincos, não?

Melody esticou a mão, testando seu poder de persuasão diante do mais teimoso dos seres.

— Dê um beijinho de adeus e me entregue.

Cleo piscou, beijou a pena e colocou-a atrás da orelha de Melody.

— Os brincos também.

Sem hesitar, Cleo obedeceu.

Melody percebeu que Manu estava certo. Sua voz era irresistível.

— Desculpe, estou atrasada. Eu tenho uma reunião com o diretor Weeks — anunciou a uva. — Eu sou a Sr^a Stern-Figgus. Vou assumir as aulas da Sr^a J.

O estômago de Melody se contorceu.

— Onde está ela? — perguntou Britt.

A mulher redonda virou-se para a lousa e começou a escrever seu nome.

— Eu não recebi essa informação.

Claro que recebeu.

— Onde está a Sr^a J.? — tentou Melody.

— Ela foi forçada a pedir demissão — disse a Sr^a Stern-Figgus.

Muitos alunos prenderam a respiração.

— Pelo diretor Weeks? — pressionou Melody.

— Pelo corpo de diretores.

— Por quê?

A professora se virou.

— Por abrigar um IRADO — respondeu, piscando.

Não é um IRADO! É o filho dela! Qual é o problema dessas pessoas?

— Onde ela está agora? — perguntou Melody, com a voz falhando.

A Sr^a Stern-Figgus balançou os ombros. Claro que ela não sabia. Até mesmo Melody não sabia e Jackson era o namorado dela. Eles estavam indo embora? Tinham ido embora? Havia tempo de impedi-los? Todo esse tempo perdido na aula, toda essa brincadeira com Bekka, todo esse tempo podia ter sido gasto procurando por eles.

Melody levantou-se e pegou os livros. Todos os alunos a encaravam. Ela não se importava nem um pouquinho.

— O que é isso, uma estação de trem? Por que todo mundo está indo embora? Para onde você está indo, senhorita... — A professora estalou os dedos.

— Carver. Melody Carver. E eu não tenho certeza para onde estou indo.

Cleo e Frankie deram uma risadinha. Outros talvez tenham rido também. Era difícil escutar com todo aquele pânico gritando em seus ouvidos.

A Sr^a Stern-Figgus bateu duas palmas.

— Sente-se!

— Não posso. Tenho que ir.

— Você tem permissão por escrito?

— Não — respondeu Melody, saindo no corredor. — Então quando você fizer a chamada, por favor, marque presença para mim.

A Sr^a Stern-Figgus fez sinal de positivo com os dedos, concordando imediatamente, e acenou, despedindo-se.

Melody não ficou para receber a ovação de seus colegas de classe. Em vez disso, ela colocou os brincos, arrumou a pena atrás da orelha e correu para fora. Estava finalmente pronta para a verdade. Tudo que tinha que fazer era perguntar e se preparar para receber a resposta. E desta vez, ela ia aguentar.

PARA: (503) 555-5474

out 21, 3:07 PM

BRETT: JAH DISSE Q NAUM QUERO CONVERSAR. PARE DE ME PERSEGUIR.

PARA: Brett

out 21, 3:08 PM

(503) 555-5474: NAUM TO TE PERSEGUINDO. TO EM OUTRA.

PARA: (503) 555-5474

out 21, 3:09 PM

BRETT: ENTAUM QUAL EH A DA VAN DO CANAL 2 NA FRENTE DA MINHA CASA?

PARA: Brett

out 21, 3:09 PM

(503) 555-5474: SEI LA. PERGUNTA PRA ELES.

PARA: (503) 555-5474

out 21, 3:10 PM

BRETT: QUEM EH VC? CANAL 4?

PARA: Brett

out 21, 3:10 PM

(503) 555-5474: CANAL NENHUM!!!!

PARA: (503) 555-5474

out 21, 3:11 PM

BRETT: ENTAUM QUEM?

PARA: Brett

out 21, 3:11 PM

(503) 555-5474: UH, FRANKIE. LEMBRA DE MIM?

PARA: (503) 555-5474

out 21, 3:12 PM

BRETT: STEIN??????

PARA: Brett

out 21, 3:12 PM

(503) 555-5474: EH. QUEM VC PENSOU Q ERA?

PARA: (503) 555-5474

out 21, 3:13 PM

BRETT: REPORTERES. Q N° EH ESSE?

PARA: Brett

out 21, 3:13 PM

(503) 555-5474: TELEFONE NOVO. LONGA HISTORIA.

PARA: Frankie

out 21, 3:14 PM

BRETT: TO LIGANDO PRO SEU N° ANTIGO FAZ DIAS. VAI DIRETO PRA CAIXA POSTAL. PENSEI Q VC ME ODIASSE.

PARA: Brett

out, 21, 3:15 PM

FRANKIE: ONDE VC ESTEVE?

PARA: Frankie

out 21, 3:16 PM

BRETT: PORTLAND. ME ESCONDENDO NA CASA DA PRIMA PQ A IMPRENSA TAH ME PERSEGUINDO. DENTRO DE CASA 24H POR DIA. BEKKA VAI PAGAR POR ISSO.

PARA: Brett

out, 21, 3:16 PM

FRANKIE: JAH PAGOU. 😊

PARA: Frankie

out 21, 3:17 PM

BRETT: VC TAH POR AKI NO SÁBADO? POSSO PEGAR O TREM E TE ENCONTRO NO MEIO DO CAMINHO.

PARA: Frankie

out 21, 3:19 PM

BRETT: ACABEI DE CHECAR. \$7 A PASSAGEM.

PARA: Frankie

out 21, 3:21 PM

BRETT: PEGUE O DAS 11:22 AM DA ESTAÇÃO DE SALEM. SAIA NA OREGON CITY. EU TE ENCONTRO ALI. ULTIMO BANCO DA PLATAFORMA.

PARA: Frankie

out 21, 3:23 PM

BRETT: OK?

PARA: Frankie

out 21, 3:24 PM

BRETT: VC AINDA TAH AIH?

PARA: Frankie

out 21, 3:25 PM

BRETT: EU LEVO BALAS. MINHA PRIMA TEM UMA
DOCERIA. ☺

PARA: Brett

out, 21, 3:25 PM

FRANKIE: OK. VAMOS MANTER ISSO ENTRE NÓS, POR
ENQUANTO. POR SEGURANÇA.

PARA: Frankie

out 21, 3:25 PM

BRETT: ESPERTA. ATEH SABADO.

PARA: Brett

out, 21, 3:26 PM

FRANKIE: NAUM SE ESQUEÇA DA BALAS. ☺

PARA: Frankie

out 21, 3:27 PM

BRETT: NAUM ESQUEÇO. ☺ MAS VC TAH FALANDO SÉRIO
Q VC "TAH EM OUTRA"?

PARA: Frankie

out 21, 3:28 PM

BRETT: ALO?

PARA: Frankie

out 21, 3:29 PM

BRETT: VC TAH AÍ?

PARA: Frankie

out 21, 3:30 PM

BRETT: FRANKIE?



CAPÍTULO PERDIDO

CUJO AZARADO NÚMERO
NÃO SE MENCIONARÁ.



CAPÍTULO 14

DEVORAR, REZAR, AMAR

Nino apontou a câmera para a irmã. Seus escorridos cabelos negros caíram sobre as lentes e ele rapidamente colocou-os atrás da orelha.

— E... Ação! — disse ele.

Mais do que uma ordem, essa palavra tinha se tornado a única esperança de Clawdeen para sobreviver durante sua primeira semana de cativeiro. Não podia mais andar amuada pelo albergue, implorando para que seus irmãos lhe dessem lições de direção ou montar quebra-cabeças de mil peças de bichinhos fofinhos enquanto lamentava a morte inevitável de sua festa. Se ela quisesse ficar famosa no mundo traiçoeiro da decoração customizada, tinha que trabalhar no blog. Então, convocou o irmão mais novo, roubou a chave da suíte 9 e começou a agir.

— Olá, sou Clawdeen Wolf — anunciou ela, com um sorriso confiante. — Bem-vindos a outro episódio de “*O estilo da loba*”!

Era o quinto episódio que tinha sido filmado naquela semana. Não que seus sete leais seguidores saberiam. Como ela, eles ficariam no escuro até que a vida voltasse ao normal e ela pudesse ter acesso a um computador. Mas quando esse dia chegasse, eles não ficariam desapontados.

— Eu fui contratada para atualizar a decoração deste quarto de hotel e transformá-lo usando apenas sobras de construção e meu talento criativo. Do lixo ao luxo!

Nino deu uma risadinha. Provavelmente porque ele sabia que “contratada” estava muito longe da realidade e que “viva” também estaria se ela não arrumasse o quarto exatamente como estava antes que seus pais chegassem.

Três dias antes, o modesto quarto rústico tinha sido mobiliado com assentos de pinho, móveis de madeira rústica e uma cama *king size* coberta com um cobertor vermelho e azul dos índios navajos. Agora, na sexta-feira à noite, o espaço estava bem encaminhado para se tornar a Suíte dos Sonhos, o quarto mais desejado pela população de 18 anos ou menos.

O vidro quebrado da cozinha tinha sido colado na mini geladeira num mosaico onde se lia “COMA”. Em cima da banheira, o mosaico dizia “RELAXE” e atrás da cabeceira da cama, “DESCANSE”. Latas de café velhas foram cobertas de pelos (obrigada, garotos!) tingidos de roxo para simular que eram falsos. Dentro delas, Clawdeen colocou escovas de cabelo, pincéis de maquiagem, canetas e até tiras de carne seca. Velhos livros de capa dura, “emprestados” da biblioteca do albergue, tinham sido empilhados e embalados com

fotos de moda e agora serviam de pilares para a cama. Um deles mostrava o que estava em alta na moda; o outro, o que estava em baixa. A velha coleção de CDs da família, armazenados no albergue para os hóspedes que duvidavam que o iTunes tinha vindo para ficar, finalmente tiveram uma utilidade. Clawdeen colou os CDs nas paredes de madeira, com o lado reflexivo para a frente, para dar aos convidados a sensação de estarem dormindo numa danceteria. Afinal, quem não ia querer isso?

— Hoje à noite — continuou Clawdeen. — Eu vou ensinar a vocês como transformar um quarto inteiro. De casinha de bonecas à mansão da boneca, como eu costumo dizer.

Ela acaricou o tapete que logo seria coberto de glitter e parou perto da mesa, que estava coberta de cabos de eletricidade, pequenas esculturas e rolos de fios metálicos. Nino a seguiu de perto.

— Antes de começar, é muito importante que vocês...

De repente, os ouvidos de Clawdeen captaram algo. Música vibrando ao longe.

— Espere aí — disse Nino, baixando a câmera.

Clawdeen se olhou no espelho enquanto eles esperavam que o incômodo passasse. A lua estava ficando cheia e, com isso, apareciam os sinais de alerta que a transformação estava se aproximando. Seus cabelos ruivos e suas unhas tinham crescido pelo menos 1 centímetro desde a hora do almoço. Seu metabolismo estava acelerado, fazendo com que seu vestidinho roxo colocado uma hora antes estivesse largo na cintura. E seus olhos castanhos amarelados irradiavam uma paixão selvagem. Engraçado... Qualquer apresentadora de TV venderia a alma por essas coisas, mas ela tinha que se esconder.

A música estava chegando perto. As pessoas estavam cantando, as vozes abafadas, como se estivessem dentro de um carro. “We R Who We R”, da Ke\$ha, no último volume. Clawdeen prendeu a respiração e escutou os sons perdidos da diversão.

— Eles estão passando — disse Nino, correndo até a janela. — Veja!

Um Escalade preto se aproximou. Típico comportamento *normie*: assumir que o cartaz de “LOTADO” se aplicava a todos, menos a eles. Se eles soubessem que a mulher que fazia o creme de espinafre que eles iam comer usava uma rede para segurar os pelos do corpo todo...

Dentro da perua, duas vozes cantaram:

— *We’ll be forever young!*

Seremos sempre jovens... Clawdeen cantou junto: *we are who we are...* Nós somos o que somos. Ela sabia aquela letra de cor. Como não? Lala tocava aquela música todos os dias de manhã a caminho da... *Ohmeudeus!* Ela jogou a chave da suíte nas mãos de Nino.

— Acabamos. Pode trancar!

Clawdeen desceu as escadas forradas de tapete verde correndo e foi ao encontro do carro lá fora.

As janelas estavam embaçadas, provavelmente por causa do calor insuportável, mas Clawdeen não hesitou. Ela abriu a porta do motorista e pulou para dentro. Lala e tio Vlad estavam dançando em seus assentos e tirando o cinto enquanto cantavam o último refrão.

— Deenie! — Lala se atirou nos braços abertos de Clawdeen.

Separadas há uma semana, elas se abraçaram como se não tivessem se visto há milênios.

— Eu sei quando não sou bem-vindo — disse o tio Vlad, inclinando-se sobre a sobrinha para desligar a ignição. — Vou dar uma de útil e pegar as malas.

Os caninos de Lala ficaram à mostra enquanto tagarelavam, o calor escapando pela porta aberta. Seu chapéu Fedora cinza, moletom com capuz amarelo, blazer de cetim preto, calça *legging* e botas até o joelho obviamente não eram o suficiente para mantê-la aquecida numa noite de 20° C. E parecia que não comia há dias.

— Malas? — perguntou Clawdeen. — Que malas? O que você está fazendo aqui? Onde você estava?

— Podemos falar disso lá dentro? — perguntou Lala, pegando um par de sombrinhas do assento traseiro. — Está frio aqui nesse mato.

— O que está acontecendo aqui? — Clawd perguntou lá da porta. — Mamãe está chamando vocês para jantar. Onde está o Nino?

Ele estava usando o uniforme de futebol pelo mesmo motivo que Clawdeen tinha pintado as unhas com um esmalte de glitter verde e enfeitado as unhas com lacinhos prateados: esperança.

— Olhe quem está aqui! — anunciou Clawdeen, esfregando os braços da amiga para aquecê-la enquanto entravam no albergue.

— Lala — disse Clawd, sua expressão mudando de cão de guarda para cão de companhia fofinho.

— Voando direto da Romênia!

Ela o cumprimentou com um *high five*, enfiou as sombrinhas dentro do porta guarda-chuva e correu até a sala de recepção quentinha.

Iluminada por velas e muito aconchegante, era uma mistura entre uma cabana de madeira e estilo Henrique VIII. A recepção de

granito era ladeada por escuras paredes de madeira cobertas de fotos em preto e branco de castelos. Poltronas azul-marinho, um sofá xadrez e uma mesa de centro de ferro ficavam de frente para a lareira.

— Romênia? — perguntou Clawdeen. — Com os velhinhos sorridentes?

— É, o papai me obrigou. Ele pensou que eu ia ficar segura ali. O engraçado é que eu quase morri de fome. A coisa mais próxima de um vegetal que o vovô serviu foi salsicha de um porco que tinha sido alimentado com milho.

— Onde você quer que eu coloque isso? — tio Vlad perguntou ofegante, enquanto arrastava dois enormes baús para dentro.

Velhos, gastos e sem rodinhas, podiam ter sido resgatados do Titanic.

— Espere, você vai ficar? — perguntou Clawdeen.

— Surpreesaaa! — cantarolou Lala.

— Eu pego isso — disse Clawd. Com um pequeno gemido, ele empilhou os baús e segurou-os acima da cabeça. — Eu vou colocá-los no quarto da Deenie.

Tio Vlad tirou um lençinho do bolso de seu blazer xadrez e enxugou a testa.

— Exibido.

— Nós temos milhares de quartos — ofereceu Clawdeen. — Tenho certeza que minha mãe não vai se importar.

— Foi ideia dela, na verdade — disse Lala.

— Sério?

— Nossos telefones foram confiscados e eu não tinha seu número. Então, eu liguei para o albergue e ela atendeu. Tudo que ela teve que fazer foi perguntar como eu estava e foi isso. Eu comecei a

berrar. Meus avôs estavam buzinando no carro porque estávamos saindo para um encontro duplo. Eles, eu e um vampiro de frutas que eles arrumaram para mim. Está preparada? O nome dele era *Marian*...

Clawd deu uma risadinha da escada do segundo andar.

— Eu liguei para o tio Vlad primeiro, mas...

— A pobrezinha estava em fragalhos quando eu a peguei — disse ele, pegando uma bala do baleiro da recepção. — E eu sabia muito bem o que era aquilo. Eu cresci com aqueles dois. Chorar era meu passatempo. Mas eu aceitei um trabalho de decorador de um restaurante de frutos do mar cinco estrelas em Portland onde, preste atenção, Demi Lovato é sócia! Ou é a Demi Moore?

— Então, sua mãe disse que eu podia ficar aqui até ele voltar. Eu pedi pra ela não contar para você porque queria que fosse uma surpresa.

— Verdade? — Clawdeen deu um gritinho.

Uma amiga! Uma garota! Uma colega hóspede! Uma professora de direção! Um milagre!

Lala confirmou e as duas gritaram juntas.

Depois de uma rodada de abraços de adeus no tio Vlad, as garotas foram jantar.

Clawdeen quase não conseguia segurar a ansiedade de contar para Lala tudo que estava acontecendo. Ouvir as histórias dos parentes loucos de Lala, rir a ponto de sentir que seus músculos abdominais ficaram mais fortes e ficar a noite toda acordada fofocando. Lala podia ensiná-la a dirigir. Ajudar na Suíte dos Sonhos. E planejar a Festa Animal... caso fosse possível.

A emoção da festa do pijama que duraria a semana toda também pegou Lala. Ela, que não era dada a ser engraçada, aproximou-se da armadura que segurava o cardápio do restaurante com seus dedos de metal e lhe deu um tapa no bumbum.

— Ooh, eu sou o próximo! — provocou Howie da mesa, já comendo.

— Sugiro que use luvas — brincou Don.

— Do tipo que usam no zoológico para limpar a jaula dos elefantes — disse Nino, se sentando.

— Por que ele precisa de luvas para bater no bumbum do cavaleiro? — perguntou Rocks.

— Não ele — disse Don, frustrado. — *Lala*.

— Por que a Lala precisaria de luvas? Ela acabou de bater e as mãos dela estão bem — Rocks deu um sorriso bobo e espetou um bolinho de carne.

Todo mundo caiu na risada, até Clawdeen, que estava tão cheia dos comentários “sem noção” de Rock. Ter Lala por perto definitivamente deixava seu humor mais leve e fazia com que se sentisse segura de um jeito que seus irmãos nunca conseguiriam. Como uma garçonete enchendo novamente seu refil de Cherry Coke antes mesmo que ela pedisse. Clawdeen finalmente sentiu que podia contar com alguém.

— Eles estão sendo porcos? — perguntou Clawd, entrando na sala atrás deles.

O uniforme de futebol amassado tinha sido substituído por uma camiseta preta, jeans justinhos, cinto de couro e tênis. Ele até mesmo tinha passado um pente nos cabelos, pois estavam reunidos

num rabo de cavalo arrumadinho. Ele estava cheirando ao perfume de frutas de Clawdeen. Ele era mais gato do que lobo.

Os garotos assobiaram. Os olhos escuros de Lala deram uma passeada por ele, de alto a baixo. Clawdeen perguntou se ele ia sair escondido mais tarde para se encontrar com uma garota.

— Relaxe — disse ele, se sentando. — Estava consertando a banheira entupida e caí de cabeça, então me troquei.

Uma enxurrada de acusações se seguiu sobre quem seria o culpado sobre os últimos problemas com o encanamento.

— Bem-vinda, Lala — disse Harriet, surgindo da cozinha com uma cassarola fumegante. — Macarrão com queijo, só para você!

Seus braços torneados ficaram ainda mais evidenciados quando ela se abaixou para colocar a travessa sobre a mesa.

— Eu vou engordar você — prometeu ela.

As bochechas dela, vermelhas pelo calor da cozinha, combinavam com seu cabelo cor de canela.

— Mal posso esperar! — disse Lala, pegando uma porção. — Estou morrendo de fome! — completou, já parecendo mais saudável.

Harriet se sentou.

— Você está bonito — disse ela à Clawd. — Eu finalmente consigo ver seus olhos. Agora, se você conseguir que Nino...

— Nem pensar! — disse o caçula, cobrindo sua cabeça com um guardanapo vermelho.

— Por quê? Olhe como seu irmão está lindo!

— Não se acostume com isso, mamãe — disse Clawd, agarrando um pãozinho da cesta. — Esse não é meu novo look ou coisa assim. Eu gosto do meu cabelo. Eu só fiz isso...

— Aposto que você ficaria o máximo com o cabelo moicano — disse Lala, levantando a caçarola incandescente até os lábios. — Moicanos estão por toda a parte na Romênia. Minha prima fez no namorado dela e ele ficou um gato. Posso fazer em você se quiser.

— Vamos ver — respondeu Clawd, dando um sorriso tímido.

Lala sorriu, expondo os caninos.

— Então, Cleo me passou uma mensagem hoje — disse Clawdeen. — Ela disse que todo mundo está falando da minha Festa Animal. Até os *normies*.

— Ainda vai rolar? — perguntou Lala.

— Obrigado! — disse Howie, largando o garfo e batendo palmas. — Finalmente uma garota que tem cérebro por aqui.

— É daqui a oito dias — Clawdeen explicou para Lala, ignorando a provocação do irmão. — Tudo isso pode ter acabado até lá.

— É verdade — disse Lala, voltando para sua comida.

Clawdeen conhecia muito bem a amiga que tinha. Lala não acreditava que aquela festa aconteceria, assim como seus irmãos. Mesmo assim, ela agia como se acreditasse e isso mudava tudo. Significava que ainda havia alguma esperança.



CAPÍTULO 15

IRADO ATÉ OS OSSOS

— Verdade ou Ousadia? — perguntou Melody, seu cabelo adornado com penas azuis-esverdeadas.

Candace dobrou a ponta de uma página de sua revista Marie Claire e sentou-se na cama.

— Ousadia, sabichona.

Afastando as cortinas rosa bebê, Melody observou o chalé de Jackson do outro lado da rua. Escuro e sem vida. Como esteve durante toda a semana.

— Escolha “verdade”.

— Ok, verdade.

O jogo todo era quase amoral, considerando que Candace estava sob a influência do feitiço de Melody, assumindo que *havia* um feitiço e que ela não estava deitada num beco qualquer vivenciando uma alucinação induzida por coma profundo. Mas, convenhamos, como ela poderia tratar disso de uma maneira racional? Melody Carver nunca foi a garota que todos paravam para ouvir. Agora, de repente, ela é que estava dando as ordens. Talvez essa fosse a versão na vida real de *Sexta-Feira Muito Louca*⁷. Será que ela e Candace tinham trocado de corpo? Melody olhou para seu peito reto. Não mesmo. Talvez um dos IRADOs tenha lhe dado esse *dom*. Mas quem? Vampiros, lobisomens, zumbis, múmias, górgonas... Ela passou pela lista de todos que conhecia. Nenhum deles era capaz disso. A única coisa que fazia sentido (um pouco) era que Melody tinha se tornado um IRADO extremamente persuasivo que criava penas. Mas que tipo de IRADO? O Cisne Negro?

— Onde está a blusa de seda branca da mamãe? — ela perguntou à Candace, continuando a testar seu poder.

Sua irmã começou a piscar.

— Você quer dizer a blusa *anteriormente* conhecida como branca?

— Acho que sim. O que aconteceu?

— Aconteceu uma salsa na festa na piscina de Carmen Dederich. Então eu tingi de preto e agora está muito melhor do que antes.

Satisfeita, ela mergulhou de volta em seus travesseiros fofos e retomou a leitura de sua revista.

⁷ *Sexta-Feira Muito Louca* é um filme de 2003 sobre uma mãe (interpretada por Jamie Lee Curtis) e uma filha (interpretada por Lindsay Lohan) que, após comerem biscoitinhos chineses e proferirem umas palavras, acabam por trocar de corpo uma com a outra. (N.T.)

Elas estavam nessa brincadeira há quase uma hora. Candace sempre escolhia “ousadia” e Melody, com a ajuda de seu poder recém-descoberto, exigia verdade. Até o momento, Candace tinha conseguido descobrir as seguintes informações:

1. Candace adora a nova obsessão de Melody por penas. E *realmente* adora que sua irmã esteja explorando seu estilo pessoal. Mas penas e molettons com capuz eram a água e o vinho da moda. Um deles tinha que sair e Candace batia o pé pelos agasalhos esportivos.

2. Quando quer conquistar um paquera, Candace manda um foto dela de biquíni por e-mail. Quando o garoto responde, e eles sempre respondem, ela diz que sua assistente se confundiu: a foto era para ter sido enviada para seu agente de carreira de modelo, não para ele. Um pedido para um encontro sempre vem em seguida.

3. O diário de Candace, cheio de descrições de noites solitárias na biblioteca enquanto seus amigos estão em festas, é falso. Deixado na sala por “acidente”, a intenção é que seja encontrado por pais bisbilhoteiros enquanto ela está em festas com amigos.

4. Todos os novos amigos de Candace em Salem acreditam que o pai dela é um agente da CIA. Se eles soubessem que ele é um cirurgião plástico, eles concluiriam que a beleza dela é “melhorada”. E não é.

5. Seu nervo ciático nunca teve problemas. O verdadeiro motivo pelo qual ela largou o balé? Ela soltou um pum durante um *brisé* e todo mundo escutou.

6. Sua maior confissão? Depois de ter sido obrigada a recusar o convite para a festa de Lori Sherman (que tinha até pôneis!) para assistir Melody cantando “Hirtenruf Auf der Alp” num festival de música folclórica alemã. Candace jogou uma moeda de um centavo na

fonte do teatro e desejou que sua irmã perdesse a voz. Um mês depois, Melody desenvolveu asma. Desde esse momento, Candace se sentiu culpada, recusando-se a tocar uma moeda de um centavo enquanto vivesse. Ouvir Melody cantar na sessão de fotos da *Teen Vogue* foi um grande alívio. Candace não se julga mais responsável, mas ainda se recusa a tocar em moedas de um centavo porque elas não prestam para nada e são sujas.

Mesmo que esse jogo fosse inescrupuloso, era uma distração necessária para acalmar os nervos de Melody. Entre impedir a partida de Jackson e o retorno de seus pais enganadores, ela passava o tempo andando pra lá e pra cá no tapete de pele de carneiro de Candace.

Nos últimos dois dias, Melody procurou pela Sr^a J. e Jackson. Ela perguntou aos professores, aos alunos e aos vizinhos. Passou um pente fino pelo Riverfront, mostrou as fotos nos balcões de check-in dos aeroportos. Todos piscavam antes de responder. Eles estavam dizendo a verdade, mas não tinham nada para contar.

Beau e Glory, entretanto, teriam muito que cuspir. E ela estava finalmente pronta para ouvir. *A ignorância é uma benção* era uma bobagem. Melody tinha sido ignorante a vida toda e não tinha recebido nenhuma benção. Era tempo de testar o slogan *conhecimento é poder*.

— Verdade ou Ousadia...

Luzes iluminaram as paredes do quarto. Candace jogou a revista longe.

— Ohmeudeus, eles chegaram!

As palmas das mãos de Melody começaram a transpirar. “Conhecimento” estava estacionando o carro.

— Verdade — respondeu Candace. — Você vai contar para o papai e a mamãe que eu usei o dinheiro da faxineira para comprar uma máquina de bronzeamento a jato?

— Depende. Você vai contar que eu faltei três dias na escola?

— Nunca — disse Candace, fazendo uma cruz sobre a blusa.

— Então, fechado! — disse Melody, esticando o braço e cumprimentando a irmã.

— Eca, tá derretendo? — Candace limpou a mão em seu jeans cor de vinho. — Dá pra tratar suor com botox, sabe. Você devia falar com a mamãe e o papai sobre isso.

— Vou acrescentar esse assunto à minha lista.

— *Hola, señoritas* — falou Beau. — *Mama y papa están en la casa!*

Candace correu escada abaixo e os recebeu com um abraço. Melody andou. O cheiro rançoso do avião estava impregnado em suas camisetas turquesa idênticas.

— Como foi? — perguntou Candace.

Eles riram como estudantes bêbados que conheciam uma piada secreta.

— *Lo que haiga pasado en Punta Mita se queda en Punta Mita* — disse Glory.

Uma expressão de 10 anos atrás podia ter ficado 10 anos atrás, Melody brincaria, mas estava ocupada demais tentando acordar sua coragem adormecida há 15 anos.

— Percebeu alguma coisa diferente na casa? — Candace deu um passo para o lado para que eles pudessem admirar seu trabalho.

— Não — disse Beau, não se dando ao trabalho de olhar.

— E-xa-ta-men-te! — Ela ficou radiante. — Tudo está perfeito. Então, sintam-se livres para irem embora e me deixarem responsável quando quiserem.

— Bom saber — disse Glory, abanando a testa bronzeada com a aba de sua viseira de palha. — Sempre estive tão *caliente* aqui ou eu estou entrando na menopausa? — Ela andou pela sala abafada e abriu as portas que davam para o barranco.

O ar fresco os atraiu para o sofá, onde Beau chutou as papetes para longe e se recostou.

— Falando em mudanças, por que você está usando essas penas, Melly?

Candace deu risada.

Glory levantou o braço do marido e se aconchegou em seu peito.

— Pode brincar o quanto quiser, Beau, mas a moda é essa agora — disse ela. — É majestoso.

— Majestoso como um pavão — disse Beau, fazendo um *high five* com Candace.

— É bom ver que você está se interessando por moda, Melly — disse Glory. — Mas se você quer um conselho de mãe, sugiro trocar o moletom com capuz por um *top* jeans justinho ou um *cashmere* preto.

— Obrigada. Mas conselho de mãe não tinha que vir da *minha* mãe? — disparou Melody.

— Mi-au — ronronou Candace.

Glory levantou o rosto do peito de Beau. O botox impedia que fizesse uma expressão de choque, mas seu tom de voz não conseguia esconder.

— O que você quer dizer com isso?

— É sério que você não faz ideia? — perguntou Melody. — Porque eu não consegui pensar em nenhuma outra coisa a semana toda.

— Com certeza — Candace apoiou a cabeça numa almofada e esfregou as mãos. — Isso está ficando boooooom!

Melody virou-se para a irmã.

— Vá por favor para a cozinha e me traga um pouco de água.

Candace começou a piscar e logo se levantou.

— Com pra-zer.

Beau observou a filha indo até a cozinha.

— Ela está mesmo fazendo isso?

— Tá — disse Melody, como se Candace tivesse passado a vida toda obedecendo a ordens da irmã caçula.

Os pais trocaram um olhar confuso.

O coração de Melody deu uma batida tão forte que forçou as palavras para fora antes que pudessem ser temperadas com uma pitada de educação.

— Glory Carver, você é minha mãe?

Glory começou a piscar.

— Sim, Melody, eu sou.

Hummm.

— Ok, você é minha mãe biológica?

— Melly... — murmurou Beau, puxando Glory para perto de si. Ela piscou mais.

— É? Você é minha mãe biológica? — pressionou Melody.

Glory balançou as pulseiras prateadas da lojinha de lembrancinhas e sussurrou:

— Não.

Vidro quebrado espalhou-se pelo chão. Todos se viraram. Candace, os olhos verdes arregalados e a pele bronzeada pálida, permanecia imóvel perto do sofá, cercada por cacos de vidro e água.

— O que você disse?

— Não era para acontecer assim — defendeu-se Glory.

Beau apertou os ombros da esposa.

— Nós sabíamos que teríamos que discutir isso algum dia — murmurou ele entre os cabelos ruivos dela.

Os ombros estreitos de Glory balançavam.

E agora? Melody tinha passado a semana toda tentando prever a reação deles no caso da pior resposta possível, que era essa. Agora que ela estava vivendo o momento, a única coisa que sentia era espanto.

— Eu *nasci* de você? — perguntou Candace.

Glory levantou o rosto molhado de lágrimas e confirmou.

— Ufa! — Candace deixou escapar. E depois, virou-se para Melody. — Quero dizer, tanto faz. Estou bem de qualquer jeito.

— Candace, fora! — disse Melody, apontando para a escada.

— Com pra-zer — disse a irmã, subindo dois degraus de cada vez.

Melody sentiu-se leve e oca. Ignorando a aversão da mãe à bagunça, ela se sentou na mesa de centro em vez do sofá. Era cedo demais para sentar lado a lado.

— Então, quem sou eu?

— Você é nossa filha — disse Beau, carinhosamente. — Você sempre foi.

Recolhendo as pernas e abraçando os joelhos, Melody encarou os dedos do pé e se perguntou quem poderia ter feito todos eles.

— Vocês conhecem meus pais biológicos?

— Não — respondeu Glory. — Nós adotamos você numa agência quando você tinha três meses. Nós amamos Candace e você da mesma forma e...

— Por que *ela* não foi adotada?

Glory olhou para Melody, a boca meio aberta e pronta para responder, mas nenhuma palavra saiu.

Beau passou os dedos pelos cabelos negros e suspirou.

— Quero saber.

— Quando sua irmã nasceu — começou ele. — Ela era um bebezinho perfeito...

Por que todas as histórias sobre Candace começam desse jeito?

— Nós conseguimos a perfeição na primeira tentativa e... — Ele fez uma pausa, considerando como diria as próximas palavras. — E eu tive medo.

— Do quê? — perguntou Melody.

— De não ser capaz... — Sua voz ficou embargada pela emoção.

— Ele estava com medo — Glory disparou e logo recomeçou a frase. — Nós estávamos com medo que da próxima vez não tivéssemos tanta sorte. Então decidimos que teríamos apenas um filho. E depois nós, você sabe...

Melody balançou a cabeça. Ela não sabia.

— Nós fechamos o negócio da família — disse Glory.

— Que negócio? — perguntou Melody.

Sua mãe fez uma tesourinha com as mãos na direção de Beau.

Oh.

Glory suspirou.

— Um ano depois, nos arrependemos.

— Então, adotamos — disse Beau, batendo as mãos. — E, graças a você, conseguimos novamente alcançar a perfeição.

Melody sabia que ele estava sendo sincero. Ela nunca questionou o amor dos pais, apenas a honestidade deles.

— Foi um milagre incrível — disse Glory com um sorriso nostálgico. — Nós estávamos negociando com uma agência chamada *Mundo Pequeno Adoções* e estava levando uma eternidade. Então, numa tarde de julho, eu tinha acabado de ganhar um torneio de tênis no clube e seu pai tinha conseguido seu primeiro cliente celebridade, uma carta chegou da agência Aquelous. Diziam que tinha encontrado o bebê perfeito.

— Achei que vocês estavam negociando com o *Mundo Pequeno*.

— Estávamos — disse Glory. — Eu deduzi que era alguém que tinha recebido referências nossas. Então, assinamos os papéis e levamos você para casa no dia seguinte.

— Eles não disseram nada sobre a minha mãe? Nada sobre a voz dela, as penas ou o nome?

— Nada, a não ser que ela tinha lhe dado o nome de Melody — disse Beau. — Acho que poderíamos ter pressionado por mais detalhes, mas estávamos tão felizes de ter você que não quisemos fazer nada que pudesse fazê-la mudar de ideia. Além disso, daquele momento em diante você era nossa. De onde você tinha vindo não importava.

Não para você.

— Então, toda aquela história sobre querer que meu nome fosse Melanie, mas a mamãe estava resfriada e a enfermeira pensou que ela tinha dito Melody... Foi invenção?

— Sim — respondeu Glory, fungando. — Foi sua irmã que inventou. Ela gostava de provocar você com essa história boba o tempo todo. Nós nunca dissemos que era verdade.

Melody finalmente conseguiu levantar o olhar. Seus pais pareciam muito vulneráveis olhando para ela. Seus olhos estavam abertos e ansiosos, como réus esperando um veredito.

— Por que vocês não me disseram isso tudo antes?

O resto da conversa pareceu um programa especial sobre adoção. Eles queriam contar, mas nunca encontravam o momento certo. O amor que sentiam por ela não era diferente do amor que sentiam por Candace. Se tivessem que fazer tudo de novo, não mudariam nada. Eles não impediriam que ela encontrasse seus verdadeiros pais mesmo sabendo que a agência Aquelous tinha fechado uma semana depois da adoção de Melody, então não saberiam por onde começar...

Que tal começar com o fato de que as pessoas estão fazendo tudo o que eu mando? Ou as penas “fashion” que estão aparecendo no meu cabelo há uma semana? Ou a possibilidade de eu ser um IRADO? Melody ficou parada. Esvaziada de sua raiva, ela agora sentia apenas um grande vazio. De que adiantavam as respostas se elas apenas conduziam a mais perguntas?

— Eu preciso de ar.

— Querida, você pode sair a hora que...

— Eu não estou saindo. Quer dizer, estou, mas estou bem — disse Melody. E ela tinha certeza disso. — Estamos bem. Só preciso andar um pouco. Volto logo pra casa.

Seus pais se levantaram para abraçá-la. Desta vez, ela os abraçou também.



A noite estava desapontadoramente parada. Um tapa de vento gelado na cara iria ordenar seus pensamentos turbulentos, mas...

Ohmeudeus!

Uma mulher estava saindo da casa de Jackson.

Eles voltaram!

Melody correu, cruzando a Radcliff Way.

— Sr^a J.? — sussurrou.

A mulher correu.

— Sr^a J.! — ela chamou novamente, perseguindo a pessoa pela rua escura. — Sou eu, Melody!

A mulher continuava correndo.

— Pare! — ordenou Melody.

Diferentemente dos outros, a fugitiva não obedeceu. E antes que Melody pudesse alcançá-la, ela havia sumido.



CAPÍTULO 16

PRÓXIMA ESTAÇÃO: ROMANCE

Se pedissem que descrevesse a gravação ao vivo de “Poker Face”, de Lady Gaga, Frankie diria embaçado e estranho, com algumas risadinhas bobas. Do mesmo jeito que descreveria seu humor.

Olhando pela janela do trem, tocando uma vez atrás da outra a música em seu iPhone, ela também repassava e repassava sua decisão de se encontrar com Brett. E se seus pais descobrissem? E se fosse uma armadilha? E se Bekka estivesse ali, com uma casa cheia de demaquilante? E se Brett não aparecesse? E se ele *aparecesse*? E se ele provasse que era inocente e ela se apaixonasse de novo? E depois? Um relacionamento secreto, à distância, entre um IRADO e um *normie*? Essa era a última coisa de que ela precisava.

Obviamente, nada de bom poderia vir disso. Frankie sabia disso no minuto que concordou com o encontro secreto na tarde de sábado. Mesmo assim, a curiosidade a atraiu. Sem mencionar que ela conseguiu encontrar a meia-calça e a camiseta de gola alta perfeitas para combinar com sua mini xadrez e que ela não ligava de ser admirada, mesmo por um cara que destruiria seu espaço do coração. Oh, e o cabelo dela, puxado para cima dos lados e preso com grampos atrás, estava e-le-tri-zan-te.

Mas, espere. Billy. Não podia se esquecer de Billy. Gato como um modelo, divertido como uma montanha-russa, seu companheiro IRADO era um partido e tanto, além de seu acompanhante oficial para o show da Lady Gaga. *E* ele não tinha uma namorada psicótica. Bem melhor que Brett. Mas espere de novo. Ela recentemente tinha largado D.J. para ficar com Brett. Agora, estava deixando Brett por Billy. Será que ela era uma viciada em se apaixonar? O tipo de garota que se apaixona por se apaixonar? Como Drew Barrymore. Talvez Frankie não fosse mais capaz de ter sentimentos verdadeiros por alguém. Nesse caso, ela podia se apaixonar por se apaixonar por um IRADO. Então, estava resolvido. Era Billy.

Frankie aumentou o volume e ouviu “Poker Face” de novo. Fechando os olhos, se imaginou no show, cantando com Billy. Rindo enquanto ele fazia toda a fileira onde estavam cair na dança. Sentindo-se uma princesa orgulhosa toda vez que outra garota olhava pra ele. Sua mãe estava certa: Billy fazia mais sentido. Quanto mais rápido cortasse os laços com Brett, mais depressa ela conseguiria focar sua energia na libertação dos IRADOs. Com isso em mente, Frankie se recostou no encosto bege e aproveitou o resto da viagem até a Cidade do Nunca Mais.



— Oregon City! — gritou o condutor.

O trem diminuiu a velocidade até parar. A estação não tinha o clima de romance que, digamos, a estação Gare de Lyon, em Paris, tem, com toda aquela *art nouveau* contrastando com a arquitetura do velho mundo. Pra começar, não tinha teto. O piso não era de mármore polido e não havia vendedores de flores. Não havia casais chorando e se agarrando num último abraço. A estação era toda de concreto, no mesmo tom sombrio do céu escuro.

Frankie desceu na plataforma. Os outros passageiros se espalharam como os Glitterati no dia de limpar a jaula. Mas ela estava completamente incapaz de se mexer. Embaçado e estranho tinham se transformado em nervosa e com medo. Risadinhas bobas agora eram faíscas. Atrás dela, as portas se uniram como num beijo e o trem continuou rumo ao norte. Não tinha como voltar.

— Bem-vinda ao paraíso! — disse uma voz familiar.

Brett acenava do último banco. A visão de seu anel de caveira fez o estômago de Frankie roncar, digerindo o que podia ter sido a última migalha de seus sentimentos por ele.

Colocando os ombros para trás e balançando sua bolsa-carregador, ela andou até ele como uma modelo na passarela.

*“Can’t read my,
Can’t read my,*

No, he can't read my poker face..."

Ele não vai saber o que estou pensando... Brett se levantou e a abraçou. Foi estranho, tantas eram as incertezas entre eles.

— Você está ótima.

— Obrigada — disse ela, radiante.

Teria sido o momento para dizer que ele também estava ótimo, mas, de perto, Brett parecia cansado. Seus olhos azuis como jeans estavam apagados. Seus lisos cabelos negros estavam escorridos. O esmalte preto tinha desaparecido. E seu estilo casual tinha sido substituído por uma capa de chuva de plástico marrom grande demais. Mesmo assim, Frankie sentiu uma fígada em seu espaço do coração. Era, provavelmente, uma última gota. Pois assim como o trem das 11:22 saindo de Salem, o trem de suas emoções também já tinha deixado a estação.

— Ignore minhas roupas — disse ele, como se tivesse lido os pensamentos dela. — São da minha prima. Eu saí correndo sem fazer as malas.

Frankie balançou a cabeça educadamente, ainda esperando uma grande armadilha. Em vez disso, ela recebeu uma caixa de balas sortidas.

— O que é isso? — perguntou ela, já sabendo a resposta.

— Eu prometi, não prometi?

— Obrigada.

Ela sorriu, resistindo a tentação de pegar uma. *E se estiverem envenenadas?* Ela se sentou. Os freios rangendo de um trem que parava foram a distração necessária. Os dois observaram enquanto ele parava.

— Ouça, acho que a gente devia... — disse Frankie no exato momento que Brett também começou a falar.

Os dois riram.

— Você primeiro — disse ele.

— Não, você.

Ele se virou para olhar para ela, daí esticou o braço pelo encosto do banco. A ponta dos dedos dele roçou o cabelo dela, aquecendo suas entranhas como uma carga de bateria.

— Posso ver que você ainda não confia em mim. Mas eu juro, eu não tive nada a ver com o negócio do Canal 2. Você tem que acreditar em mim. Quer dizer, olhe! — Ele tirou a capa de chuva de cima do corpo. — Isso obviamente está sendo difícil para mim também.

Ele sempre foi tão charmoso? Ela deu uma risadinha e desembrulhou uma bala de morango. O cheiro a fez lembrar o hálito de Billy.

— Mas a pior parte é a saudade que sinto de você, Stein.

O brilho voltou aos olhos dele.

Ele se inclinou para frente.

Ela se afastou.

— Ohmeudeus, você teria adorado o que Melody fez com Bekka na aula de Biologia outro dia — disparou Frankie.

Ela desmancharia com ele depois de contar todas as novidades.

Brett sorriu e se espantou nas horas certas. E depois, o brilho em seus olhos começou a diminuir.

— Então, você realmente começou a sair com outra pessoa?

— Hã... — Frankie fechou a caixa de balas.

Sua vontade de comer doces tinha passado. Ela baixou os olhos e encarou a estampa xadrez de suas saias até a vista embaçar. Contar sobre Billy iria arrasar Brett. Não que houvesse muito o que contar. Eles nem tinham se beijado... *ainda*. Mesmo assim, ela já tinha feito sua escolha. E era uma escolha sensata. A escolha certa.

— Eu vou voltar para casa assim que os repórteres se esquecerem de mim. Provavelmente em poucos dias. Então, as coisas podem voltar a ser como eram.

— Não, não podem — disse Frankie, triste.

Ele tirou o braço do apoio do banco.

— Por quê? — perguntou ele, revirando seu bracelete de couro.

Frankie engoliu em seco.

— Brett, você sabe que eu te acho eletrizante, mas está tudo tão perigoso agora e você sendo um *normie* e...

— Talvez isso te ajude a mudar de ideia.

Ele enfiou a mão no bolso da capa de chuva e tirou dois ingressos para o show de Lady Gaga.

Isso está realmente acontecendo?

— Você está brincando, não está? — perguntou ela, mais exasperada do que animada. — Onde você conseguiu isso?

— Ross, do Canal 2 — respondeu ele.

Frankie ficou tensa.

— *An-tes* de o filme ir pro ar — acrescentou ele, rapidamente. — Eu ia fazer uma surpresa, mas acho que estamos tendo surpresas demais ultimamente. — Ele esticou a mão com os convites. — Vamos?

A visão de Brett se aproximando e beijando-a durante uma música acústica fez com que Frankie aceitasse.

— Hã...

Ela começou a puxar as costuras do pescoço.

— Não puxe — disse Brett, tirando a mão dela dali.

O toque dele acendeu uma tocha olímpica dentro dela. *Será que ele sente isso também?* Frankie tirou a mão. Era como se afastar de uma lareira numa noite fria de inverno.

— É tão legal que você pense em mim e tudo isso, mas acho que seria melhor se cada um ficasse na sua por um tempo.

Brett ficou em silêncio. Ele estava chocado? Triste? Zangado? Frankie estava emocionada demais para olhar.

— Fique com eles mesmo assim — disse ele, colocando os ingressos na mão dela.

O toque dele a incendiou novamente. Ela não podia olhá-lo nos olhos.

— Não posso.

Ela enfiou os ingressos no bolso dele e se levantou.

— Frankie...

Ela espiou por cima do ombro dele e viu o trem que chegava. Os freios apitaram. Era hora de ir.

— Foi bom ver você de novo — disse ela, sem certeza se deveria ou não levar as balas. — Se você quiser isso de volta, eu entendo...

Antes que ela pudesse perceber o que estava acontecendo, Brett a beijava e ela correspondia. Era como tomar um banho de lava incandescente.

Não era uma estação de trem em Paris. O chão não era de mármore. E não havia nenhum vendedor de flores perto dali. Mesmo assim, eles estavam ali, um casal, quase chorando, agarrando-se num último abraço.



CAPÍTULO 17

ECO-ESCURO

Candace batia o salto pra lá e pra cá andando pelo quarto, dando o toque final no seu look para sair.

— Eu devia ter desconfiado que você era adotada.

— O que você quer dizer com isso? — perguntou Melody.

— Sair num sábado à noite não está no seu sangue — Ela borrifou o perfume Black Orchid e depois atravessou a nuvem cheirosa. — Agora, dá para você sair da janela e parar de espionar aquela casa? Você está agindo como um francoatirador.

Deixando o golpe da conversa de adoção de lado, Melody baixou a cortina rosa-bebê e aplaudiu o uso correto do termo “francoatirador” pela irmã. Mas ela estava quase pirando por causa de Jackson. A Sr^a J. tinha prometido que ficariam por perto e mesmo assim Melody

ainda não tinha tido nenhuma notícia dele desde que tinham se encontrado no restaurante mais de uma semana antes. *Acho que foi mesmo um adeus.*

Enquanto isso, Candace tinha disparado piadas sobre a *irmã-de-outra-mãe* a semana toda. Era a forma que ela lidava com notícias chocantes. Melody tinha adotado o método de Jackson: procure, aceite, adapte-se. Até agora, tinha funcionado perfeitamente. A verdade a libertara. Agora, se ela pudesse encontrar a mulher estranha que tinha saído correndo da casa... Talvez pudesse fechar o assunto de onde Jackson estava.

— Que tal esses? — perguntou Candace.

Melody se virou para ver sua irmã sempre glamurosa usando óculos de metal redondos, um blazer de *tweed* abotoado e jeans de boca larga. Seus cachos selvagens tinham sido domados num coque, seus pés amassados em sapatos de salto bem sérios.

— Há! Talvez a gente tenha o mesmo sangue, afinal!

— Por quê? Pareço uma menina caseira? — Candace virou-se para olhar no espelho de corpo todo e alisou o blazer. — Porque eu estou indo para uma leitura.

— De *livros*?

— É. Shane está estudando literatura na Universidade Willamette e não sei porquê ele acha que eu também estou.

— Onde você o conheceu? — perguntou Melody, afastando novamente as cortinas e olhando para o outro lado da rua.

— Noite dos calouros no Corrigan.

— Ele sabe que você está no último ano?

— Claro.

— Do *colegial*?

— Ok, folga do francoatirador — disse Candace, arrastando Melody para fora do quarto. — Assim que eu sair, sinta-se à vontade para abrir um limpa-vidros e fazer o que quiser na minha janela. Mas agora você tem que ir.

— Por quê? — perguntou Melody, agarrando-se ao dossel da cama de Candace.

Candace puxou até arrancá-la.

— Porque Shane pensa que eu vivo sozinha.

Ela empurrou Melody até o corredor e bateu a porta.

— Isso é loucura, Can! — Melody bateu na porta. — Eu não vou me esconder só porque você vive uma vida dupla. Qual é o problema de dizer a verdade de vez em quando? Você não tem problema nenhum em conseguir um encontro.

— Pare de gritar! — disse Candace. — E se ele escutar?

— E daí se ele escutar? Talvez seja melhor assim! Ele vai acabar descobrin...

— Ohmeudeus, Melly! A mulher! Ela voltou!

Yes!

Melody saiu correndo para fora usando a calça do pijama listado J. Crew e seu moletom com capuz preto.

O chalezinho do outro lado da rua estava escuro e sem vida. *Será que ela já entrou?*

Melody tocou a campainha.

— Boboca! — gritou Candace da janela aberta. — Pode me chamar de Kevin, porque estou sozinha em casa como o menino do *Esqueceram de Mim!*

Ela bateu as mãos no rosto como Macaulay Culkin, depois fechou a janela e passou as cortinas.

Sozinha na porta de Jackson, Melody enervou-se. A esperança saiu voando como um balão desamarrado. Como Candace podia fazer uma brincadeira dessas com ela? Era muito mais cruel que...

A porta se abriu.

— Pois não? — perguntou uma mulher, com uma voz clara e bondosa.

Assustada, Melody virou-se rapidamente. Ali, com uma camisola verde como o mar coberta por um robe, ambos da mesma cor de seus olhos, estava a fugitiva fujona.

Sua beleza delicada era encantadora. Cachos negros bagunçados, pele branca como leite, lábios vermelhos com um toque de brilho. Seu corpo era cheio, curvo, feminino, não gordo. Ela era o tipo de mulher que artistas desejam retratar. E o tipo que nunca conseguem.

— Você não é sonâmbula, é? — perguntou ela, olhando as calças de pijama e os pés descalços de Melody.

Melody balançou a cabeça, negando, e espiou dentro da casa escura, esperando descobrir alguma coisa que pudesse levá-la até Jackson.

A mulher fechou a porta até que tivesse espaço suficiente apenas para passar sua cabeça.

— Desculpe-me, qual é o seu nome?

— Melody — Ela fez uma pausa para que a estranha pudesse se apresentar, mas ela ficou quieta. — Eu, hum, sou amiga do dono da casa. Bem, mais amiga do filho dela, Jackson, e não o vejo faz um tempo, então eu vim checar. Sabe, para saber se eles estão bem.

A estranha não ofereceu nada além do mesmo sorriso caloroso.

— Então, hum, você sabe se eles estão bem?

Ela balançou a cabeça.

— Eu estou só alugando a casa.

— Por quanto tempo?

— Renovo todo mês.

— Você sabe para onde eles foram? — tentou Melody.

— Não — A mulher balançou os ombros. — Tudo que eu sei é que vão para algum lugar no sábado num jatinho — informou. — Parece chique.

O coração de Melody fez uma queda livre até o estômago. Será que Jackson estava realmente indo embora dessa vez? E, se estava, porque ele não tentou se despedir? Sua voz persuasiva tinha convencido a Sr^a J. a ficar da primeira vez. Tudo que tinha que fazer era encontrar a mãe de Jackson e convencê-la novamente. Mas e se o poder de Melody estiver se deteriorando? Isso explicaria porque essa mulher não parou de correr aquela noite quando Melody gritou. A não ser, claro, que ela estivesse fora de alcance. Ou podia ser por causa do contato visual ou talvez o vento tivesse diluído seu poder ou...

Melody bateu o pé no chão, frustrada. Ela não sabia o que estava acontecendo com ela e não fazia ideia de quem poderia lhe dizer. Ela nem sabia quem era sua mãe biológica! Ela não sabia onde Jackson estava! Ela não sabia como tê-lo de volta! Ela não sabia de nada!

— Você está bem?

— Não — respondeu Melody, surpresa com sua própria honestidade.

Mas esta estranha era a única pista que tinha, e ela deveria aproveitar ao máximo. Tudo que tinha que fazer era olhar nos olhos dessa mulher, falar claramente e perguntar.

— Você sabe onde Jackson está?

Melody esperou pelas piscadas, que nunca aconteceram.

— Não sei. Sinto muito.

— E um garoto chamado D.J.? Você o conhece?

— Não.

Sem piscadas, era difícil deduzir se a estranha estava falando a verdade. Sabendo que mentirosos precisam de um tempo para pensar, Melody começou a disparar perguntas como numa partida de pingue-pongue em alta velocidade.

— Para onde você está mandando os cheques do aluguel?

— Para uma caixa-postal aqui em Salem.

— Por que você está alugando a casa?

— Preciso de um lugar para viver.

Quanto mais rápido Melody perguntava, mais rápido a mulher respondia.

— Onde você conheceu a dona da casa?

— Eu não a conheci. Eu aluguei a casa com um corretor.

— Por que está tão escuro aí dentro?

— Eu... Bem, acho que podemos dizer que sou “verde”.

Ponto pra mim! Um IRADO! Como Frankie!

— Ohmeudeus, eu posso ajudar você. Eu também sou como você. Mais ou menos. Eu não sou verde, mas tenho outros atributos. Acho... — Melody percebeu que estava falando coisas desconexas e deu uma risadinha. — Desculpe. Acho que estou emocionada. Olhe, você não precisa mais ter medo. Apenas me deixe entrar e nós...

— O quê?

— Nós não podemos entrar?

— Sinto muito, mas não — disse ela, fechando ainda mais a porta.

— Ouça, eu estou do seu lado, ok? — insistiu Melody. — Eu sou muito mais parecida com você do que você sabe.

A mulher sorriu um sorriso distante, nostálgico e um pouco reservado.

— Como assim?

— Eu também tenho algo a esconder — Melody fez uma pausa, silenciosamente dizendo a si mesma para parar.

Mas havia algo nessa mulher que lhe dava segurança. E tudo que envolvia seu segredo pareceu pesado demais para carregar sozinha.

— Eu consigo usar minha voz para convencer as pessoas a fazerem coisas — disparou ela.

Era a primeira vez que Melody falava essas palavras em voz alta. Elas soavam ainda mais insanas do que quando estavam apenas em seu pensamento. Mas uma mulher verde não estava em posição de julgar nada.

Abrindo a porta, revelando-se sem revelar a casa, a mulher suspirou.

— Parece perigoso.

Melody levantou a sobrancelha. Essa mulher estava zombando dela?

— *Perigoso?* O que você quer dizer com isso?

— Quero dizer... — Ela agarrou o pingente de ouro em forma de veleiro pendurado em seu colar e arrastou-o para um lado e para o outro da corrente. — As pessoas têm que ser livres para fazerem suas próprias escolhas.

— E se suas decisões forem erradas? — perguntou Melody.

Como a diretoria demitindo a Sr^a J.

— Quem é você para decidir isso?

Melody sentiu um aperto no peito.

— Eu sei a diferença entre o certo e o errado.

A mulher ajustou o robe e cruzou os braços sobre o peito.

— Só porque uma coisa é certa para você não significa que seja certa para todo mundo.

Quem essa mulher pensa que é, afinal?

— Bom, nesse caso, é.

A mulher apertou os olhos verdes como o mar.

— Que caso?

— A pessoa de quem você está alugando esta casa foi despedida por discriminação e agora ela está indo embora em uma semana e...

De repente, Melody prendeu a respiração quando sentiu algo áspero passar pela garganta: uma solução!

— Ohmeudeus, eu posso simplesmente dizer ao diretor Weeks para devolver o emprego da Sr^a J.! Eu posso falar para todos na escola que a recebam de volta e...

— Pare! — ordenou a mulher, com a voz bondosa, porém firme.
— Você não pode fazer isso.

— Por quê? — perguntou Melody, indignada, batendo novamente o pé descalço na calçada como uma criança.

— Porque isso iria alterar o curso dos eventos e o destino dela
— insistiu a mulher.

— Claro. Para melhor!

— Está errado, Melody. E é perigoso.

— Bem, por que é bom ter esse poder se eu não posso usá-lo?

— Ninguém disse que era bom. Na verdade, parece terrível. Encontre outra forma de conseguir o emprego dela de volta. Um jeito que não envolva seu... *atributo*. Um jeito que seja só seu.

— Há! — exclamou Melody, muito longe de achar graça. — É meio difícil aceitar o conselho de “*ser você mesmo*” de alguém que tem vergonha da cor da própria pele.

— Vergonha? Eu não tenho vergonha da cor da minha pele.

— Ah, é? — perguntou Melody. — Bem, se você gosta tanto de ser verde, porque vive no escuro?

A mulher deu um passo para dentro e caiu na risada.

— Para economizar energia — disse ela, como se aquilo fosse muito óbvio. — É um dos muitos passos que dei na direção de uma vida mais ecologicamente consciente.

Oh. Esse tipo de verde.

Melody sentiu-se humilhada da cabeça aos pés. Como ela pôde ser tão estúpida? Confiar tanto? Ser tão desesperada? *E se essa normie odiar os IRADOs? E se ela chamar a polícia?*

— Hum, é melhor eu ir embora.

— Espere — A mulher colocou a mão no ombro de Melody. — Se você realmente se importa com esse garoto, Jackson, deixe as coisas acontecerem do jeito que teriam que acontecer. Não do jeito que você quer que aconteçam.

A convicção nos olhos dela não podia ser ignorada. Essa mulher obviamente acreditava no que estava falando.

Mas por quê? Ela era uma *normie* que abraçava árvores e que provavelmente acreditava que Melody tinha inventado tudo aquilo. Mesmo assim, ela não tiraria a mão do ombro até ouvir o que queria.

— Ok — disse Melody. — Vou *tentar*.

Satisfeita, a mulher sorriu e fechou a porta, deixando Melody sozinha e no escuro, mais uma vez.



CAPÍTULO 18

PAIXÃO FULMINANTE

Era aquele momento do mês.

Clawdeen nem precisava olhar para cima para saber que a Lua estava quase cheia. Toda vez que Lala mandava que “pisasse no freio” ou “virasse a roda”, ela queria cair no choro, estraçalhar a amiga ou as duas coisas.

— Porque a gente não pula a baliza e tenta estacionar normal?
— sugeriu Lala, olhando o estacionamento vazio na frente do albergue.

Sua palidez não estava mais sendo causada pela fome ou pela falta de sol (graças à comida de Harriet e ao passeio de bicicleta diário com Clawd), mas pela falta de habilidade de Clawdeen na direção.

— Pra quê? — Clawdeen fez um biquinho. — Eu nunca vou tirar minha carta.

— Tudo é possível — disse Lala. — Olhe!

Ela tirou a tampa do batom vermelho fosco e passou na boca com uma atitude confiante.

— Sem nenhum borrão!

— Como você faz isso? — perguntou Clawdeen, sabendo como era difícil para a vampira, que não conseguia ver seu reflexo, passar batom sem sair da linha dos lábios.

— Também consigo maquiar os olhos — sorriu Lala, piscando os cílios cobertos com máscara sem nenhum borrão.

— Você aprendeu isso na Romênia? — perguntou Clawdeen, aproveitando para diminuir o ar quente.

Lala inclinou-se para frente e voltou para o lugar.

— Não, hoje. Enquanto você estava tirando uma soneca. Clawd me ajudou.

— Clawd? *De novo?*

Primeiro, ele tinha conseguido convencer Lala a experimentar um bife. Como era de se esperar, ela cravou as presas na carne e depois cuspiu o pedaço num guardanapo. Foi o mais perto que chegou de uma mordida de verdade. Depois, ele a levou para abraçar a luz natural (e se conformar com menos horas de sono) em suas bicicletas sem sombrinhas para pedalar ao nascer do sol. E agora, isso?

— Ê! — Lala riu ao se lembrar. — Ele fez um molde de papel machê do meu rosto pra gente praticar.

— Aquele jogador de futebol cabeça de melão peludo ajudou você a se *maquiar*? — perguntou Clawdeen, sabendo que Clawd era um partido muito mais interessante do que o idiota que acabara de descrever.

Mas o cara que modelou uma máscara para ajudar Lala a se maquiar com MAC não era o Clawd que ela conhecia. O Clawd que ela conhecia só se importava com as linhas de pontuação do campo e nunca saberia traçar uma linha de delineador. Sabia bloquear, mas não sabia o que era um blush. Linha de base, sim, base líquida, não. Será que ele podia estar sentindo os efeitos da lua crescente? O estresse da vida reclusa? Ou a falta do jogo?

Lala esfregou os caninos para checar se estavam sujos de batom. Pela primeira vez na história de amizade delas, o dedo da amiga saiu limpo.

— Bem, ele não vai ficar peludo por tanto tempo.

— Bem, o que você quer dizer com isso? — perguntou Clawdeen, ouvindo um toque de possessividade na voz.

Mas, possessiva em relação a quem? Seu irmão? Sua melhor amiga? Ou com ciúme por não ser mais a primeira a saber de tudo?

— Quero dizer que fizemos um acordo — disse Lala, enrolando a echarpe de *cashmere* preto sobre os ombros estreitos. — Ele disse que, se eu conseguisse me maquiar sem me borrar, ele me deixaria fazer um moicano nele.

— *Sério?*

— Ê, assim que a sua lição de direção acabar. Assinamos um contrato e tudo.

Ela tirou um pedaço de papel do bolso do jeans justinho e mostrou a assinatura de Clawd.

— Que brincadeira é essa?

Clawdeen pisou com tudo no pedal embaixo de seu pé. A caminhonete projetou-se para frente.

— Aaaaahhhh!

— Pare! — gritou Lala enquanto iam de encontro a uma lata de lixo de metal ao lado do albergue.

Clawdeen meteu o pé no freio com a força de alguém que tinha acabado de perceber que seu irmão mais velho estava apaixonado por sua melhor amiga. O esportista brutamontes que gostava de loirinhas assanhadas e a morena séria que fazia questão de um *gentleman? Sério?* E daí, SLAP! Os *air bags* estouraram.

Tudo ficou em silêncio.

— Acho que basta por hoje — murmurou Lala, seus lábios perfeitamente pintados pressionando a bexiga de ar. — Quer assistir ao corte de cabelo?

Clawdeen balançou a cabeça. Ela já estava mal o suficiente.

Em vez disso, ela optou por esconder o rosto dentro do saco com cheiro de amido de milho até que a vida voltasse a fazer sentido.

PARA: Clawdeen

out 27, 9:22 PM

CLEO: A COBERTURA ESTÁ REAL! NAUM ACREDITO Q VC AINDA VAI FAZER A FESTA! TODO MUNDO PENSOU QUE TAVA CANCELADA. ^^^^

PARA: Cleo

out 27, 9:22 PM

CLAWDEEN: OQ?? ####

PARA: Clawdeen

out 27, 9:23 PM

CLEO: A TENDA NO SEU JARDIM. ADOREI! ^^^^

PARA: Cleo

out 27, 9:23 PM

CLAWDEEN: SERIO? ####

PARA: Cleo

out 27, 9:24 PM

CLAWDEEN: OHMEUDEUS! MEUS PAIS ESQUECERAM DE CANCELAR TUDO. ####

PARA: Cleo

out 27, 9:24 PM

CLAWDEEN: A FESTA AINDA PODE ACONTECER!!!! ####

PARA: Clawdeen

out 27, 9:24 PM

CLEO: GRAÇAS A GEB Q EU NAUM DEVOLVI MEU VESTIDO. MAL POSSO ESPERAR P/ MANDAR P/ DEUCE FOTOS MINHAS FICANDO COM TODOS OS CARAS DO TIME DE BASQUETE. ^^^^

PARA: Cleo

out 27, 9:24 PM

CLAWDEEN: NENHUMA NOTICIA DELE AINDA? ####

PARA: Clawdeen

out 27, 9:24 PM

CLEO: NAUM QUERO FALAR SOBRE ISSO. E SEUS PAIS? VC VAI CHORAR ATEH ELES MUDAREM DE IDEIA? ^^^^

PARA: Cleo

out 27, 9:25 PM

CLAWDEEN: NAUM VOU CONTAR NADA PRA ELES. SHHH!
☺ ####

PARA: Clawdeen

out 27, 9:25 PM

CLEO: ADORO ESSES SEGREDINHOS. COMO POSSO AJUDAR? ^^^^

PARA: Cleo

out 27, 9:25 PM

CLAWDEEN: CHAME TODO MUNDO PRA IR. ####

PARA: Clawdeen

out 27, 9:25 PM

CLEO: ACHO Q ISSO EH TRABALHO PRA MELODY. ELA CONSEGUE CONVENCER TODO MUNDO. NAUM SE PREOCUPE PQ EU AINDA SOU MAIS POPULAR. ☺ ^^^^

PARA: Cleo

out 27, 9:25 PM

CLAWDEEN: VC PODE AJUDAR NA DECORAÇÃO? SE EU FIZER, MEUS PAIS VAUM SUSPEITAR. ####

PARA: Clawdeen

out 27, 9:25 PM

CLEO: CLARO. VOU CHAMAR BEB E HASINA AGORA. COMO VC VAI VIR ATEH AKI? NAUM VAI CORRER PELA FLORESTA, VAI? VC VAI CHEGAR TODA SUADA. ^^^^

PARA: Cleo

out 27, 9:25 PM

CLAWDEEN: ESPERO Q A LALA POSSA ME LEVAR. SE ELA NAUM ESTIVER OCUPADA D+ COM O NAMORADO. ####

PARA: Clawdeen

out 27, 9:27 PM

CLEO: HÃ? Q NAMORADO? ^^^^

PARA: Melody

out 27, 9:27 PM

CLAWDEEN: MINHA FESTA VAI ROLAR. NAUM VOU CONTAR P/ MEUS PAIS. CLEO DISSE Q VC CONSEGUE FAZER TODO MUNDO IR. CONSEGUE? ####

PARA: Clawdeen

out 27, 9:34 PM

MELODY: SEM PROBLEMA.

PARA: Melody

out 27, 9:34 PM

CLAWDEEN: VALEU! FICO DEVENDO! ####

PARA: Clawdeen

out 27, 9:39 PM

CLEO: O GATO COMEU SEU DEDO? AINDA TAH AI? Q NAMORADO? ^^^^

PARA: Cleo

out 27, 9:39 PM

CLAWDEEN: DESCULPE. TENHO Q SAIR DESSE AIR BAG E VER O NOVO CABELO MOICANO DE CLAWD. MANTENHA-ME INFORMADA. VEJO VC NA FESTA ANIMAL... DE QQUER JEITO. ####

PARA: Clawdeen

out 27, 9:40 PM

CLEO: AIR BAG? MOICANO? Q MOICANO? O Q ESTAH ACONTECENDO AI? ^^^^

PARA: Clawdeen

out 27, 9:42 PM

CLEO: KA! ESQUEÇA! VOU TENTAR A LALA. ^^^^



CAPÍTULO 19

JACK A. KABOW

“Essas músicas da hora do almoço estão me zoando”, pensou Melody enquanto andava com Candace pela lanchonete na sexta-feira à tarde colhendo assinaturas ao som de “Till the World Ends”, da Britney Spears.

Se ela tivesse ido até o escritório do diretor Weeks na segunda-feira pela manhã, como ela queria, e exigido que ele chamasse a Sr^a J. de volta! Talvez assim a mãe de Jackson estaria dando a aula de Biologia nesta tarde. E se Melody dissesse para todos os *normies* da cidade para aceitarem os IRADOs e os receberem de volta em Salem, talvez Jackson estivesse com ela nesse momento. Mas ela não tinha dito nada. Em vez disso, tinha deixado que uma estranha com olhos verdes como o mar a convencesse que seria melhor deixar rolar do jeito *normie*. Há! Como se o atual andamento das coisas fosse algo em que valesse a pena continuar apostando.

Mesmo assim, Melody tinha prometido não usar seus poderes de persuasão no diretor Weeks e ela pretendia manter sua promessa. Então, usou os poderes de Candace.

Infelizmente, a reunião de segunda-feira de manhã não tinha tomado o rumo que ela esperava. Em vez de ceder aos apelos da loira, como a maioria dos caras fazia, o diretor permaneceu firme. Ele explicou que a decisão de demitir a Sr^a J. tinha sido feita pelo corpo diretivo, não por ele. Apelar era uma opção, mas apenas se elas conseguissem elaborar uma carta pedindo a readmissão da professora e conseguissem a assinatura de 100 alunos. Se ele tivesse esse abaixo-assinado em mãos na reunião de sexta-feira com a diretoria, ele apresentaria. Se não... bem, isso não importava. Se não, a Sr^a J. e Jackson estariam em rota para não-sei-onde na noite seguinte e Melody iria caçar a mulher de olhos verdes, acender todas as luzes da casa dela e fazê-la *pagar*.

Ping!

Melody parou no meio da agitada lanchonete e checkou seu telefone.

PARA: Melody

out 29, 12:33 PM

CLAWDEEN: VC JAH CONTOU PRA TODO MUNDO Q A FESTA VAI ROLAR? ####

Oops. Ela tinha se esquecido completamente de espalhar a notícia. Mas ela faria isso no momento que tivesse acabado de colher as assinaturas.

PARA: Clawdeen

out 29, 12:34 PM

MELODY: JAH. VAI LOTAR.

Candace apertou a ponta da caneta.

— Vamos, Melody. Só faltam seis.

— Você já pediu para todos aqui — disse Melody.

Ela estava conseguindo levar sua irmã a sério mesmo com aquele uniforme “a serviço dos NECIP”: um *trench coat* bege, saltos altos, pernas cuidadosamente bronzeadas com spray e óculos “de leitura”. Ela estava certa de que o look *garota-sexy-numa-vibe-estudante-de-literatura* passavam a mensagem NECIP com seriedade. O que era verdade... quando o público era masculino. As mulheres, entretanto, eram menos receptivas. Melody tinha que juntar todo o seu autocontrole para evitar agarrar aquele papel e forçar que todos assinassem. Mas a promessa estava em pé.

Eram 12:38. Mais sete minutos e o sinal tocaria.

— Acho que devíamos ir aos banheiros — sugeriu Melody.

— Eca, não! — Candace tremeu. — O prato especial do almoço foi burrito de feijão. Tem que haver alguém aqui que a gente não viu. — Ela olhou ao redor da lanchonete e começou a murmurar. — Os alérgicos a amendoim, ok. Os alérgicos a glúten, ok. Sem lactose, também. Os *light* foram anti-IRADOS e nós pegamos todos os caras da área sem alergias — Ela bateu a caneta contra a prancha.

A música que tocava começou a ficar mais baixa, indicando que o período do almoço estava acabando. Ao redor delas, alunos estavam dando as últimas mordidas enquanto Alicia Keys apropriadamente cantava “No One” — ninguém.

— Se você estivesse usando roupas, as garotas teriam assinado também — rebateu Melody, sentindo a pressão.

— Do que você está falando? Eu peguei a assinatura da Frankie Stein, Cleo de Nile, Julia Phelps, Abbey Bominable, Spectra Vondergeist...

— Estou falando de garotas *normies* — retrucou Melody. — E a assinatura delas?

Seis garotas tentando ser *fashion* do 9º ano estavam arrastando as bandejas pela mesa.

— Elas já disseram não — insistiu Candace.

— Tente de novo — Melody insistiu mais, trapaceando só um pouquinho.

Candace piscou rapidamente.

— Com licença — disse ela ao grupo. — Tenho certeza que vocês sabem que a professora de Biologia, a Srª J., foi...

— Olhe! — disse a morena com cabelos ondulados na altura do ombro e sombra *glitter* verde. Em vez de prestar atenção no “uniforme” ousado de Candace, ela estava apontando para Melody. — Que penas lindas! — Ela virou-se para as amigas e continuou a falar. — Mandie, você está vendo como elas ficam no cabelo? Precisamos *dessas*. Aquelas que a gente comprou no Michaels parecem sobras de uma boá de *stripper*.

As outras balançaram as cabeças, concordando.

— Talvez da próxima vez, você deva ir comprar — murmurou Mandie, bufando.

Suas pseudoamigas trocaram olhares, revirando os olhos.

— Com licença — A loira com uma trança lateral e o chapéu Fedora xadrez puxou de leve a manga do suéter listado de Melody. —

Será que você pode pelo amor de Deus nos contar onde conseguiu essas penas? Nós não vamos colocar na internet.

Melody sorriu.

— Elas meio que caíram do céu.

Agora, será que dá pra assinar?

— Eu disse que ela não ia nos contar — disse a pequeninha listada de *pink*.

— Elas vieram de um pássaro em extinção, o Carver — anunciou Candace. — A espécie troca de pena uma vez a cada quatro anos numa remota caverna onde moram ursos, lá em Montana. A Melody aqui, uma renomada observadora de pássaros, é a única que sabe a localização exata da caverna.

Candace provavelmente deduziu que as penas tinham vindo do barranco, mas ela estava tão orgulhosa do *look* prestigiado da irmã que todas as vezes que podia, fazia disso um show.

As garotas olharam para Melody com as bocas abertas, interesses renovados e uma expressão que misturava admiração e pena de alguém tão *nerd* a ponto de observar passarinhos.

Candace checou quem estava ao redor e chamou as meninas para perto.

— Vocês sabiam... — disse ela, num cochicho de fofoca, olhando por cima do ombro. — ... que Christian Dior contratou Melody aqui para colher as penas do Carver para a coleção de primavera?

As meninas balançaram as cabeças.

— Vocês obviamente não viram os vestidos de alta-costura — disse Candace, num tom temperado com uma pitada de esnobismo e uma grande dose de “que vergonha!”.

Melody sentiu as bochechas queimando enquanto as garotas a encaravam com uma admiração recém-descoberta. Sua irmã estava obviamente dando um jeitinho. Mas, que jeitinho?

— Christian ofereceu 50 mil euros para pôr as mãos em mais dez penas. Parece que Taylor Swift quer usá-las em seu penteado para o Emmy. Mas Melly disse que já tinha dado tudo a ele. — Candace deu uma piscadinha cúmplice. — Shh. O que acontece numa caverna em Montana, fica numa caverna em Montana. *Certo?*

Entusiasmadas por compartilhar o segredo, as meninas riram, concordando.

— Mas — Candace anunciou, arrumando os óculos. — Se vocês assinarem esse abaixo-assinado e *prometerem* não dizer nada ao Christian, vocês podem receber uma pena cada.

Ela deu uma olhadinha para Melody, para confirmar que tudo bem. Melody concordou. Tinha uma gaveta cheia delas em casa.

Dando gritinhos de contentamento, as garotas fizeram fila para escrever seus nomes nos seis espaços que restavam na folha. Depois de cada assinatura, Melody tirava uma pena azul-esverdeada dos cabelos e entregava.

— Cuidado com a ponta — acrescentou ela. — É ouro puro.

Candace escondeu o riso.

— Nós prometemos — disseram elas, quase em coro.

Depois de colocarem as bandejas na mesa mais próxima, elas correram para passar um tempo mais que necessário na frente dos espelhos de seus armários.

— Pronto!

Melody fez um *high five* com a irmã, duas vezes mais orgulhosa do que se tivesse usado seu poder de persuasão.

Candace enfiou a caneta dentro de seu coquinho e declarou:

— Fora, Sr^a Stern-Figgus!

Então, como uma super-heroína exibicionista, desamarrou o casaco e deixou-o cair no chão melado, revelando uma blusa *pink* bem formal, com um laço embabadado no pescoço e jeans enrolados até o joelho. Ela desenrolou os jeans, tirou os saltos, tirou um par de sapatilhas do bolso de trás e recolheu o casaco.

— Para a sala do diretor!

Melody caiu na risada, imaginando se conseguiria ser tão confiante e ousada quanto Candace se elas tivessem o mesmo sangue. Não que isso importasse. Elas compartilham uma vida. E ela era muito grata por isso.



Candace e Melody passaram correndo pela secretária rechonchuda em direção à porta meio aberta da sala do diretor Weeks.

— Senhoritas! — chamou a Sr^a Sanders, tirando o fone de ouvido. — A quinta aula começou e...

— Tudo bem — insistiu Candace. — Nós temos um bilhete.

— Não importa! — A secretária se levantou. — Ele está numa reunião.

— Não ligue pra gente — insistiu Melody.

A Sr^a Sanders começou a piscar e se sentou.

— Não ligo.

— Puxa, somos uma equipe e tanto! — disse Candace, jogando seu casaco numa cadeira vazia.

Melody olhou a prancheta nas mãos da irmã. Elas realmente formavam uma bela dupla.

— Senhor? — Candace bateu na porta e depois puxou Melody para dentro do escritório do diretor, que cheirava bolinho de carne e colônia.

O diretor rapidamente fechou uma janela na tela do computador e sentou-se com as costas retas.

— Vocês não deviam estar na aula?

— Com certeza — respondeu Candace, com mais doçura que um açúcarado cereal matinal. — Nós só queríamos lhe entregar isso.

Ela se aproximou da mesa com tanta convicção que o laço da sua blusa balançou para lá e para cá.

— E isso é...?

Ele embrulhou seu sanduíche meio comido em papel-manteiga e colocou-o de lado.

— O abaixo-assinado para a sua reunião de hoje — disse Melody.

Ele apertou os olhos, confuso.

— Para a volta da Sr^a J. — acrescentou ela.

— Ah, sim — disse ele, lembrando. — Se eu me lembro, eu disse que precisava de 100 assinaturas para...

Candace acenou com a prancheta.

— Estão aí.

— Você encontrou 100 alunos do Merston que querem ficar ao lado da Sr^a J.?

Candace confirmou, orgulhosa.

— Nem *todos* têm medo dos IRADOs, sabe — disse Melody.

— Verdade, mas eu ouvi falar que os testes surpresa dela são terríveis — Ele caiu na risada.

— Senhor — Melody fechou os punhos. — O senhor precisa levar isso a sério.

Candace virou-se e repreendeu-a.

— Melly!

— Tudo bem — disse ela, apenas mexendo a boca.

O diretor começou a piscar.

— Você está certa.

— Talvez alguns pais tenham medo da mudança, mas os alunos não têm. Nós queremos mudar. E não temos medo de falar — continuou Melody.

— Chega de preconceito! — disse Candace, entregando ao diretor a prancheta com o abaixo-assinado.

— As pessoas estavam ansiosas para assinar — acrescentou Melody, para dar um toque a mais.

— É mesmo? — disse Weeks, observando as assinaturas.

As garotas balançaram a cabeça, confiantes.

— Então, como explicam isso? — perguntou ele, dando uma risadinha.

Ele entregou a lista para Candace e cruzou os braços sobre o amassado terno cinza. Lendo por cima dos ombros com perfume de orquídea da irmã, Melody ficou sem ar. Havia 100 nomes na lista, mas apenas alguns eram reais. Os outros pareciam ter saído de um livro que seu pai tinha ganhado numa festa do trabalho, que listava piadas encontradas pichadas em banheiros.

Tara Donna... Carl Salarga... Call Cinha... A. Gente Inimigo... Raddy Ador... Idie Otta... Yaki Soba... Polly Ciamento... Dennis Pimentinha... Hall Apeños... Jerry Átrico... Tony Award... Oscar Vaipra... Mara Vilhosa... Sarah Matando... Tom Ate...

Melody não conseguiu continuar. Lágrimas começaram a se acumular em seus olhos, inundando suas pupilas. Os nomes começaram a ficar embaçados. Zonza pelo ciclone de humilhação e decepção, ela tentou focar nas árvores do lado de fora da janela. Mas os galhos sem folhas fizeram com que se sentisse ainda mais desolada.

— Você não checou os nomes? — sussurrou para a irmã.

Candace suspirou.

— Talvez eles estivessem com medo de colocar seus nomes verdadeiros.

— Sinto muito, garotas — disse o diretor Weeks, com sinceridade. — Eu sei que vocês tentaram com afinco. E, cá entre nós, eu também gostaria que as coisas fossem diferentes por aqui. Mas tenho que prestar contas para uma diretoria e...

Melody queria cobrir as orelhas e gritar. Por que os adultos sempre tinham tanto medo de assumir uma posição? Será que um trabalho valia mais do que a decência humana? O progresso dava mais medo que a estagnação? Coexistência era mais ameaçadora que a guerra? Melody se odiou por ter escutado aquela mulher. E daí se ela mudasse o curso dos eventos? Não era exatamente isso que ela queria?

— Diretor Weeks — disse ela, interrompendo seu discurso puxa-saco da diretoria.

Ele podia ter medo de levantar a voz, mas Melody não tinha. Nunca mais teria.

— Eu insisto que...

Bip!

— Caroline Madden na linha 1 para o senhor — estalou a voz da Sr^a Sanders no viva-voz.

— Com licença — disse ele, pegando o telefone. — Eu preciso atender esse telefonema, garotas.

— Mas...

— Esperem aí — disse ele, colocando o telefone no ouvido. — Caroline, oi! Como Bekka está se sentindo?

Candace, que não tinha nenhuma experiência com rejeição, disparou:

— NECIP, fora!

E saiu batendo a porta do escritório. Ela pegou o casaco, murmurou alguma coisa sobre não conseguir esperar até chegar à faculdade e largar a escola pelo resto da vida.

Melody, entretanto, não tinha a menor intenção de esmorecer. Ela prometeu àquela mulher que *tentaria* não usar seus poderes e ela tentou. E falhou. Desta vez, iria fazer as coisas do seu jeito.

Pelo resto da tarde, ela falou com todos os anti-IRADOs que encontrou para irem à Festa Animal de Clawdeen. Assim que eles estivessem reunidos, ela iria ordená-los a abraçar a causa dos IRADOs e juntar-se a eles na missão de trazer a Sr^a J. de volta de onde quer que ela estivesse.

Jackson voltaria para casa.

A ecochata de olhos verdes iria embora.

A festa de Clawdeen entraria para a história como o evento que uniu todos.

E o destino mudaria para sempre.

Finalmente.

PARA: Cleo

out 30, 1:07 PM

CLAWDEEN: CONTAGEM REGRESSIVA. FESTA ANIMAL EM 7 HORAS. COMO ESTÁ A DECORAÇÃO? ####

PARA: Clawdeen

out 30, 1:07 PM

CLEO: BEB E HASINA ESTÃO TRABALHANDO DESDE DE MANHÃ. ESTÃO LAH AGORA, ARRUMANDO TUDO. PASSO UMA MSG QDO TERMINAREM DEPOIS DA MINHA INSPEÇÃO. MANDO FOTOS. PISTA DE DANÇA PRONTA. CABINA DO DJ TB. ESPERANDO O BUFÊ. ^^^^

PARA: Cleo

out 30, 1:08 PM

CLAWDEEN: OHMEUDEUS, FUROU! MAMÃE IA FAZER O BUFÊ. NAUM TEMOS COMIDA!!! ####

PARA: Clawdeen

out 30, 1:10 PM

CLEO: EU FALO PRA BEB E HASINA ARRUMAREM ISSO QDO ACABAREM DE DECORAR. VC SOH TEM Q SE PREOCUPAR EM SAIR ESCONDIDO, ESTAR LINDA E NAUM SER PEGA. ALIAS, PREPARE SUAS ORELHAS PARA A CIDADE DAS ESMERALDAS! OS BRINCOS ANGELINA JOLIE DA TIA NEFERTITI ESPERAM POR VC! FELIZ ANIVERSÁRIO! ^^^^

PARA: Cleo

out 30, 1:11 PM

CLAWDEEN: SÉRIO? OHMEUDEUS! BRIGADA! ONDE ESTARIA SEM VC? ####

PARA: Clawdeen

out 30, 1:11 PM

CLEO: NO HIDEOUT INN. ☺ PRECISO IR E FICAR LINDA. TENHO UM TIME INTEIRO PARA CORROMPER. NOS FALAMOS! ^^^^

PARA: Melody

out 30, 1:13 PM

CLAWDEEN: TUDO MUNDO VAI? ####

PARA: Clawdeen

out 30, 1:13 PM

MELODY: ALGUNS VAUM NO SHOW DA LADY GAGA E VAUM CHEGAR + TARDE. TODO O RESTO DISSE Q VAI.

PARA: Melody

out 30, 1:14 PM

CLAWDEEN: OBA! CHATEADA COM OS IRADOS Q NAUM VAUM ESTAR AKI. ####

PARA: Clawdeen

out 30, 1:14 PM

MELODY: EU TB. ☺ BOA SORTE NA ESCAPADA. FELIZ ANIVERSÁRIO ANIMAL. TE VEJO + TARDE.



CAPÍTULO 20

ERRAR NÃO É SÓ HUMANO

O telefone de Clawdeen apitou com outra mensagem de Cleo perguntando quando ela ia chegar e ela rapidamente o desligou.

— Você pode lembrar porque eu planejei minha festa animal tão perto da lua cheia? — perguntou ela enquanto descia com Lala as escadas forradas de carpete verde do albergue.

— Todas nós te avisamos — insistiu ela, apontando o dedo pálido. — Mas você insistiu porque queria ser fiel à data ou ficaria falso.

— Bem, gostaria que vocês tivessem me “desinsistido”. Até agora, passei todo meu aniversário me depilando, cortando minhas unhas e fazendo xixi.

— O que você achava que ia acontecer depois de tomar duas xícaras da infusão de ervas “Calma e Tranquilidade”? — Ela sorriu, exibindo os caninos clareados com orgulho.

— Eu tinha que fazer *alguma* coisa — rebateu Clawdeen. — Eu faço minha transição em dois dias. Estou tendo grandes problemas em controlar meu temperamento.

Ela parou para checar os cachos no espelho da recepção. Estavam cheios e brilhantes, ela ainda tinha pelo menos 3 horas antes do crescimento fazer com que pesassem. Tempo suficiente para fazer uma grande entrada e posar para fotos.

— Talvez tenha sido bom que a festa animal foi cancelada — disse Lala, ficando ao lado de Clawdeen para retocar o *gloss*.

Mesmo depois de anos de amizade, Clawdeen ainda foi pega de surpresa pela reflexão absurda da vampira.

— Agora você não precisa se preocupar com acidentes, como devorar alguém.

— La!

— Estou *brincando* — riu Lala. — De qualquer forma, comemorar com sua família vai ser divertido.

Clawdeen concordou, ansiosa pelo momento que contaria o plano à amiga. Segurar e esconder a verdade de Lala era como reprimir um arroto gigantesco depois de um gole de Coca-Cola. Mas elas ainda tinham que passar pelo jantar em família. Se o relacionamento de Cleo com Deuce tinha lhe ensinado uma coisa, era que paixonites e segredos não combinavam. Toda aquela pegação

deve ter deixado as mandíbulas soltinhas, permitindo que informação confidencial escapasse. Uma escorregada de Lala e Clawdeen iria acabar presa como um fugitivo do *Law & Order* na sua noite especial. Arroto nenhum valia isso.

No saguão, Lala equilibrou-se em suas botinhas *peep toe* cinzas a caminho do restaurante para abrir a porta para Clawdeen. Seu rabo de cavalo alto e sedoso balançava alegremente e a vampira estava uma gata com um minivestido roxo de babados. Sua pele tinha um toque de cor, sua maquiagem estava perfeita e seus espertos olhos negros pareciam irradiar luz. Desde que chegara, seu estilo tinha se tornado menos menininha e mais UAU. Pelo menos hoje à noite toda aquela beleza não seria gasta com os irmãos Wolf virando lobos. Seria arrebatada para uma festa inesquecível e admirada pela elite do Merston High. Clawdeen mal conseguia esperar que Lala descobrisse. Ela ia pirar!

— Com fome? — Lala perguntou timidamente à amiga.

— Não muito — respondeu Clawdeen, mesmo tendo controlado seu apetite voraz o dia todo.

Apesar de seu desejo cada vez maior de se empanturrar, ela conseguiu reprimir seus instintos mascando milhares de chicletes, como uma verdadeira baladeira de Hollywood. Afinal, tinha que entrar num vestido PP e dominar a pista de dança. Hoje, diversão. Amanhã, macarrão.

— Bem, isso é ruim porque... — Lala abriu as portas e gritou:
— Surpresa!

O que...?

“Raise Your Glass”, da Pink, começou a bombar nos alto-falantes. Sincronizado com a música, Don se levantou e ergueu uma caixa de leite.

— Nós sabemos como você queria sua Festa Animal, então, aqui está!

Como sempre, os pratos já estavam meio vazios e o estômago de seus irmãos, meio cheios.

— Garfos na mesa! — insistiu Lala, sem perceber o quanto aquilo dependia de força de vontade naquele período do mês.

Ainda assim, fosse por amor à irmã ou por desejo pela melhor amiga dela, os garotos conseguiram. Assim que ela contou 1, 2, 3, eles começaram a cantar “Parabéns a você” apoiando um dos joelhos no chão.

Quando eles acabaram, Clawdeen aplaudiu com entusiasmo. Os olhos se enchendo de lágrimas, ela abraçou e agradeceu cada um deles enquanto Harriet tirava fotos.

— Isso é uma loucura — disse ela, admirando o esforço de todos.

“FELIZ ANIVERSÁRIO ANIMAL, DEENIE!” tinha sido escrito com spray num cartaz gigantesco feito com velhas toalhas de mesa que tinham sido esticadas do bar até a lareira. As mesas estavam cobertas por pequenas velas que projetavam sombras cintilantes nas paredes de pedra. As cadeiras, ocupadas pelos manequins recuperados das construções onde o pai trabalhava, estavam erguendo taças de champanhe, cheias de cidra, como Clawdeen deduziu. Graças a um *scanner*, velhas fotografias e uma impressora fotográfica com *zoom*, cada um dos manequins tinha o rosto de alguém que estava na lista da festa animal. O gesto fez com que

Clawdeen se lembrasse de Perez Hilton: assustador e incrível ao mesmo tempo.

Seu coração pesou com a emoção. Apesar de seus valores antiquados e chauvinistas, ela adorava os irmãos. Eles obviamente a adoravam também. Se eles soubessem que ela pretendia fugir no instante que a fumaça das velas cessasse! Ela se sentiu culpada só de pensar nisso.

— O papai sente muito por não poder estar aqui — disse a mãe, colocando a proteção na lente da Nikon.

— Tudo bem — respondeu Clawdeen, com sinceridade.

Escapar seria mais fácil sem que seu pai estivesse farejando por ali.

— Ele tentou voltar à noite — continuou Harriet. — Mas os Pinto são grandes clientes...

Nino caiu na risada.

— Ela disse que os Pinto são grandes!

Os garotos caíram na gargalhada. Clawdeen também. Lala estremeceu.

Clawd tirou o cardigã azul-marinho e colocou sobre os ombros dela. Lala ficou surpresa com o gesto. Ele balançou os ombros, como se fizesse isso para qualquer um. Como celebridades num *set* de filmagem, eles se enganavam a ponto de pensar que o relacionamento deles era secreto. Como se o precioso moicano que ele exibia já não fosse prova suficiente da devoção que ele tinha por ela.

— Espere — disse Harriet, radiante. — Você tem que abrir seu presente!

Rocks curvou-se embaixo da mesa e presentou Clawdeen com um Singer X-L 150.

— É um aparelho de karaokê! — anunciou.

— Não, não é — disse Howie, acertando Rocks na cabeça com um guardanapo. — É uma máquina de costura.

— Oh, ok — Rocks revirou os olhos. — É por isso que se chama *Singer*, gênio.

Todos riram.

Clawdeen procurou pelos olhos caramelo da mãe, se perguntando como sua família poderia pagar por algo tão sofisticado.

— Foi ideia do Nino, mas todos nós contribuímos — disse ela, sentindo a preocupação da filha. — A suíte 09 precisa de novas roupas de cama e eu estava esperando que você pudesse fazer.

Clawdeen sentiu o coração cair dentro do peito.

— Nino!

Ele cobriu o rosto com um guardanapo.

— Desculpe — murmurou. — Eu não queria ficar lá filmando enquanto você costurava tudo à mão. Ia levar horas!

— Era isso ou o quarto ia ficar parecido com o Sr Stein! — brincou Don.

Todos riram, menos Clawdeen. Graças à traição do irmão, ela estava prestes a ficar como um torresminho: frita.

— Não se preocupe, mamãe. Eu tiro tudo. Prometo!

— Por quê? Está lindo! — Harriet sorriu. — Agora que você tem 16 anos, está na hora de ter seu próprio banheiro. Então, é todo seu.

Clawdeen deu um pulo e abraçou a mãe duas vezes: uma agradecendo por ter lhe dado uma vida e outra por deixar que decorasse. Hoje, licença criativa. Amanhã, licença para dirigir! Finalmente tinha experimentado o primeiro pedaço da torta da

liberdade. Mas em vez de se sentir satisfeita, Clawdeen queria mais. Era muito doce.



Depois que todos se empanturraram com o bolo de chocolate de sete andares de Harriet, os garotos foram assistir futebol. Lala planejava encontrar Clawd perto da lareira depois do jogo para dar uma lavada naquele traseiro peludo num jogo de xadrez. Mas Clawdeen perguntou se podiam remarcar o jogo para outra noite. Era o aniversário dela e ela queria um tempo com a amiga. *Sozinha*. Lala mordeu os lábios com os caninos pontudos por ser tão importante e ficou mais do que feliz em aceitar.

— Quer fazer umas cortinas pro nosso novo quarto? — perguntou Clawdeen, fingindo conversar até que se afastassem a ponto de não serem ouvidas.

Harriet, que estava fechando o salão de jantar, tinha a melhor audição da família. Então era sempre sábio errar mais para o lado da precaução.

— Seu pai realmente pegou todos aqueles manequins de um trabalho na construção? — perguntou Lala.

— Sim. Ele demoliu uma velha loja de departamentos e ficou com eles. Você devia ver o que ele traz pra casa desses trabalhos. Eu tenho um barracão cheio de tranqueiras. Pneus, tecidos, pregos, baterias de celular...

— Sério? — Lala bocejou. — Parece interessante.

— Oh, é mesmo. Você devia ver uma hora.

Quando elas finalmente chegaram à recepção, Clawdeen agarrou a mão fria de Lala e puxou-a pelo saguão.

— O que você es...

— Shh!

— Oh — sussurrou Lala, finalmente entendendo.

Com um dedo sobre os lábios indicando silêncio, Clawdeen conduziu a amiga até o banheiro feminino e abriu a torneira para encobrir o jazz da música ambiente. O cômodo com duas portas, abastecido com sachês de *potpourri*, lâmpadas rosadas, felpudas capas de tampa de privada, tapetes de lã, cortinas cor de pêssego e papel higiênico de folha dupla contrastava fortemente com a decoração masculina do albergue.

Clawdeen se dirigiu ao armário da pia e afastou a cortina *pink* de preguinhas. Ela tirou dali duas sacolas iguais da L. L. Bean, uma capa de roupa e as chaves do caminhão da manutenção.

— Vamos cair na farra animal!

Lala massageou o estômago.

— A gente pode dar um tempo nas lições de direção? — perguntou ela. — Eu comi uma tonelada e...

— É *você* que vai dirigir, não eu — explicou Clawdeen, contorcendo-se para sair do jeans.

— Para onde estamos indo? — perguntou Lala, enrolando seu rabo de cavalo.

— Para a minha festa — disse Clawdeen, como se aquilo fosse óbvio. — Vai acontecer!

— Como?

— Cleo está ajudando a organizar e Melody ficou responsável pela lista de convidados. Vai estar lotado.

— Fantástico! — disse Lala, radiante, e depois perguntou. — Espere aí, por que a Melody ficou sabendo disso antes de mim?

— Meus pais não fazem ideia. Vamos sair escondidas — Clawdeen abriu o zíper do moletom verde e jogou-o no tapete. — Eu fiz um vestido para você, mas o que você está usando é perfeito. Roxo combina com você como sangue.

Lala virou-se e retocou o *gloss pink* sobre os lábios.

— Eu ainda não consigo acreditar que você está fazendo isso sem borrar a sua cara! — sorriu Clawdeen.

Ela estava entusiasmada demais para ficar chateada com o relacionamento recente de Lala com Clawd. Além disso, havia hora e lugar para essas pequenas emoções. E o tempo já tinha passado e o lugar seria o primário. Qualquer um com seu próprio quarto e uma Singer X-L 150 era muito mais madura do que essas inconveniências. Ou pelo menos devia fingir ser.

— Bem? — disse Lala, dobrando os braços pálidos sobre o peito.

— Bem, o *quê*?

— Bem, por que você não me contou? — pressionou ela.

Clawdeen chutou as sapatilhas.

— Não queria que minha mãe descobrisse.

— Sério? — Lala puxou as mangas do cardigã de Clawd. — Por que eu contaria para a sua mãe?

— Você não. Você contaria para o meu irmão e *ele* contaria para a minha mãe.

— Ele *não* sabe?

— Claro que não — rebateu Clawdeen, aborrecida com o aborrecimento de Lala.

Elas deveriam estar se aprontando rapidamente, perdendo o ar dando risadinhas, zonzas com toda a agitação e o perigo envolvido. Uma arrumando o cabelo e subindo o zíper do vestido da outra. De mãos dadas correndo pelo estacionamento, balançando em cima dos saltos e se atrapalhando com a chave do carro. Música a toda nos iPods. Planejando a entrada de Clawdeen... Tudo, menos isso.

— Então, Clawd não está indo?

— Não, ele não está. Nenhum deles vai.

Clawdeen abriu a capa de roupa e jogou um beijinho para a obra-prima lilás-acinzentada lá dentro. O profundo decote em V, o brilho furta-cor, o metalizado preto...

— Consigo ou não consigo fazer um vestido envelope igualzinho ao da Diane von Furstenberg?

Se ela tivesse tempo para entrar no vestido com graça... Mas ela atirou-se dentro como uma modelo afobada numa semana de moda e apressou-se em colocar as botas de pele de cobra. Como era de se esperar, ficou tudo perfeito.

Depois de uma aplicação a jato de maquiagem, uma raspada final nas pernas e uma generosa aplicação da colônia frutal, Clawdeen subiu na tampa da privada e checkou sua imagem no espelho. Uma garota de 16 anos com um vestido estiloso e elegante, selvagens cachos ruivos, olhos iluminados e a promessa dos brincos de esmeralda de Cleo sorrindo para ela.

— Vamos! — disse ela, pulando.

— Eu não sei... — disse Lala.

Clawdeen congelou.

— *O quê?*

— Eu não acho que seja seguro irmos sozinhas.

— Não é seguro ou não é *divertido*? — Clawdeen arriscou.

Os olhos de Lala escureceram.

— O que você quer dizer com isso? — rebateu ela, soltando a vampira dentro de si.

— Quero dizer que você queria ir quando pensou que Clawd estava indo — disse Clawdeen, pegando as roupas do chão e enfiando na sacola.

Faria tudo para disfarçar as mãos que não paravam de tremer.

— Porque eu pensei que ele podia nos proteger caso acontecesse alguma coisa — disse Lala, um pouco alto demais.

— Não vai acontecer nada — Clawdeen ligou o telefone e o entregou a Lala. — Veja.

Ela leu todas as mensagens de Cleo e Melody, pedindo que se apressassem e viessem para a festa.

— Viu? Está tudo perfeito.

Lala tirou os olhos da tela, em conflito consigo mesma.

— Se o tio Vlad souber que eu saí escondido, ele vai me matar. E se meu pai descobrir, ele vai me matar de novo.

— Como eles vão descobrir? Seu tio está em Portland e seu pai está num iate. Além disso, você já está morta.

— Não é seguro, Claw. Por favor, não faça isso. Se a gente levasse o Clawd...

Clawdeen não conseguia mais continuar aquela briga em sussurros. Ela já estava atrasada para a própria festa. Se não saísse logo, iria perder a festa toda.

— Esqueça, La. Eu vou sozinha.

Ela enfiou as sacolas dentro do armário sob a pia. Sem dizer outra palavra, saiu correndo até o estacionamento. Ao longe, o caminhão da manutenção, marcado por anos de trabalho duro, parecia topar qualquer coisa. Incluindo uma viagem de 15 minutos com uma inexperiente, porém destemida, aniversariante.



Clawdeen destrancou a porta do motorista, subitamente ciente de como era estranho estar ali, sozinha com o caminhão. Quem ela queria enganar, achando que podia dirigir sozinha aquela coisa? Talvez Lala estivesse certa. Talvez ela devesse pedir a Clawd. Ele poderia... *Não!* Independência não era um prato que se podia dividir. Esse ela teria que engolir sozinha.

Depois de tomar fôlego e inspirar coragem oxigenada e receber outra mensagem de “kd vc?” de Cleo, Clawdeen abriu a porta. Pelo menos ela sabia que os *air bags* estavam funcionando.

— Está indo pra algum lugar?

O assento do motorista estava ocupado.

Mamãe?

— Belo vestido — disse Harriet, agarrando a direção com ambas as mãos.

Ping!

Clawdeen ignorou a mensagem.

— Eu posso explicar — disse ela, mesmo não podendo.

Como uma mulher que passou a vida toda enchendo sete garotos de comida entenderia a necessidade de ser independente?

— Eu sei da festa de hoje à noite — disse Harriet, olhando para o estacionamento vazio como se estivesse dirigindo.

O coração de Clawdeen afundou como o Titanic.

— Como?

Harriet coçou as orelhas.

Ping!

Outra mensagem.

Isso está realmente acontecendo? Minha mãe vai ser a única a admirar o vestido que eu passei meses fazendo?

— Sinto muito — murmurou ela na brisa gelada.

— Por que, Deenie?

Clawdeen pensou cuidadosamente antes de responder. Se ela conseguisse dizer alguma coisa para ganhar a simpatia da mãe... *Eu me sinto desprezada... Esta sou eu gritando para chamar a atenção... Minha vida está em perigo se eu não for para esta festa...*

Harriet levantou o queixo da filha e olhou em seus olhos.

— Se você quiser ser tratada como adulta, tem que agir como adulta. Então que tal entrar aqui e me contar a verdade?

Sua mãe tinha razão. Além disso, ela já sabia de tudo. Não havia mais nada para esconder.

Clawdeen deu a volta até o lado do passageiro e entrou. Copos velhos com café foram esmagados pelas suas sofisticadas botas. Um novo sachê de perfume de pinho estava pendurado no retrovisor. O ar entre elas estava tenso e frio. Mas essa não era a hora de pedir a Harriet para ligar o ar quente.

— *Bem?*

— A verdade? — Clawdeen começou a falar. — A verdade é que eu queria uma festa. Eu queria os amigos, o vestido, os presentes, o

baile... Tudo. Uma noite só para *mim*. Não para os trigêmeos. Não para Clawd. Não para Leena. Não para Rocks ou Nino. Só para mim. E daí, quando todo mundo disse que era perigoso demais, eu... — O canto da sua boca começou a se contorcer. Clawdeen baixou os olhos, envergonhada pelas suas lágrimas adolescentes. — Eu estou tão cheia de todo mundo me falando o que é melhor para mim. — Ela limpou as bochechas. — É como se todos vocês pensassem que eu sou completamente inútil, mas eu não sou. Eu consigo trabalhar com todas as ferramentas do papai. Eu consigo correr mais do que qualquer garoto da minha sala. Eu só tiro A, consigo fazer as minhas próprias roupas e nunca entrei na sala do diretor ou num carro de polícia, coisa que nenhum dos meus irmãos pode falar. Nunca destruí um restaurante de *fast-food* porque tinha acabado a salsicha como fez a minha irmã. Ah, e meu *videoblog* tem 7 fãs e um deles disse que sou muito natural na frente da câmera e um gênio da customização.

As lágrimas caíam rapidamente agora, destruindo seu olho esfumado. Não que isso importasse agora. O estacionamento era o mais longe que chegaria... Provavelmente até a próxima década.

— Acho que queria provar que já sou suficientemente velha para tomar minhas próprias decisões.

— Dirigir sem carteira não é uma decisão, Deenie. É um crime.

— Eu ia chamar um táxi — mentiu ela.

— E dizer o quê ao motorista? Para levá-la a uma festa que pode ou não ser uma armadilha? — Harriet puxou o elástico do seu rabo de cavalo e balançou os cabelos cor de canela. Tinham crescido pelo menos 2 centímetros desde o jantar. — Essas não são decisões. Esses são erros.

— Qual é o problema com os erros? — rosnou Clawdeen. Ela virou o rosto para a janela e murmurou: — Não que eu pudesse saber. Ninguém nunca me deixou errar.

Depois disso, o único som entre elas eram os *pings* das mensagens de texto para Clawdeen.

Harriet limpou a garganta.

— Eu entendo como se sente.

Sem ter certeza de ter ouvido corretamente, Clawdeen virou-se para sua mãe. O assento de couro azul rachado rangeu, protestando.

— Entende?

Ping!

Harriet revirou a aliança de ouro no dedo.

— Eu costumava ser muito parecida com você quando era jovem. Não aguentava quando a minha mãe e minhas irmãs mais velhas mandavam em mim. Então trabalhei como garçonne depois das aulas e guardei meu dinheiro e, no verão antes de ir para a faculdade, viajei de mochilão pela Europa. Foi tão libertador que acabei ficando. Nos dois anos seguintes, trabalhei em restaurantes, aprendi um pouquinho de várias línguas e conheci as pessoas mais incríveis.

Clawdeen estava meio fascinada e meio invejosa. Era como se descrevesse como era voar. Por que sua mãe nunca tinha lhe contado isso antes?

— Por que você voltou?

— Por um cara chamado Clawrk — Harriet sorriu, de repente parecendo uma menininha, do jeito que teria sido lá naqueles dias. — Nós nos conhecemos num café em Amsterdã e passamos as duas semanas seguintes viajando juntos antes de voltar para casa, aqui.

Ele suplicou para que eu voltasse com ele, mas eu recusei. Eu disse a mim mesma que não o seguiria, nem seguiria nenhum outro homem. Então ele foi embora e eu fiquei.

Clawdeen revirou-se no assento e encarou a mãe.

— Assim? Ele não tentou te convencer a ir com ele?

— Seu pai era esperto demais para isso. — Harriet sorriu. — Ele me disse que eu estava cometendo um grande erro então se afastou e me deixou errar. Vamos apenas dizer que eu estava dentro de um avião quatro dias mais tarde. — Ela fez uma pausa e pegou a mão de Clawdeen. — Mas seu pai é um cara diferente agora. Ele não chega nem perto do cara durão que ele era. Você sabia que ele chorou assistindo *Toy Story 3*?

Clawdeen deu uma risadinha.

Harriet suspirou.

— A parte mais difícil de ser pai ou mãe é ver os filhos cometendo erros. Nosso instinto é proteger vocês. Mas você está certa, Deenie. Às vezes temos que nos afastar e deixar que errem. O melhor que podemos fazer é estar prontos pra apoiar quando vocês precisarem.

Ping!

— Alguém está tentando te encontrar.

— Provavelmente Cleo e Melody estão querendo saber onde estou.

Clawdeen desligou o telefone. Elas iam acabar descobrindo.

— Ponha o cinto.

— Hã?

— Depressa — ordenou Harriet, ligando o motor. — Temos uma Festa Animal para ir!

O coração de Clawdeen começou a acelerar.

— O quê?

— Talvez você esteja certa — disse a mãe, ligando o ar quente.

— Talvez tudo fique bem. Mas eu vou estar ao seu lado, no caso de não ficar.

— Obrigada, mamãe — disse Clawdeen, dando um abraço gigante em Harriet. — Posso dirigir?

Harriet riu.

— Agora você está forçando — respondeu ela, saindo devagar da vaga.

— Espere! — gritou uma voz familiar. — Pare!

Harriet pisou no freio.

— Se você vai mesmo fazer isso, pelo menos me deixe dirigir. Sua idio... — Lala apareceu ofegante na janela. — Oh, Sr^a Wolf! Desculpe! Eu... Eu pensei que fosse outra pessoa.

Suas bochechas ficaram vermelhas como sangue. Foi a vez que ficou mais colorida na vida.

Clawdeen inclinou-se para frente e acenou.

— Tudo bem, La. Ela sabe.

— Você não vai deixar esse vestido fabuloso ser desperdiçado, vai? — perguntou Harriet.

Lala ficou confusa.

— Entre — disse Harriet. — Já estamos muito atrasadas.

Exultante, a vampira fez o que tinha sido ordenado, apertando-se no assento da frente com Clawdeen.

— Uh-hu! — gritaram as duas enquanto Harriet entrava na rodovia e acelerava na direção do que poderia ser o primeiro, e o mais catastrófico, erro da vida de Clawdeen.

E era incrível.



CAPÍTULO 21

SUMIDO APARECIDO

O trem freou apitando na estação Oregon City.

— Só mais uma parada e chegaremos lá — anunciou Billy.

Frankie enfiou as mãos dentro dos bolsos de seu jeans *skinny* preto e virou-se para a janela. Animada como estava para chegar a Portland, essa era a única estação que a preocupava. O objetivo: passar por ela sem faiscar. Isso não envolvia apenas seus dedos, mas também suas memórias.

Os olhos negros e quase amendoados de Billy ficaram espremidos de preocupação.

— Você está bem?

— Estou bem e carregada! — ela conseguiu responder, desejando que ele parasse de se preocupar tanto e a beijasse logo.

Daí ela poderia associar Oregon City com os lábios dele em vez dos lábios de Brett. E daí poderia finalmente fazer a fila andar.

Infelizmente, o BillyVisível não era o tipo que “dava-uma-pegada-no-trem”. Diferentemente de InvisiBilly, o novo Billy tinha se esforçado muito na última semana para provar que era um cavalheiro. E em algum momento, a amizade tinha se transformado numa conquista.

Ele não conseguiria se matricular “oficialmente” até o próximo semestre. Mesmo assim, Billy estava no Merston todos os dias às 3:35 da tarde com uma rosa negra e uma oferta para acompanhar Frankie para casa. Ele ajudava Viveka a tirar as compras do supermercado de dentro do carro. E sempre mandava uma mensagem antes de dormir. Eles riam menos, mas conversavam mais. Afinal, as piadinhas não tinham graça nem quando ele era invisível, quanto mais agora. Seus looks impressionantes e seu estilo limpo tinham se transformado em seu cartão de visita. E ninguém gostava mais de Billy do que os pais de Frankie. Eles nunca teriam deixado a filha ir ao show de Lady Gaga em Portland com Brett.

Ding! Ding!

As portas se abriram. Frankie se recusou a pensar na última vez que passara por elas. Recusou-se a prestar atenção à sensação efervescente que surgia em seu estômago. Recusou-se a imaginar como ela se sentiria se ele entrasse no trem naquele momento. Recusou-se...

“Don’t call my name, don’t call my name, Alejandro...”

Quatro loiras de farmácia entraram no trem entoando o coro de “Alejandro”. Vestidas com o mesmo vestido-camiseta de malha preto e as mesmas meias azuis, GAGA escrito em *pink* no peito, elas fizeram com que Frankie se lembrasse porque estava ali. De repente, todos os pensamentos sobre garotos, beijos e barrigas efervescentes ficaram em Oregon City, onde deveriam ficar.

Ainda cantando, as Gagas se sentaram do outro lado do corredor, de frente para Billy. Bronzeado e com feições marcantes, usando jeans claro, uma camisa branca com as mangas dobradas, tênis Nike turquesa e cinza, ele chamava muito a atenção. Mas elas também. Falando alto, altivas e desinibidas, elas eram tudo que Frankie queria ser. E tudo que ela podia ser... Pelo menos hoje à noite. Sem hesitar nem mais um minuto, ela tirou as mãos dos bolsos, ajoelhou-se no assento e juntou-se a elas.

— “*Don’t wanna kiss, don’t wanna touch...*”

Ela cutucou Billy para que ele cantasse também. E ele cantou.

Um homem carregando uma maleta dobrou o jornal e mudou de vagão. Elas acharam que aquilo era um convite para aumentar ainda mais o volume. Logo, fãs de todo o trem começaram a aparecer, cada um vestido como uma homenagem ambulante ao estilo único de Lady Gaga. Billy, que não conhecia nenhuma letra, balançava os braços como se regesse uma orquestra. De vez em quando, fazia Frankie morrer de rir com sua voz de falsete e depois voltava a encantar as outras meninas com seu sorriso brilhante.

Sem preocupações e desinibida, Frankie nunca tinha se sentido tão completa. Ela não estava pensando em IRADOs ou *normies*. Perigo ou segurança. Esconderijos ou protestos. Ninguém estava. Pela

primeira vez em sua vida, nada disso importava. Sua única preocupação era se divertir.

De braços dados, o *flashmob* musical cantou todas as músicas do *The Fame Monster* e metade do *The Fame* antes de chegar ao destino. Quando o trem diminuiu a velocidade, todos se amontoaram ansiosamente nas partes, prontos e dispostos para o verdadeiro acontecimento.

— Eu nunca acharia que você era um monstro — disse uma das loiras de farmácia. — Você parece tão... *normal*.

Billy caiu na risada. Frankie sorriu diante da ironia.

O *look* dela (botas pretas de amarrar, calça jeans preta justinha, uma blusa justa de gola alta e um colete de pele inspirado no da Cleo) tinha sido proposital. Hoje à noite, ela seria “normal”. Talvez assim conseguisse entender do que os *normies* sentiam tanto medo. Mas era óbvio que, pelo jeito com que tinha sido aceita, “normal” *vs* “monstro” não era a questão. A questão era a relação entre as pessoas.

Billy pisou na plataforma lotada.

— Você acha que o show vai ser tão legal quanto a viagem de trem?

— Tenho certeza que pode ser — disse Frankie, dando uma risadinha.

— Fico feliz que você tenha me ensinado as letras.

Frankie pegou a mão dele.

— Eu fico feliz por um monte de coisas.



A Arena Rose Garden estava mais eletrizada do que uma reunião da família Stein. O estádio estava carregado de alegria, pulsante com a energia que circulava pelos milhares de corpos se movimentando na mesma batida. Frankie saboreava tudo como uma refeição *gourmet*.

Roupa atrás de roupa, música depois de música, Lady Gaga deixava todo mundo ligado. Tanto que Billy estava suando um líquido dourado que já manchava a gola de sua camisa branca, um lembrete insistente de como eles eram diferentes. Não que ele parecesse notar, ou mesmo se importar. Ele colocou o braço ao redor de Frankie e cantou junto a letra de “So Happy I Could Die” com o prazer de alguém que tinha acabado de sair da prisão.

Durante o refrão, ele puxou Frankie mais perto. À vontade, ela lambeu os lábios e deixou que ele a guiasse. Ele virou-se para olhar para ela e sorriu como uma estrela de cinema. Aquela sensação de formigamento momentos antes de duas pessoas fazerem contato, quando o cérebro desliga e os corpos assumem, tinha começado. Uma ou duas bolhas explodiram dentro de seu estômago. A multidão ao redor deles tornou-se lenta e embaçada...

E daí ela começou a rir.

Billy se afastou, a expressão em seu rosto uma mistura de confusão e dor.

— Desculpe — disse Frankie, rindo de novo. — Não é nada...

— Tem certeza?

Frankie balançou a cabeça, segura. Billy fechou os olhos e se inclinou em direção a ela. Ela riu de novo.

— *O que foi?*

— Desculpe — disse ela, rindo. — É que até a semana passada você era, assim, o meu melhor amigo, e agora...

Ele a beijou. Primeiro com força, como se quisesse provar algo, e depois suavemente, como se quisesse provar seu amor. Para alguém com tão pouca prática, ele parecia saber o que estava fazendo. Suficiente para distraí-la do cheiro de caramelo queimado do spray bronzeador que cobria seu rosto.

Frankie imitava os movimentos com precisão e habilidade. Como uma fashionista robótica copiando as modinhas sem acrescentar seu estilo próprio, Frankie estava sem inspiração. E mesmo assim continuou, recusando-se a desistir até sentir os fogos de artifício. Porque Billy era perfeito para ela. E ela era...

Whoooooosh.

De repente, o corpo inteiro de Frankie começou a suar. Sua pele queimava, suas bochechas ficaram vermelhas. *Yes!* Ela inclinou-se ainda mais em direção a ele.

Billy se afastou.

— O que foi isso?

A camisa dele estava manchada de cor de laranja. Pingando de suor, ele limpou a testa, que ficou invisível. Ele limpou as costas da mão nos jeans, deixando outra mancha cor de laranja... E uma marca invisível naquela mão.

— Uh-oh, Billy, sua...

— Eu sei — Ele cruzou os braços sobre o peito. — Preciso começar a investir nas marcas caras — disse ele, despreocupadamente.

Frankie abriu sua bolsa-carregador e entregou a ele sua *nécessaire* de maquiagem.

— Tome.

— Que conveniente — murmurou ele, constrangido.

E ele tinha toda a razão de estar. Trocar saliva em público era uma coisa, mas maquiagem?

— É melhor você ir para o banheiro — sugeriu ela.

Antes que ele pudesse responder, eles foram atingidos por uma segunda onda de calor. Billy acidentalmente limpou o outro lado da testa. Frankie, sentindo-se toda mole, deduziu que estava parecendo um pedaço derretido de caramelo. O choque nos olhos semicerrados de Billy confirmou suas suspeitas.

— O que está acontecendo? — perguntou Frankie, colocando a mão sobre as costuras do pescoço.

Billy agarrou a mão dela antes que ela pudesse puxar.

— Vamos sair daqui.

Ela tentou lutar por mais uma música, mas havia prometido aos pais que não se colocaria em perigo. Até mesmo num show de Lady Gaga, se agarrar em público com um cara invisível mostrando a pele verde seria se colocar em perigo com letras maiúsculas.

Como Cinderelas à meia-noite, eles começaram a correr para a privacidade de sua abóbora. Mas a abóbora era o vagão do trem.

Com as cabeças abaixadas, eles passaram correndo pelas garotas que usavam óculos cobertos por cigarros, latas de refrigerante enroladas nos cabelos, sutiãs feitos de fita de isolamento policial e

macacões transparentes. Aceleraram e passaram correndo pela saída. De repente, tudo ficou com um brilho fluorescente. Deixar a alameda pulsante e cair na calma dos corredores cheirando a pipoca era um contraste imenso: como perder meia carga de uma vez.

Por todos os lados, vendedores exibindo lembrancinhas de Lady Gaga gritavam, oferecendo tentações enquanto eles passavam. Mesmo assim, Frankie se recusou a olhar. O cheiro de pipoca tinha sido substituído por caramelo queimado, pois o líquido bronzeador de Billy pingava sobre o corpo de Frankie. Ela considerou erguer o olhar para analisar o estrago no corpo dele, mas ouviu passos ao redor. Alguns até mesmo soavam como se estivessem correndo na direção deles. Frankie e Billy correram ainda mais rápido e...

Uff!

Dois corpos masculinos se chocaram com o casal. Um deles estava usando botas enormes para montanhismo, os cadarços estavam chamuscados.

Frankie ouviu uma voz masculina.

— Opa, cara, vocês estão estranhos!

Com os olhos baixos, ela cerrou os punhos. Ela considerou dar um choque neles para que conseguissem escapar.

Foi aí que o segundo garoto falou.

— *Stein?*

Ela soltou uma faísca imediatamente.

— Brett?

Ela ergueu os olhos e mais faíscas voaram.

— Vamos, Frankie — disse Billy, chegando perto dela. — Temos que ir.

Frankie concordou. Eles precisavam ir embora. *Então porque eu ainda estou parada aqui?*

— Cara, foram meus soluços que fizeram isso? — perguntou Heath, com os cabelos vermelhos e os cílios chamuscados.

Billy olhou para seu peito que estava desaparecendo. Ele abotoou os botões da blusa com suas mãos indetectáveis.

— Quem é esse cara? — Brett perguntou à Frankie, mais perturbado pelo que ele podia ver do que pelo que não podia.

— Quem você *acha* que é? — disse Billy, respondendo por ela.

— Não pode ser! Sumido, é você? — os olhos azul-jeans de Brett se arregalaram. — Frankie, este é o próximo da fila?

Ele não parecia arrogante, apenas triste.

— Sim — disparou Billy.

— Não! — disparou Frankie, ainda mais alto. — Quer dizer, não é o que parece. Eu...

Ela fez uma pausa, desejando desaparecer no lugar de Billy. *Mas o que parece?*

Um segurança dirigindo uma Segway estava vindo na direção deles.

— Precisamos tirar vocês daqui — disse Brett. — A irmã de Heath vai nos encontrar com o carro lá na frente.

Ele abriu o zíper do blusão marinho e colocou sobre os ombros de Frankie, levantando o capuz para cobrir o rosto dela.

— Billy, tire sua camisa e...

— E o cabelo dele? — apontou Heath.

— Tudo bem — disse Billy. — Alguns segundos debaixo da torneira e sai tudo.

Sua camisa manchada caiu no chão. Depois foram as calças, meias e sapatos, numa trilha que ia acabar no banheiro masculino.

O segurança passou por eles, encarando-os desconfiado.

— Vocês têm que ir — disse Billy, tirando as lentes de contato castanhas.

— Billy, espere! — choramingou Frankie.

Não fique triste? Não me odeie? Eu nunca quis magoar você? Ainda podemos ser amigos? Será que você vai me perdoar? Eu queria poder mudar o que sinto? Você merece alguém melhor? Dói mais em mim do que em você? Era um clichê atrás do outro.

— Você não pode ficar aqui. Venha com a gente. Por favor!

— E perder a chance de entrar no camarim da Lady Gaga? Esqueça.

Frankie deu uma risadinha entre as lágrimas. *Por que eu não consigo me convencer a gostar dele?*

— Vão embora! — ordenou o cabelo castanho flutuante. — Se vocês saírem agora, ainda poderão pegar a festa da Clawdeen.

Brett puxou o braço de Frankie.

— Você vai ficar bem? — tentou ela uma última vez.

— Mais do que bem — respondeu Billy, abrindo a porta do banheiro. — Você viu aquelas dançarinas gostosas? Algumas podem querer ajuda para se trocar depois do show.

— Matador! — riu Heath.

Culpa apertou com força o espaço vazio do coração de Frankie.

— Esta noite foi eletrizante — disse ela, com sinceridade.

— Eu sei — disse Billy. — Mas não houve faíscas.

No momento que a culpa começou a apertar de novo, Brett pegou a mão de Frankie e tirou-a dali. Ela começou a se derreter toda de novo.



CAPÍTULO 22

DESCABELANDO

Harriet teve que parar no beco sem saída dos Stein porque a rua estava toda cheia. Não que Clawdeen achasse ruim. Chegar atrasada na própria festa já era ruim o suficiente, mas chegar num caminhão de manutenção seria o *fim*. Esqueça!

— Melody prometeu e cumpriu! — exclamou Clawdeen ao pisarem na Radcliffe Way.

Estava mais quente ali do que no albergue. Ou era por que ela estava prestes a se reunir com as pessoas que ela amava?

— Nossa rua parece um estacionamento! — riu Lala, os olhos negros arregalados de espanto.

— Pense nisso — Harriet meditou. — Todas essas pessoas estão aqui para homenagear você.

— Viu? — disse Clawdeen, radiante. — Eu disse que ficaria tudo bem.

Mesmo assim, Harriet puxou a filha para perto, os pelos rompendo a trama da bolsa negra e irritando a pele dos ombros nus de Clawdeen. Era outro lembrete do risco que estavam correndo. Não era só a festa, mas a lua crescente. Mas por que pensar nisso quando a batida eletrônica de “The Time”, do Black Eyed Peas, estava bombando no quintal dos Wolf?

— Woo-hoo! — uivou Clawdeen.

Ela e Lala levantaram as mãos e começaram a dançar e cantar enquanto caminhavam.

“I had the time of my life, and I never felt this way before...”

Clawdeen não podia estar mais feliz. Quanto mais perto chegavam, mas ela queria correr. Mas Cleo sempre disse: “Aniversariantes não correm; eles aparecem”. Então, Clawdeen e Lala decidiram correr e *aparecer* logo.

— Uau! — exclamou Clawdeen, parando.

Dezenas de luminárias com velas tinham sido colocadas sobre a grama, iluminando o caminho para a tenda no quintal. Clawdeen reconheceu-as imediatamente: tinham sido usadas na Festa da Virada dos De Nile e ela sentiu-se tremendamente grata à Cleo (bem, aos empregados dela) por todo aquele trabalho. A cena parecia uma foto de um evento de celebridade da revista *InStyle*.

— Ficou lindo — disse Harriet, admirando seu jardim cintilante.

De repente, Clawdeen sentiu um aperto na cabeça... Apertou... E depois soltou. Outro surto de crescimento. Seus cachos ruivos caíram, balançaram e se acomodaram abaixo dos ombros. Por sorte, sua mãe estava ocupada demais admirando as luzes e não notou. Se tivesse notado, elas estariam voltando para o Hideout em segundos.

— Quem está pronto? — Clawdeen perguntou rapidamente.

Lala abriu um sorriso fantástico mostrando as presas e as duas enlaçaram os braços.

Dando a volta na casa com um vestido feito por si mesma, com botas incríveis, guiada pelas luminárias e pelo som do último *hit* de Bruno Mars, Clawdeen estava tendo um momento de princesa. Mas os plebeus *normies* tinham acertado uma coisa: nenhum palácio é melhor do que a nossa casa.



CAPÍTULO 23

ERA UMA LOBA, MAS DEU ZEBRA.

A tenda dourada projetava um brilho real sobre os mais de quarenta convidados enquanto DJ Duhman agitava.

O equipamento dele era um iPod *touch*, um fino cabo preto, um fone de ouvido com microfone e alto-falantes do tamanho de geladeiras. A “cabine”, uma tumba de bronze coberta de hieróglifos sustentada por patas de leão laqueadas de preto, tinha ficado relegada a um canto distante porque Cleo jurou que cheirava banana. E, aparentemente, Clawdeen não suportava bananas.

Espero que ela goste de festas com temática egípcia e salgadinhos do Oriente Médio...

— Teremos outra disputa em menos de 5 minutos — anunciou Duhman.

Dreadlocks coloridos como o arco-íris pendiam ao redor de seu rosto pálido como balões murchos enquanto ele passava pela lista de músicas, diminuindo “The Time” e aumentando o Bruno Mars.

Melody estava sentada sozinha numa cadeira forrada de dourado, perto de uma mesa forrada de dourado, observando a cena. Dançar era a penúltima coisa que estava com vontade de fazer naquela noite. Perder Jackson era a última. Pelo menos, todo mundo estava se divertindo. Julia Phelps estava cortando um pedaço de bambu com Haylee e o resto das ex-amigas de Bekka. Três caras IRADOs, que ela reconheceu dos encontros na casa de Frankie, tinham formado um trezinho com um trio de garotas *normies* da zona sem lactose. Braços cheios de pulseiras balançavam pelo ar enquanto corpos vestidos com tecidos de lavagem a seco colidiam pacificamente. Como era de se esperar, a maioria dos IRADOs não tinha aparecido e os que estavam ali usavam disfarces. Mas, mesmo assim, numa cidade supostamente cheia de “*normies* preconceituosos”, todo mundo parecia se misturar como poliéster e algodão.

Cleo tirou Mason Unger da pista de dança. O jogador de basquete de longas pernas arrastou-se atrás dela obedientemente, como um dogue alemão sendo conduzido por uma criança. Dez minutos com aquela beleza exótica e ele já estava envolvido, assim como a guirlanda preciosa envolvia seus cabelos, a seda dourada, suas pernas e o vestidinho tomara-que-caia vermelho-rubi, suas curvas.

Melody passou correndo pela exposição de fotos de Clawdeen através dos tempos, conseguindo impedir que o casal saísse da tenda.

— Alguma notícia? — perguntou ela, berrando mais alto que a música.

Os saltos altos azuis majestosos de Cleo derraparam antes de parar na mesa dos presentes.

— Se eu tivesse tido *alguma* notícia, você acha que eu estaria com... — Ela balançou a cabeça na direção de Mason.

— Não de *Deuce* — rebateu Melody. — De Clawdeen. Espero que ela esteja bem. Ela não respondeu nenhuma das minhas mensagens.

Cleo deu um riso sarcástico.

— Não deixe que suas penas fiquem estressadas — disse ela, fazendo uma piada óbvia sobre o vestido de penas e os adornos de cabeça combinando de Melody. — Deenie não vai deixar que nada a impeça de vir para esta festa.

— Bem, ela está mais de uma hora atrasada e eu acho que alguns caras já estão indo embora.

— *Ka* — disse Cleo, fazendo um gesto de repúdio com a mão cheia de joias. — É o que os caras fazem. Eles vão embora. Acostume-se. Eu já me acostumei.

Ela cutucou o dogue alemão e os dois saíram andando.

Eu não posso me acostumar com isso! Eu tenho que continuar tentando. Diferente de você. Eu não vou desistir. Não importa quantas vezes eu erre. Pelo menos não até amanhã. Melody queria gritar. Mas seu colapso emocional teria que esperar. Encontrar Jackson ainda era a prioridade mesmo que parecesse que ele não queria ser encontrado.

O plano era passar a mensagem de aceitação durante o brinde de aniversário de Clawdeen. Depois de algumas palavras sobre a

aniversariante, Melody convenceria a todos que deviam viver em harmonia e lutar para manter a Sr^a J. no Merston.

Cleo tinha dito que os aviões do Sr D. tinham que esperar o aeroporto fechar para decolarem, para que pudessem voar sem serem captados pelos radares. De acordo com a pesquisa de Melody, o último voo *legalizado* demoraria pelo menos 3 horas para partir. Ainda dava tempo de manipular a multidão para atacarem o aeroporto e pararem o avião. Isso se Clawdeen aparecesse...

Melody segurou seu estômago agitado. Seu estilo de vida estressante não estava combinando com sua digestão. Nem o cheiro de cebola, uva passa e canela que saía das bandejas de Beb e Hasina.

— Ok, baladeiros, quem está pronto para a próxima disputa? — perguntou o DJ Duhman.

— Woo-hoo! — respondeu a multidão suada.

Todos os convidados, com exceção de um grupo de seis garotos que estavam se escondendo perto da exposição de fotos, garantiram ao DJ que estavam prontos.

— Há! Adoro! Okeeei! Garotas, venham aqui e encontrem um cara que faça! Virar! A sua cabeça!

“Whip my hair” começou a bombar nos alto-falantes. Garotas começaram a tirar elásticos e grampos dos penteados. Quando a voz começou, elas estavam sacudindo os cachos no estilo Willow Smith. Um pouco mais de força e a tenda sairia voando.

Melody não conseguia evitar imaginar o que estaria fazendo se Jackson estivesse ali. Já que nenhum dos dois era do tipo que bate-cabelo, eles provavelmente estariam de lado rindo dos competidores zonzos perdendo o equilíbrio e trombando uns contra os outros. Era isso ou...

— Wolf! Wolf! Wolf! — gritaram em coro os seis garotos.

Clawdeen! Ela chegou!

Quanto mais cedo cumprimentasse a mulher do dia, mais cedo faria seu brinde e conseguiria impedir que o avião da Sr^a J. decolasse. Seus motivos eram ligeiramente egoístas, mas apenas a curto prazo. A longo prazo, ela contribuiria para a união de Salem e o bem-estar de todos.

Melody acenou para Cleo, chamando-a para o lado de fora da tenda.

— Ela chegou!

A múmia fez um sinal de 1 segundo com o dedo. Ela estava no telefone, andando para cima e para baixo enquanto Mason se apoiava num tronco embalado de dourado, cutucando as unhas.

— Wolf! Wolf! Wolf!

Apesar da chegada de Clawdeen, a pista ainda estava lotada. Melody acenou novamente para Cleo, que respondeu apontando para seu telefone e fazendo um sinal de positivo. Deuce tinha ligado, finalmente. E o sorriso de Cleo era tão luminoso que apontava um holofote no fato que Jackson não tinha ligado.

“Don’t let the haters keep me off my grind, keep my head up and I know I’ll be fine...”⁸

A música estava quase acabando. Tudo que Melody tinha que fazer era cumprimentar Clawdeen e atrair a atenção de todos antes que o DJ tocasse outra. Daí, ela podia fazer seu discurso e ainda teria muito tempo antes de convencer todo mundo a ir até o aeroporto e parar o avião da Sr^a J.

⁸ “Não deixo os preconceituosos me abalarem, mantenho minha cabeça erguida e sei que ficarei bem”. (N.T.)

Com urgência renovada, ela correu até o grupo de garotos *normies* que gritavam por Clawdeen. Ela rapidamente se deu conta que eles faziam parte do grupo que tinha fraudado o abaixo-assinado com nomes falsos. Mas Melody segurou a língua. Eles teriam o que mereciam logo, logo.

— Licença — insistiu ela, forçando o caminho entre o amontoado de gente.

Mas a gata ruiva e peluda não estava em lugar nenhum. Pelo menos não a original. A versão fotográfica, entretanto, estava por todos os lugares, emoldurada em telas gigantescas. Clawdeen recém-nascida, um bebê chupando o dedo, orelhuda engatinhando, vestida de super-heroína, sapateadora, uma adolescente usando um cinto de utilidades. Era uma foto mais adorável que a outra. Quer dizer, eram adoráveis até os garotos chegarem.

A caneta que estava presa ao livro de convidados tinha sido usada para desenhar longas garras nas mãos de Clawdeen. Dentes pontudos projetavam-se de sua boca e rabiscos imitando cabelo cobriam seu rosto.

Melody engoliu em seco para evitar vomitar o *baba ganoush*. Como ela pôde deixar isso acontecer?

— Wolf! Wolf! Wolf! — gritavam os garotos.

Eles estavam em frente a uma foto de Clawdeen na formatura do primário. Um garoto com uma camisa polo com pizzas embaixo do braço tinha desenhado uma lua cheia sobre a cabeça dela e agora estava acrescentando um esquilo pendurado na boca.

Cleo finalmente chegou correndo, um par de brincos de esmeralda dentro de sua mão cerrada.

— Onde ela está? — gritou ela, com o telefone ainda no ouvido. E daí, ela viu as fotos. — Oh. Meu. Geb. — murmurou, desconectando a ligação.

Melody olhou para o lado, envergonhada. Ela sabia exatamente o que esses *normies* pensavam dos IRADOs. As assinaturas falsas no abaixo-assinado tinham deixado isso perfeitamente claro. Mesmo assim, ela os convenceu a vir. Não para agradar Clawdeen, mas para si mesma. Não para salvar a Sr^a J., mas para salvar seu relacionamento com Jackson.

Melody não mais conseguia ficar ali observando aquilo. Ela ordenou que os garotos parassem. Mas eles não conseguiam ouvir a voz dela, pois a voz do DJ estava incentivando todos os competidores a girar como um ventilador e bater cabelo!

— Parem! — ela tentou de novo.

Mas os garotos continuaram desenhando. As únicas pessoas que pararam foram as três que estavam atrás deles.

A Sr^a Wolf, Lala e Clawdeen.



CAPÍTULO 24

ATAQUE DA MATILHA

— Minhas fotos! — gritou Harriet, seus olhos alaranjados procurando alguém para culpar.

Clawdeen não precisou ver os borrões de tinta nos dedos de Colton Tate para saber que ele tinha sido o responsável. Ele, junto com Darren, Tucker, Rory, Nick e Trevor a atormentavam desde que ela entrara para seu exclusivo time de montanhismo no Merston High. Ela nunca os colocaria na lista de convidados. Por que eles estavam ali? Eles jogavam bolinhas de cuspe em seus cabelos, esbarravam nela “acidentalmente” e até colaram desenhos toscos da anatomia masculina em seu armário. Cleo insistia que os seis tinham uma queda por ela, mas Clawdeen tinha certeza que não. Como o

técnico Paige costumava dizer, ela corria mais rápido do que um bebê sujava uma fralda. E isso fazia que os rapazes se sentissem mais descartáveis do que nunca. Mas porque eles não podiam deixar pra lá? Só por uma noite? Em vez disso, eles se viraram e encararam a pista de dança lotada, fingindo inocência com os olhos arregalados, assobios casuais e as mãos enfiadas nos bolsos de seus jeans.

— Oh, meu Geb, eu sei exatamente como se sente — disse Cleo, puxando Clawdeen num abraço perfumado de âmbar. — Você esperou e esperou por essa festa e mesmo estando tudo incrível e com uma decoração majestosa, uma coisa assim — ela gesticulou na direção das fotos — tinha que acontecer e estragar seu grande momento.

Clawdeen abraçou Cleo com força. *Sim, é exatamente como me sinto.*

— Como eu e Deuce. Eu esperei tanto para que ele me ligasse e, quando ele finalmente ligou, eu vi suas fotos zoadas e acidentalmente desliguei na cara dele. Então, meu grande momento também foi arruinado.

Clawdeen desfez o abraço e encarou os olhos cor de topázio da amiga. *Deuce? Você está achando que isso é sobre o Deuce?* Ela levantou as sobrancelhas como se perguntasse.

Pegando a deixa, Cleo mordeu o lábio, sem graça e, se desculpando, abriu a mão.

— Brincos?

Duas gotas de esmeralda espetaculares, adornadas com encaixes de ouro, piscaram mostrando o caminho da felicidade. Mas Clawdeen desviou o olhar. As joias eram fabulosas demais para o que estava sentindo.

Embaixo de seu belo vestido envelope customizado, com seu brilho furta-cor metalizado preto, um caleidoscópio girava fazendo emoções colidirem. Raiva bateu de frente com a frustração; frustração pegou a devastação; devastação acertou o arrependimento; daí, arrependimento se aliou à vergonha e à humilhação e nocautearam o coração de Clawdeen. Tudo que pôde fazer foi olhar suas fotos antigas e lutar contra a vontade de chorar.

Lala estava agarrada nela agora, tentando fazê-la reagir, sacudiando-a como se sacode uma máquina de refrigerante que não quer soltar a latinha.

— Deenie, diga alguma coisa!

Mas Clawdeen não conseguia falar. Palavras trariam lágrimas. E nada mostraria mais sua vergonha do que uma cara borrada de máscara para cílios e um vestido DVF com manchas salgadas.

Harriet começou a tirar as fotos das telas. Suas unhas tinham crescido desde que tinham saído do albergue, fazendo que ficasse mais difícil tirar as tachinhas douradas. Mas ela continuava tentando, demonstrando claramente que precisava cravar as unhas em alguma coisa.

O DJ declarou que Haylee era a vencedora do concurso bate-cabelo e começou a tocar a versão Glee para “I’ll Stand by You” (mesmo depois de Clawdeen ter enviado um e-mail há semanas dizendo para não tocar músicas lentas antes das 10 da noite). Todos saíram da pista de dança. Um por um, os amigos vinham oferecer abraços suados com cheiro de desodorante, votos de feliz aniversário e elogios ao *look*.

Clawdeen aceitou-os com simpatia, mas achou difícil fazer os lábios sorrirem. Seu coração estava pesado demais. E acabava levando todo o resto.

— Ei, para onde foram todos? — perguntou DJ Duhman. — Venham, voltem pra cá!

“I Want You Back” (Quero Você de Volta), a antiga canção dos Jackson Five, estourou nos alto-falantes e todos correram para a pista com gritinhos de excitação.

— Eu sinto muito — disse Melody Carver, os olhos cinzentos arregalados pelo choque. — Isso é tudo culpa minha.

O vestido dela estava coberto pelas penas mais luxuosas e vibrantes que Clawdeen já tinha visto. Mas o arranjo estava bem mal feito: havia muitas ao redor do pescoço e poucas perto da barra. Mas não era nada que uma customizadora especializada e uma Singer não pudessem consertar.

— Ohmeudeus, *eles* colocaram essas penas em você? — perguntou Lala, preocupada. — Isso é bem pior do que não ser legal.

— Não, fui eu mesma — disse Melody, e depois começou a falar sem parar sobre o abaixo-assinado, Jackson e como ela pensou que pudesse ajudá-lo. — Meu plano era juntar todo mundo e usar meus poderes de persuasão para fazê-los aceitar...

— Poder? — perguntou Lala. — Que *poder*?

— Minha voz — sussurrou Melody, apontando para o longo pescoço. — Eu consigo fazer as pessoas fazerem *coisas*...

— É verdade, não deixe que esses sapatos te enganem — disse Cleo, apontando para o All Star preto de cano alto de Melody. — Essa garota sabe fazer acontecer.

Clawdeen sentiu uma pressão começar na ponta dos dedos.

— Melody, vá — disse Cleo, cotovelando a *normie* na direção do grupo de garotos que tinha estragado as fotos. — Faça com que peçam desculpas a Clawdeen.

— Oh, sim! — Clawdeen revirou os olhos, sabendo como eles se dedicavam à humilhação dela.

Lala mordeu a unha do dedão.

— Vá! — Cleo apressou-a.

Melody pareceu pensar por um momento. Depois, recolocou os ombros no lugar e marchou até eles, com os cadarços meio desamarrados arrastando-se ao lado de seus pés. Ela cutucou as costas de Rory. Ele se virou para olhar para ela. Ela sussurrou alguma coisa no ouvido dele e depois fez o mesmo com Tucker, Nick, Trevor e Darren. Um por um, eles se aproximaram de Clawdeen e se desculparam pelo que fizeram com as fotografias. Eles se desculparam pelas bolas de cuspe, pelos desenhos obscenos, pelas trombadas na lanchonete e por todo comportamento ruim que tiveram.

Clawdeen ficou diante deles estupefata. Melody definitivamente tinha um poder.

— Ei, quando foi que *you* chegou? — perguntou Colton, seus olhos brilhantes cintilando travessuras.

Ele estava vindo da pista de dança.

O coração de Clawdeen começou a bombear Red Bull em vez de sangue. A pele de sua nuca se esticou. Ele era o pior de todos.

— Ei, caras! — chamou ele, ofegante, limpando a testa com o punho da camisa. — A aniversariante chegou! Vamos bater patas para...

— Ohmeudeus, cara! — gritou Nick. — Olha o pescoço dela!

— Tá parecendo um porco-espinho!

— Ela precisa de um veterinário!

O couro cabeludo de Clawdeen contraiu-se e relaxou. Os cachos ruivos balançaram e se acomodaram nos ombros.

Os garotos começaram a tirar os celulares.

— A CNN vai querer filmar tudo!

— O Animal Planet também!

— Hum, Sr^a Wolf — disse Cleo, quase em pânico.

Ninguém a não ser a família de Clawdeen tinha testemunhado a transição dela. Nem mesmo suas melhores amigas.

Harriet tirou os olhos das fotos e ficou sem ar. Mas tudo que Clawdeen pôde fazer foi lançar um olhar penetrante para os garotos e rosnar. Uma arranhada com aquelas garras e eles ficariam com cicatrizes para o resto da vida. Um empurrão e eles acabariam no chão no meio da pista de dança. Um rugido e eles estariam chorando e chamando suas mães, implorando por uma troca de fralda. Ela sorriu. Seria a última vez que eles a incomodariam, isso era certo.

Lala agarrou o braço de Clawdeen.

— Vamos tirar você daqui!

— Não, espere! — disse ela, permanecendo firme.

Ela estava farta de se esconder. Os Wolf passaram gerações evitando transições em público: era o maior medo deles. Mas por quê? Eles podiam correr mais rápido, lutar com mais força e escutar melhor do que qualquer *normie* que estivesse no caminho. Apenas aquele metabolismo colocaria Hollywood inteira de joelhos. Não eram eles os poderosos? Não eram os *normies* que deviam ter medo?

— Vamos embora! — insistiu Harriet, levantando a filha pela cintura e correndo para fora da tenda.

Lala e Cleo correram atrás.

— Me largue! — Clawdeen se debateu, lembrando-se como Clawd a carregara da casa de Cleo dias antes da mesma forma humilhante. — Eu disse ME LARGA!

Ela conseguiu se debater até se soltar perto da árvore encapada de dourado.

— Olhe! — Harriet lhe deu um espelhinho.

Lala e Cleo ficaram ao lado dela, tendo uma hemorragia de correntes nervosas. Mas Clawdeen estava estranhamente calma enquanto olhava para seu reflexo no espelho pela segunda vez naquela noite. Só que agora seu pescoço estava envolvido por um pelo ruivo luxuoso. Seus cachos estavam tocando o sutiã embutido do vestido. E suas unhas estavam longas como as de Rihanna. *Como não amar isso?*

— Vamos, Deenie, você já cometeu seu grande erro. Podemos ir agora? — apressou-se Harriet, os olhos mais alaranjados do que castanhos.

Ela também ia começar a transição logo, logo.

— Por que, mãe? Todo mundo sabe. Então, qual é...

— Oi! — gritou uma voz animada vinda da trilha luminosa.

Frankie Stein vinha correndo na direção delas, os braços já abertos para um abraço. Brett e Heath estavam alguns passos atrás dela.

— Feliz aniversário! Sinto muito pelo atraso! A gente estava no show da Lady Gaga e eu tive que parar para retocar a maquiagem e...

Seus dedos faiscaram. Ela parou de andar e seus braços prontos para o abraço caíram ao lado de seu corpo.

— Seu pelo!

— Eu sei — Clawdeen deu uma risadinha. — Acabou de acontecer.

— Os brincos vão se destacar mais ainda agora — disse Cleo, abrindo a mão.

Desta vez, Clawdeen os pegou.

Harriet cruzou os braços sobre o peito e suspirou. O suspiro pareceu mais um suave rosnado.

— Feliz aniversário — disse Brett, tímido.

— É — Heath acenou. — Feliz aniversário.

Clawdeen, Lala e Cleo trocaram olhares.

Frankie pegou a mão de Brett.

— Tudo bem. Ele está do nosso lado.

Lala sorriu aliviada, seus caninos ultrabrancos brilhando ao luar.

De repente, batidas marcantes e familiares tomaram conta do quintal. Alguma coisa que parecia um foguete disparado dos pés até a cabeça. O DJ estava tocando a música dela.

— Ahhhh! — gritou Lala.

— Ahhhh! — respondeu Clawdeen.

— *“If you’re one of us then roll with us”*⁹, cantaram todas junto com Ke\$ha.

O telefone de Cleo tocou. Era Deuce. Ela atendeu rapidamente gritando “eu te ligo de volta” e desligou. Depois começou a cantar:

— *“We runnin’ this town...”*¹⁰

— *“You don’t wanna mess with us...”*¹¹

⁹ “Se você é um de nós, então dance com a gente”. (N.T.)

¹⁰ “Nós vamos correr por essa cidade”. (N.T.)

¹¹ “Você não vai querer mexer com a gente”. (N.T.)

E antes que se dessem conta do que estava acontecendo, Clawdeen tinha agarrado as amigas e corrido pela grama até a pista de dança. Ela finalmente ia fazer como suas primas europeias e deixar tudo aparecer.



Forçando passagem entre uma massa gigantesca de corpos em rotação, Clawdeen aterrissou bem no meio, na hora do refrão.

Elas cantaram o mais alto que podiam, as vozes se misturando a dezenas de outras ao redor delas. Os garotos do time estavam documentando a cena com seus celulares, mas, em vez de se esconder, as garotas estavam dando exatamente o que eles queriam. Lala sorriu abertamente para as pequenas lentes. Clawdeen enrolou o pelo e Frankie tirou a maquiagem esfregando a cara na camisa deles. Logo, Brett estava dançando ao lado dela, ajudando a limpar as últimas gotas de Silly Putty atrás das orelhas. Haylee conseguiu chegar até o círculo e se remexeu ao lado de Heath. Uma labareda de fogo saiu da boca dele e todo mundo aplaudiu. Hariett estava entre eles. Frankie levantou os dedos acima da multidão e soltou faíscas no ritmo da música. Os garotos do time fizeram um círculo ao redor de Clawdeen enquanto ela dançava. Eles dançaram também.

As músicas acabavam e começavam sem parar, e a festa não dava sinais que estava chegando ao fim. Os irmãos Wolf chegaram, graças a uma ligação de Harriet e ordens expressas para soltar a

franga, ou melhor, os pelos. Quando tudo terminou, DJ Duhman tinha feito mais de três horas extras.

Clawdeen prometeu que limparia o cofrinho para pagar os custos extras e Hariett concordou. Afinal, seiscentos dólares era um preço baixo a se pagar pela liberdade.



A vida tinha voltado ao normal. Só que tudo tinha mudado.

Billy não conseguia imaginar nada mais deprimente do que voltar sozinho para Salem, invisível como sempre. Cada freada e apito de trem o torturariam, uma lembrança cruel que ele não havia notado esses sons na ida. Como poderia ter notado? Ele estava se divertindo tanto...

Ele pensou em pedir para que Candace viesse buscá-lo, mas Frankie tinha ficado com o telefone dele. Pelo menos era essa razão que ele preferia. Na verdade, estava envergonhado demais. Como ele podia explicar a derrota para uma garota que nunca tinha perdido?

Então, depois de uma rápida lavada nos cabelos, Billy correu como louco para conseguir uma carona para casa com a irmã de Heath.

Amassado no banco de trás do Harmony Prius, pressionado contra a janela fria, ele se sentiu como um inseto que o Sr Stein poderia esmagar entre dois vidros e estudar no microscópio. Só que pior. Pelo menos o inseto estaria morto e não teria que ouvir Frankie dando risadinhas e beijinhos em outro cara.

Ele queria odiá-la. Desejava odiá-la. Mas quando chegaram à Radcliffe Way, ele a amava mais do que antes. E a vontade de matar Brett era um pouco menor.

Dava pra ver que Frankie e Brett realmente se gostavam. Sempre se gostaram. O tempo que tinham passado separados foi uma casualidade de guerra. O interesse de Frankie por Billy foi apenas para se distrair da dor, incentivado pelo conselho da mãe para que ela ficasse com “os de sua espécie”. Era difícil de escutar, mas bom saber.

Billy também ficou sabendo que Frankie o considerava seu melhor amigo. E ela insistia que Brett lidava bem com o relacionamento deles. Brett prometeu que sim. Ele disse que sempre gostou de Billy, mesmo sabendo que os sentimentos não eram mútuos.

Se Billy pudesse dizer que, agora, eram sim...!

Harmony tinha deixado todos eles na casa de Clawdeen, onde Frankie e Brett estavam dançando e trocando faíscas por mais de uma hora. Faíscas que Billy e Frankie nunca trocaram.

Ele observou de fora quando seus amigos finalmente assumiram a verdade. Unidos como uma comunidade, estavam revelando todas as esquisitices que tinham. Era o fim de uma era e o começo de outra. Tudo era possível simplesmente porque ninguém podia provar que não era.

Inundado pela esperança, Billy não conseguiu evitar imaginar como seria beijar uma garota que realmente queria beijá-lo também. Seria ela uma *normie* ou uma IRADO? Ela ia preferir spray bronzeador ou seu estado natural? Será que...

De repente, “Invisible”, de Ashlee Simpson, começou a tocar.

Ele riu. Candace tirava sarro dele com essa música desde o dia em que se conheceram. Deixava na sua caixa postal, tocava no rádio do carro, cantava quando andavam juntos pela rua e se divertia com a reação das pessoas. Ele sorriu, sem sentir mais vergonha.

— O que é tão engraçado? — alguém riu.

— Quem está aí? — perguntou ele, olhando ao redor.

Billy passou a mão pelo cabelo. *Será que esqueci um pedaço?*

Alguma coisa assobiou. Como um pneu esvaziando ou uma lata de spray. Segundos depois, uma garota apareceu ao lado dele. Ou melhor, só o rosto dela. Dois pálidos olhos azuis e lábios carnudos. Um cachinho lilás beijava sua bochecha como uma borboleta.

— Sou Spectra — disse ela, com um sorriso, e desapareceu.

Com outro assobio, apareceu uma mão estendida. Depois que eles se cumprimentaram, a mão desapareceu.

— Você consegue me *ver*? — perguntou Billy e, rapidamente se dando conta, cobriu seu...

— Não! — ela deu risada. — Não se preocupe. Eu só consigo ver uma bolha de calor. A não ser que eu passe o spray. Daí eu posso...

— Não! — Billy se afastou da voz. — Nada de spray... Pelo menos abaixo do pescoço.

— Fechado! — disse ela, disparando uma brisa com cheiro de biscoito na direção do rosto dele.

— O que é isso?

— Cheiro bom, né? — disse ela, passando também no próprio rosto para que ele visse seu sorriso. — Até agora, eu tenho 33 cheiros diferentes. Eu... — Ela ficou corada e desapareceu. — Uau, você...

— O quê?

— ... não é feio.

— Por quê? Você achou que eu fosse?

— Eu não sabia o que achar.

— Você andou pensando em mim? — disse, grato por ela não conseguir ver seu sorriso gigantesco.

— Desde aquela brincadeira que você fez.

— Quando eu me vesti de Frankie e fui ver Brett no hospital?

— Não. Quando você amarrou os cadarços do Sr Barnett.

Billy teria soltado faíscas se pudesse.

— Na oitava série?

— Sim.

— Você quer dançar? — perguntou ele.

— Você finalmente perguntou! — disse ela, parecendo sorrir enquanto falava.

Era mesmo o começo de uma nova era.



CAPÍTULO 25

TROCA DE CHOQUE

Frankie e Brett acenaram adeus para outro carro lotado de convidados indo embora pela Radcliffe Way. À noite, o ar tocava sua bochecha sem maquiagem de um jeito diferente. Como lavar louça com as mãos nuas em vez de usar luvas.

— Ainda não consigo acreditar que eles podem ver seu verdadeiro rosto — disse Brett, acenando.

Ele colocou os braços ao redor dos ombros dela e os dois começaram a andar pela rua até o beco sem saída.

— Esta tem que ter sido a melhor noite da sua vida.

— Por quê? — perguntou Frankie, balançando sua bolsa-carregador. — Porque estamos juntos de novo?

Ele riu.

— É.

Mas Frankie sabia que Brett estava se referindo a uma noite que começou com um show de Lady Gaga e acabou numa festa dançante sem precedentes, que permitiu que os IRADOs se soltassem na frente dos *normies*. Era tudo que ela sempre quis. E por alguma razão, Frankie se sentia inquieta e insatisfeita. Como se não merecesse toda aquela sorte. Como um adolescente relaxado que acabara de herdar uma fortuna ou uma celebridade que conquistou a fama por causa de um *reality show*.

Brett parou de andar.

— Qual é o problema? — perguntou ele, procurando a resposta no rosto limpo dela.

— Não acredito que Billy perdeu tudo isso — disse ela, desejando que ele tivesse estado ali. — Espero que ele esteja bem.

O que ela realmente queria dizer era “espero não ter quebrado seu coração”. Mas era óbvio pelo jeito com que Brett olhou para ela que ele tinha entendido.

— Eu sei como é perder a senhorita Frankie Stein — Ele suspirou, pegando a mão dela. — E não é fácil.

— Isso era pra que eu me sentisse melhor? — perguntou ela, se afastando.

— Não, acho que não — Brett deu uma risada. — O que eu quis dizer foi que você é uma boa amiga e ele tem sorte de ter a sua amizade. Ele sabe disso. De qualquer forma, nenhum cara ia querer ficar com uma garota que não está a fim dele. Então, você fez um favor para ele. De verdade.

Frankie apreciava o esforço de Brett para fazer com que se sentisse melhor, mas a única coisa que aliviaria a dor em seu espaço

do coração era saber que seu amigo estava bem. Além disso, a culpa por causa de Billy era apenas metade do problema.

— Você acha que eu sou um fracasso? — perguntou ela, desejando ser forte o suficiente para esconder suas inseguranças.

Mas alguma coisa em Brett fazia com que se sentisse segura. Talvez a cor azul de seus olhos. Como jeans, seriam eternos.

— Um *fracasso*?

Frankie se lembrou da conversa de seus pais que tinha escutado no dia em que nasceu:

— *Ela é tão linda e tão cheia de potencial e...— Sua mãe fungou. — Só fico arrasada de pensar que ela terá que viver... Você sabe... Como nós.*

— *Qual é o problema de ser como nós? — perguntou o pai.*

Mas alguma coisa em sua voz já indicava que ele sabia.

Viveka deu uma risada irônica.

— *Você está brincando, não está?*

— *Viv, as coisas não vão ser assim para sempre — disse Viktor.*

— *As coisas vão mudar. Você vai ver.*

— *Como? Quem vai mudar as coisas?*

— *Eu não sei. Alguém... fará isso.*

— *Bem, espero ainda estarmos aqui para ver isso — disse ela, suspirando.*

— Era pra eu ser essa pessoa — disse Frankie, travando os dentes para não chorar. — Eu tinha que mudar as coisas para ela. Mas todas as vezes que eu tentei, eu fiz bobagem.

Brett levantou o queixo dela para olhá-la nos olhos.

— Hoje à noite, IRADOs e *normies* estavam juntos. Como sua mãe queria.

— É, mas eu não tive nada a ver com o que aconteceu. Clawdeen fez tudo. Eu estava ocupada demais pensando em garotos e no show e em me divertir e...

— Mas não é nisso que você tem que pensar?

Frankie pensou nos programas de TV, nos filmes e nos livros para meninas da idade dela. E ele estava certo. Garotos, música e diversão eram as coisas que mais apareciam. Mudar o mundo sozinha? Não muito.

— Além disso, você não acha que tudo que você fez ajudou a tornar isso possível? Você foi a faísca que começou tudo, Frankie — Ele tirou um fio de cabelo caído no rosto dela. — Hoje à noite, enquanto a gente dançava, você não estava feliz? — perguntou ele, o luar refletido em seu cabelo preto espetado.

Dava pra ser mais gato que isso?

Frankie pensou no que tinha sido limpar a maquiagem na batida de Ke\$ha, arrancar as mangas da camisa ao som de Pink, disparar e faiscar brilhantes raios azulados dos dedos, ficar com o namorado *normie* e derreter um pouquinho mais cada vez que as mãos dele roçavam seus raios.

— Foi a noite mais eletrizante que já tive — disse ela.

— Você *realmente* deu para a sua mãe o que ela queria — disse ele.

Frankie ficou na ponta dos pés e lhe deu um beijo. Seu rosto verde pressionado contra o rosto branco dele. Bem no meio da Radcliffe Way, no meio dos carros que passavam.

E a melhor parte? Ninguém parecia ligar a mínima.



CAPÍTULO 26

JACKSON

Aconteceu do mesmo jeito que acontecia nos desenhos animados. Mas em vez de um coelhinho bobo correndo atrás do aroma irresistível de alguma armadilha, Melody captou uma melodia no ar.

Começou suavemente, como um bocejo lírico. E expandiu-se assombrosamente, arrastando cada nota longa como uma exalação e depois desapareceu como fumaça. Soava como se não se fizesse esforço, como se fosse respirar. Mas era inspiradora como poesia. *Será que mais alguém na festa consegue ouvir isso?* Parecia

improvável, com a música no último volume. Então, como ela estava conseguindo?

Clawdeen tinha sido abduzida pela mãe. Melody começou a segui-las até a árvore da frente da casa...

Mas a música... A música estava dentro dela agora. Entrando pelos seus poros, como suar ao contrário. Crescendo e sumindo... Crescendo e sumindo... Em perfeita sincronia com a subida e descida do abdomen de Melody. Seu coração tornou-se o metrônomo; sua voz, o comando. E esse mestre queria que ela saísse de lá.

Gentilmente, mas firme, a melodia a atraiu como a corrente de um rio calmo. Melody seguiu o chamado pela Radcliffe Way. Seus pensamentos não ricocheteavam mais entre Jackson e Clawdeen. Tudo que ela ouvia era a música. Era tudo que queria ouvir. Sua mente estava vazia, em paz. Ela podia seguir o som por dias.

Mas parou imediatamente quando ela bateu na porta do chalezinho branco. O riacho calmo transformou-se num mar tempestuoso, sacudindo seus pensamentos como marinheiros afogados.

O que estou fazendo aqui?

A mulher com olhos verdes como o mar era a última pessoa que Melody queria ver. Um sermão começando com “eu não disse?” seria inútil nesse momento. Ela estava ciente até demais da fragilidade do destino. Ela observou quando ele desabou impiedoso sobre Clawdeen. A partida de Jackson seria a punição cósmica de Melody. E ela teria que aceitar com a cabeça baixa.

Assim que ela se virou para ir embora, a porta se abriu. Surpreendentemente, os olhos que apareceram eram castanhos.

— *Melody?*

— Sr^a J.? — disse ela. E caiu em si. — Ohmeudeus, Sr^a J.!

Sem se importar se aquilo era apropriado ou não, ela puxou a mulher para um abraço.

— O que você está fazendo aqui? Isso é real? Você é real? — perguntou ela, sem deixar que a Sr^a J. escapasse do abraço.

— Sim, é real — riu a Sr^a J.

— Mas como...?

— Nós estávamos quase decolando quando recebemos uma mensagem do Sr D. Parece que todo mundo está pronto para tomar uma atitude. — Ela sorriu, seu batom vermelho fosco perfeitamente intacto, como sempre. — E você sabe quais são as estatísticas a favor da segurança.

Porque Jackson não me falou? Porque ele não...

— Jackson está tomando banho — disse a Sr^a J. — Você pode entrar e esperar se quiser. Ele vai ficar feliz em ver você.

— Tudo bem — disse Melody, cansada de parecer patética.

Se Jackson quisesse falar com ela, ele podia ter ligado. E ele não ligou.

— As coisas ficaram meio malucas lá na casa da Clawdeen, então...

— A culpa não é dele, Melody.

— Hã? — perguntou ela, com uma faísca de esperança.

— É minha — suspirou a professora. — Eu joguei meu filho numa onda de calor por duas semanas inteiras.

— O quê?

— Jackson teria encontrado uma forma de se comunicar com você e era crucial que ninguém soubesse onde estávamos nos escondendo — disse a Sr^a J. — Nem mesmo você.

— Então, você o transformou em D.J.?

— Sim. Foi legal, na verdade. Nós nos demos bem. E Jackson não se lembra de nada. Mas o pobrezinho estava *tão* suado!

Melody deu risada. Jackson estava lá em cima tomando um banho!

E se ela não tivesse convidado aqueles *normies* para a festa animal de Clawdeen? Será que ele ainda estaria lá em cima tomando um banho? Será que Clawdeen teria encontrado outra desculpa para sair em público? Se ela conseguisse, será que os irmãos dela teriam ido junto? Será que Lala e Cleo teriam ido? Será que teria terminado do mesmo jeito, com o apoio de toda a comunidade? Será que teria trazido Jackson para casa?

Era impossível saber. Mas com certeza era algo grande mexer com o destino de todo mundo.

— O que aconteceu com a mulher que vivia aqui? — perguntou Melody.

— Vocês realmente se deram bem, não?

— Na verdade, não.

— Oh — exclamou a Sr^a J., afastando-se da porta. Ela voltou rapidamente com um envelope selado. — Bem, ela deixou isso para você.

— Sério?

— Entre, sente-se. Eu tenho que desfazer as malas. Jackson já vai descer.

Melody seguiu a Sr^a J. entrando na casa fria e sentou-se no empoeirado sofá de veludo da sala de estar, que a abraçou como um amigo que não se via há muito tempo.

Quando ficou sozinha, ela abriu a carta. Uma pena, azul-esverdeada, com a ponta dourada, caiu em seu colo.

30 de outubro

Querida Melody,

Uma boa mãe sabe o que é melhor para seu filho. Mas uma ótima mãe faz o que é melhor, mesmo quando não é bom para ela. E por isso, minha filha, que eu dei você para adoção. Nenhum dia se passou sem que eu não sentisse a dor pungente da minha decisão. Mas eu não me arrependi. Eu queria que você fosse livre para tomar suas próprias decisões. Para viver sua própria vida. E também para estragar tudo de vez em quando. Mas você não teria essa liberdade se eu tivesse criado você. Porque eu também tenho uma voz poderosa. É muito mais convincente que a sua.

Nós somos sereias. Mulheres-pássaro. Nossas canções são sedutoras e nossas palavras são poderosas. As suas irão ficar ainda mais poderosas à medida que você ficar mais velha, então use sua voz com sabedoria. Não somos donas do destino e não podemos controlá-lo. Lembre-se, o poder real não vem da canção da sereia, mas de seu coração.

Até a próxima.

Todo o meu amor,

Marina

P.S.: O que aconteceu com seu lindo nariz? Você o quebrou? Se quebrou, como foi? Para você saber, eu quebrei o meu jogando futebol logo depois de você nascer. Nota: garotas como nós nunca devemos

gritar “passe!” a não ser que estejamos preparadas. De qualquer forma, o dr. Carver me “consertou” rapidamente. Durante uma consulta no pós-operatório, ele mencionou como ele e a esposa estavam lutando para adotar uma criança. Eu sabia que eles a amariam tanto quanto eu.

Aliviada, Melody enterrou o rosto nas mãos e começou a rir. Era a última reação que pensou que teria com um bilhete daqueles. Mas o peso de centenas de perguntas tinha sido retirado de seus ombros, deixando-a leve e feliz. Tudo fazia sentido: a voz, as penas, Marina, seus pais, seu lugar no mundo. Seu lugar na comunidade. Seu lugar no coração de Jackson. As respostas estavam em suas mãos. E cada uma delas provava uma verdade: ela era amada.

Lá em cima, os canos rangeram e o chuveiro foi desligado. Jackson estava se secando. Ele não estaria cheirando pastel quando a abraçasse: estaria cheirando sabonete. Não fariam sobre onde ele tinha estado, mas para onde estariam indo. E não teriam que achar um lugar para Melody entre os IRADOS; eles saberiam. Ela era uma sereia. Ela fazia parte daquele grupo.

Melody pensou no dia que tinha chegado a Salem. Ela olhou pela janela do BMW do pai, pensando que no minuto que descesse do carro começaria uma nova vida. Agora, com o som dos passos de Jackson estalando logo acima e a carta de Marina apertada em sua mão, ela se dava conta que estava errada. Sua nova vida não tinha começado naquele momento.

Estava começando agora.

